



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

HELENITA MARIA TEIXEIRA MARQUES MARTINS

**ENCONTROS E DESENCONTROS NO PARAÍSO: ETNOGRAFIA DE RELAÇÕES
AFETIVO-SEXUAIS ENTRE PESSOAS LOCAIS E TURISTAS
ESTRANGEIRAS(OS) EM JERICOACOARA-CEARÁ, BRASIL**

FORTALEZA

2024

HELENITA MARIA TEIXEIRA MARQUES MARTINS

ENCONTROS E DESENCONTROS NO PARAÍSO: ETNOGRAFIA DE RELAÇÕES
AFETIVO-SEXUAIS ENTRE PESSOAS LOCAIS E TURISTAS
ESTRANGEIRAS(OS) EM JERICOACOARA-CEARÁ, BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de
Associado de Pós-Graduação em
Antropologia da Universidade Federal do
Ceará e Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Antropologia.

Área de concentração: Antropologia
Social.

Orientadora: Prof^a. Dra. Lea Carvalho
Rodrigues.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- M343e Martins, Helenita Maria Teixeira Marques.
Encontros e desencontros no paraíso : etnografia de relações afetivo-sexuais entre pessoas locais e turistas estrangeiras(os) em Jericoacoara-Ceará, Brasil / Helenita Maria Teixeira Marques Martins. – 2024.
132 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Fortaleza, 2024.
Orientação: Prof. Dr. Lea Carvalho Rodrigues.
1. Antropologia do turismo. 2. Relacionamentos afetivo-sexuais. 3. Emoções. 4. Jericoacoara. I. Título.

CDD 301

HELENITA MARIA TEIXEIRA MARQUES MARTINS

ENCONTROS E DESENCONTROS NO PARAÍSO: ETNOGRAFIA DE RELAÇÕES
AFETIVO-SEXUAIS ENTRE PESSOAS LOCAIS E TURISTAS
ESTRANGEIRAS(OS) EM JERICOACOARA-CEARÁ, BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de
Associado de Pós-Graduação em
Antropologia da Universidade Federal do
Ceará e Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Antropologia.

Área de concentração: Antropologia
Social.

Orientadora: Prof^a. Dra. Lea Carvalho
Rodrigues.

Aprovada em: 27/06/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Lea Carvalho Rodrigues (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Juliana Gonzaga Jayme
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)

Prof. Dr. Martinho Tota Rocha de Araújo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Mariana Mont'Alverne Barreto Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha mãe, Maria Rodrigues Teixeira (in
memoriam);

A todas as pessoas que tornaram essa
pesquisa real.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dra. Lea Carvalho Rodrigues, pela excelente orientação e apoio em minha trajetória acadêmica e por todos os conselhos e suporte em todas as etapas desse processo.

As(os) professoras(es) participantes da banca examinadora, Juliana Jayme e Martinho Tota, também aos demais docentes que contribuíram na minha formação e pesquisa ao longo do curso de mestrado no PPGA UFC/Unilab.

À Instituição Capes/CNPQ, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio que foi de extrema importância para esse processo.

À minha família: minha mãe Maria Rodrigues (in memoriam), Nelita e Isaque; Denise e Felipe; Izabel, Camila, Gabriel e Quim por todo o apoio em toda essa caminhada.

Ao Bruno, amor e parceiro de vida, e à querida Maria do Socorro que, gentilmente, me acolheu em sua casa.

À Sylvia Bizzo, por todas as escutas atenciosas nos dias bons e ruins.

Aos meus colegas da turma de mestrado que compartilharam as dores e as delícias da jornada na pós-graduação junto a mim.

À Lívia Teixeira, ao William Lacerda e ao Lucas Oliveira, pois foram lágrimas e risos compartilhados em toda essa etapa.

À todas as manas que me ajudaram desde a etapa da criação do projeto até os detalhes cuidadosos ao final: Raquel Oliveira, Marcelle, Juliana e Nildamara.

À todas as pessoas que me receberam em Jericoacoara, que compartilharam comigo as trajetórias de suas vidas afetivas.

Sou feita de retalhos.

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.

Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...

Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de 'nós'.

(Cora Coralina)

RESUMO

O objetivo desta dissertação de cunho antropológico foi compreender, a partir de uma etnografia realizada em Jericoacoara, Ceará, valendo-se da análise de entrevistas com oito interlocutoras(es) que contribuíram com narrativas sobre relacionamentos afetivo-sexuais entre pessoas locais e estrangeiras, como se dá a construção de vínculos e, ao mesmo tempo, conflitos emocionais, e como estes se configuraram na vida dessas pessoas. Considera-se, ainda, como a noção de temporalidade das relações e as mobilidades dentro e fora do local turístico influenciam nas percepções afetivas e emocionais dessas pessoas. A vila de Jericoacoara é um destino turístico dentre os mais procurados nacional e internacionalmente e, por esse motivo, os relacionamentos têm como ponto de conexão essa localidade, contudo, acontecem em mobilidades por países da Europa, América do Norte ou mesmo outras cidades do Brasil. A metodologia contemplou a realização de entrevistas em profundidade, conversas informais e observações de campo ao longo de dois anos de pesquisa, por meio das quais percebi como essas pessoas, em seus relatos, expressaram emoções e sentimentos diversos nos relatos sobre os relacionamentos afetivo-sexuais que elas mantinham em suas interações nos locais turísticos, ou quando estavam em mobilidades. As informações levantadas, a partir desses encontros e entrevistas, revelaram a relevância da dimensão emocional e do vínculo afetivo nas situações acompanhadas. Os estudos antropológicos sobre o turismo sexual como fenômeno de interações afetivo-sexuais em locais turísticos e as possibilidades de mercados dos sexos em contextos de migrações enfatizam, com raras exceções, a compreensão dos relacionamentos com foco nas relações econômicas e benefícios materiais que o encontro sexual entre turistas e locais produzem. De outra forma, a partir das narrativas apresentadas nesta pesquisa, é possível compreender que a dimensão afetiva se sobrepõe, em várias fases do relacionamento, à dimensão material, ou seja, aos ganhos financeiros e materiais. Assim, a compreensão simbólica dos relacionamentos afetivo-sexuais, aqui apresentada com foco nas emoções e conflitos, contribui para os estudos de sexualidades vividas nos locais turísticos, tanto a nível local como global.

Palavras-chave: antropologia do turismo; relacionamentos afetivo-sexuais; emoções, Jericoacoara.

ABSTRACT

The objective of this dissertation, of an anthropological nature, sought to understand, based on an ethnography carried out in Jericoacoara, Ceará, using eight narratives about affective-sexual relationships between local and foreign people, how bonds are built and, at the same time, at the same time, emotional conflicts and how these were shaped in the lives of these people. It is also considered how the notion of temporality of relationships and mobility inside and outside the tourist location influence the affective and emotional perceptions of these people. The village of Jericoacoara is a tourist destination among the most sought after nationally and internationally, for this reason relationships have this location as a point of connection, however, they occur when traveling through countries in Europe, North America or even other cities in Brazil. The methodology included in-depth interviews, informal conversations and field observations over two years of research, through which I understood how these people, in their reports, expressed different emotions and feelings in their reports about the affective-sexual relationships that they maintained in their interactions in tourist places or when they were on the move. The information gathered from these meetings and interviews revealed the relevance of the emotional dimension and the emotional bond in the situations monitored. Anthropological studies on sexual tourism as a phenomenon of affective-sexual interactions in tourist locations and the possibilities of sex markets in migration contexts emphasize, with rare exceptions, the understanding of relationships with a focus on economic relations and material benefits that the sexual encounter between tourists and locals produce. Otherwise, based on the narratives presented in this research, it is possible to understand that the affective dimension overlaps, at various stages of the relationship, the material dimension, that is, financial and material gains. Thus, the symbolic understanding of affective-sexual relationships, presented here with a focus on emotions and conflicts, contributes to the studies of sexualities experienced in tourist locations, both locally and globally.

Keywords: anthropology of tourism; affective-sexual relationships; emoticons; Jericoacoara.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mapa de Jericoacoara	22
Figura 2 -	Limites do Parque Nacional de Jericoacoara	35
Figura 3 -	Vila de Jericoacoara cercada pelo Parque Nacional.....	35
Figura 4 -	Meios de locomoção entre a sede do município de Jijoca de Jericoacoara e a vila de Jericoacoara	36
Figura 5 -	Vila de Jericoacoara (ruas principais)	38
Figura 6 -	Vila de Jericoacoara (praça na rua Principal)	41
Figura 7 -	Vila de Jericoacoara à noite	42
Figura 8 -	Entrada do espaço de festa no Café Jeri, rua do Forró	44
Figura 9 -	Vila de Jericoacoara (Espaços de festas e lazer)	52
Figura 10 -	Mapa dos encontros com interlocutoras(es)	58
Figura 11 -	Barracas de venda de bebidas (Lual das caipirinhas)	60
Figura 12 -	Vila de Jericoacoara (Praia principal)	61
Figura 13 -	Lual das caipirinhas (Praia Principal)	61
Figura 14 -	Rua Principal (Vila de Jericoacoara)	70
Figura 15 -	Rua do forró	89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Informações gerais das(os) entrevistadas(os)	132
Tabela 2 - Cronologia dos acontecimentos em Jericoacoara	133

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANAC	Agência Nacional de Aviação Civil
APA	Área de Proteção Ambiental
CAGECE	Companhia de Água e Esgoto do Ceará
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID-19	Corona Vírus Disease (Doença de corona vírus) ano de início 2019
CIESAS	Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social
CRAS	Centro de Referências de Assistência Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
LABOMAR	Laboratório de Estudos do Mar (UFC)
LEC	Laboratório de Estudos da Cidade (UFC)
MTUR	Ministério do Turismo do Brasil
NUGA-UECE	Núcleo de Geografia Aplicada da Universidade do Estado do Ceará
PARNA JERI	Parque Nacional de Jericoacoara
PMJJ	Prefeitura Municipal de Jijoca de Jericoacoara
PNT	Plano Triannual de Turismo
PRODETUR-NE	Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste
TTS	Taxa de Turismo Sustentável
UAPS	Unidade de Atenção Primária a Saúde
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNWTO	World Tourism Organization (Organização Mundial do Turismo)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	A pesquisa em devir: passos iniciais para a compreensão de relações afetivo-sexuais transnacionais	12
1.2	Caminhos teórico-metodológicos da pesquisa	15
1.3	Síntese dos capítulos	20
2	UMA LOCALIDADE EM METAMORFOSE: RUMO AO PARAÍSO JERICOACOARA	22
2.1	A vila de pescadores na abertura do turismo brasileiro	22
2.2	A construção simbólica do paraíso no litoral oeste do Ceará	32
2.3	Complexo Jeri: os becos, as festas, as praias como espaços de sociabilidades sexuais e afetivas	43
3	O CALEIDOSCÓPIO DE RELACIONAMENTOS, EMOÇÕES E AFETOS EM JERICOACOARA	54
3.1	A atmosfera dos encontros afetivo-sexuais em Jericoacoara	54
3.2	A comunicação entre locais e estrangeiras(os)	75
3.3	O flerte e a conquista nas trocas simbólicas	78
4	DOS ENCONTROS E AFETOS AOS CONFLITOS	93
4.1	Temporalidade e mudanças	93
4.2	Desencontros, emoções e sentimentos	102
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
	REFERÊNCIAS	123
	GLOSSÁRIO	130
	APÊNDICE A - INFORMAÇÕES GERAIS DAS(OS) ENTREVISTADAS(OS)	132
	APÊNDICE B - CRONOLOGIA DOS ACONTECIMENTOS EM JERICOACOARA	133

1 INTRODUÇÃO

1.1 A pesquisa em devir: passos iniciais para a compreensão de relações afetivo-sexuais transnacionais

O meu interesse pela Antropologia social surgiu a partir das sensibilidades vividas nos caminhos de pesquisas traçados desde a graduação, iniciada em 2012, quando eu pude cursar disciplinas relacionadas ao tema desta pesquisa. Ao longo do curso, tive contato com a antropologia do turismo, me interessei pelo tema e busquei me integrar à equipe do projeto de pesquisa intitulado *Turismo, parques nacionais e populações locais: conflitos socioambientais em Jericoacoara - Ceará*. A minha participação no desenvolvimento da pesquisa contemplou o período de julho de 2017 até julho de 2019, e o projeto era coordenado pela professora Lea Carvalho Rodrigues e contava com uma equipe de pesquisadoras(es). O local onde realizávamos os encontros era o laboratório de Estudos da Cidade – LEC, pertencente à Universidade Federal do Ceará, e realizamos os trabalhos de pesquisas na vila de Jericoacoara, situada no município de Jijoca de Jericoacoara, no Ceará.

As atividades realizadas por mim, ao longo do tempo, junto ao projeto de pesquisa, foram importantes para que eu fosse contemplada com a bolsa de Iniciação Científica fornecida pela Capes/CNPQ. Assim, coletei informações de diferentes formas para agregar aos dados já disponíveis e, com isso, constituir a pesquisa de maneira processual. Dentre os estudos sobre o turismo como um fenômeno social, transformando as localidades nos aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos, eu decidi, ainda na graduação, realizar a investigação sobre o efeito das transformações do turismo no cotidiano das artesãs de crochê, intituladas êmicamente como *crocheteiras*; mulheres trabalhadoras do comércio informal na vila de Jericoacoara. Dentre os acontecimentos e transformações importantes na localidade, a discussão na época era sobre a criação de decretos e possibilidades de Parceria Público Privada - PPP na exploração e uso dos espaços do Parque Nacional de Jericoacoara - Parna Jeri. Vale destacar que, à época, essa medida política estava tumultuando os diferentes grupos sociais envolvidos nas atividades turísticas na localidade.

Foi em 2018 que iniciei minhas pesquisas com o comércio informal que estava presente em todas as ruas da vila. Eram vendedoras(es) de todo tipo de produtos que podem compor um ambiente de praia e sol: redes, bijuterias, roupas de

praia, chapéus, quadros talhados em madeira e tantas outras coisas. Assim, como recorte de pesquisa, eu decidi compreender em que medida a expansão turística transformava a realidade de acesso à vila e as condições de trabalho das mulheres que confeccionavam peças de crochê. As crocheteiras estavam, em 2017, passando por transformações em suas dinâmicas de acesso à vila de Jericoacoara devido às regras que estavam sendo implementadas pela prefeitura de Jijoca de Jericoacoara, de forma a organizar, e de certa forma controlar, o comércio informal. Essas regras recém-criadas pela gestão municipal interferiram nas redes de trabalho das artesãs e nas trajetórias de famílias inteiras de comunidades próximas a Jericoacoara que estavam dependendo da renda proveniente do comércio informal. A pesquisa sobre o comércio informal aconteceu paralelamente às atividades do projeto no qual eu era integrante. Por fim, apresentei os resultados como monografia de conclusão de curso de graduação em Ciências Sociais, no ano de 2019 (Martins, 2019).

Em continuidade ao meu processo de pesquisadora, devo acrescentar algumas atividades que foram preponderantes para a escolha da pesquisa desenvolvida para a produção desta dissertação. No primeiro semestre de 2019, fui convidada a atuar como assistente de pesquisa do projeto do antropólogo e pesquisador doutor Gustavo Marín Guardado, pertencente ao Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social - CIESAS, localizado no México, e uma das referências na antropologia do desenvolvimento e do turismo naquele país. Ele esteve no Ceará em meados de 2019, como pesquisador visitante vinculado ao LEC, na UFC, e estava realizando trabalho de campo também em Jericoacoara, no Ceará. Dessa forma, eu auxiliei nas atribuições referentes à obtenção de entrevistas e dados de observação. Essa experiência contribuiu para uma melhor percepção da localidade dentro da perspectiva histórico-social, tendo em vista que este pesquisador buscava levantar dados históricos do processo de transformação da vila de pescadores em destino turístico.

Em 2021, após o período de pandemia de COVID-19, retornei ao município de Jijoca de Jericoacoara, especificamente na vila supracitada, para atualizar as informações, considerando o fato de, mesmo após minha conclusão da graduação, eu ainda integrar a equipe do projeto de pesquisa do LEC - UFC. Nesse retorno, comecei a observar, a partir das conversas com moradoras(es) e trabalhadoras(es), a rotina na localidade em relação às(aos) estrangeiras(os) e locais, o que foi relatado nessa viagem de pesquisa e será abordado nesta dissertação ao longo dos capítulos

que seguem esta introdução. Foram informações importantes para eu decidir investigar sobre a dinâmica de encontros ocorridos desde a primeira visita de turistas estrangeiras(os) na localidade. Contudo, devido à dimensão do fenômeno, era preciso realizar um recorte do tema que eu pudesse desenvolver ao longo do mestrado acadêmico. Portanto, essas ideias, geradas durante o percurso acadêmico e de pesquisa, estão relacionadas ao que foi abordado como recorte de pesquisa e produção desta dissertação.

O ingresso no programa associado de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Ceará - UFC e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, ocorreu em 2022. O período em que se iniciou em 2022, até o presente ano, permitiu a realização desta pesquisa na localidade de Jericoacoara, litoral oeste do estado do Ceará. A partir da pesquisa, eu realizei a etnografia sobre relações afetivo-sexuais entre pessoas estrangeiras(os) e locais em Jericoacoara. Assim, pretendi compreender, a partir de oito narrativas sobre relacionamentos, como a construção de vínculos e conflitos emocionais se configuram na vida dessas pessoas, considerando, ainda, como a noção de temporalidade das relações e as mobilidades dentro e fora do local turístico influenciam nas percepções afetivas e emocionais.

Para compreender as diversas possibilidades e situações de relacionamentos afetivo-sexuais, me vali de relatos de pessoas estrangeiras e locais. Realizei entrevistas e observações por meio das quais percebi, a partir do campo de pesquisa, como essas pessoas, em seus relatos, expressaram emoções e sentimentos diversos. Além disso, vale destacar que o espaço ao qual me refiro é a vila de Jericoacoara, um destino turístico dentre os mais procurados nacional e internacionalmente, localidade sobre a qual discorrerei no primeiro capítulo. Por esse motivo, os relacionamentos têm como ponto de conexão essa localidade, contudo, acontecem em mobilidades por países da Europa, América do Norte, ou mesmo outras cidades do Brasil.

As questões que foram surgindo ao longo da relação que estabeleci com esta pesquisa foram: em que medida as emoções/sentimentos estão presentes nas relações afetivo-sexuais construídas nos espaços turísticos como uma tríade-relacionamento, espaço e significados atribuídos? A partir das sexualidades vivenciadas em contexto transnacional ou em condição de mobilidades, como pode-se compreender os efeitos emocionais dessa vivência sobre as pessoas envolvidas?

Ao longo do curso de mestrado, como forma de agregar conhecimentos, tive a oportunidade de realizar uma formação ofertada pela CIESAS - México, intitulada *Diplomado internacional Turismo, Espacios y Culturas em transformación*, equivalente ao curso de especialização no Brasil. Este curso contribuiu para que eu obtivesse um melhor esclarecimento sobre a antropologia do turismo como aporte teórico-metodológico importante na compreensão do fenômeno descrito acima. Além do mais, a compreensão social de turismo, uma atividade em que o espaço é produzido para satisfazer desejos das(os) visitantes, sendo que, dentre esses desejos, há o de encontros afetivos. Essa atividade colaborou para me fornecer conhecimentos importantes para a realização da presente pesquisa.

1.2 Caminhos teórico-metodológicos da pesquisa

Realizei esta pesquisa construindo uma etnografia em Jericoacoara, no Ceará, sobre relacionamentos afetivo-sexuais entre estrangeiras(os) e locais. Sobre os aportes teórico-metodológicos utilizados nessa produção dissertativa, escolhi inicialmente a abordagem interpretativa de Clifford Geertz (1989), na qual o processo de etnografia acontece por meio da busca de significados a partir da compreensão do fenômeno social. Geertz (1989, p. 7) afirma:

O que o etnógrafo enfrenta, de fato — a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados — é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário. Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

Para trilhar essa pesquisa, pensei também a partir das ideias de Jeanne Fravet-Saada (2005) sobre afeto no sentido de “deixar-se afetar” como procedimento metodológico. Dessa forma, para alcançar a dimensão da intimidade, de forma a compreender aspectos importantes dos relacionamentos e da dinâmica social onde

ocorrem os encontros, os enlaces e desenlaces da vida afetiva de oito pessoas com as quais mantive conversas formais e informais, eu tive que deixar fluir momentos em campo que criaram um fluxo próprio e rotas diferentes dos caminhos que inicialmente eu esperava encontrar. As oito pessoas foram surgindo em minhas jornadas intermitentes à Jericoacoara, por meio de redes e contatos que fui estabelecendo.

O que denomino aqui de jornadas intermitentes, está em acordo com a formulação de Goldman (2003) quando de sua pesquisa sobre movimentos sociais políticos, conclusão a que ele chega após vinte anos pesquisando em Ilhéus, Bahia, produzindo o que ele diz ser uma “etnografia em movimento” (Goldman, 2003, p. 455). Para o autor, a etnografia deve ser a soma de trabalhos de campo realizados no local físico, mas ocorre que o trabalho acontece também quando não estamos fisicamente no campo. Para isso, é preciso manter em certa medida vínculos com pessoas da localidade por meio de outras redes de contato, por exemplo, as redes sociais e aplicativos de mensagens.

Como dito anteriormente, foi em 2021 que comecei a pensar o tema proposto nesta dissertação, entretanto, o meu objetivo inicial era entender como o turismo sexual acontecia em Jericoacoara. Na medida em que eu realizava as idas ao campo de pesquisa, fui me desprendendo do meu objetivo inicial, ou seja, encontrar mulheres nativas/locais e homens estrangeiros, conhecidos localmente como *gringos*¹, para justificar uma possível transação de sexo pago na localidade e abordar esse fenômeno, ou seja, o turismo sexual, como parte das sociabilidades nos locais turísticos.

Esse desejo inicial era muito direcionado pelas leituras que eu fazia de autores e pesquisas sobre relacionamentos afetivo-sexuais em locais turísticos. Nelas, o foco era entender dimensões de trocas econômicas e benefícios materiais diante das situações que inicialmente surgiam e que citarei ao longo do terceiro capítulo. Duas abordagens distintas foram decisivas nesse processo de construção do objetivo da pesquisa. Primeiramente, a ideia de David Lagunas (2010) sobre as formas de sexo pago e turismo sexual no mundo como maneiras de perpetuar as explorações de países ricos sobre os países pobres. Em contraponto a essa teoria,

¹ Para entender o sentido de gringo(a), ver Tabela 1. Além disso, o pesquisador Alessandro Galvão (1995) relatou sobre o sentido de *gringo(a)* em sua obra intitulada “Jericoacoara sonhada”. Para ele, a palavra tem origem na expressão “green coats”, que representava os estadunidenses invasores do México (Galvão, 1995, p. 143). Ele também faz referência a pessoas gringas como detentoras de dinheiro em maior quantidade e como pessoas sujeitas a extorsões.

as pesquisas de Adriana Piscitelli (2013), que entende as relações afetivo-sexuais como a diversidade de possibilidades de ascensão de pessoas consideradas vítimas de exploração, mas, na visão dessa autora, elas são detentoras de agência nesses relacionamentos.

É fundamental, portanto, dizer como cheguei ao objetivo proposto sobre a compreensão dos relacionamentos afetivo-sexuais a partir das dimensões da emoção e dos afetos emergentes desses encontros e desencontros que ocorrem na localidade e que, também, extrapolam os limites geográficos de Jericoacoara, quando as pessoas estão em diferentes lugares.

Dessa maneira, foi a partir do trabalho de campo intermitente (Goldman, 2003) e da coleta constante de documentos em periódicos e sites, realizadas no laboratório de pesquisa, na universidade, que desenvolvi o meu processo enquanto pesquisadora do tema. Em contínuo trabalho, passei a realizar o acompanhamento do que ocorria em Jericoacoara, sobretudo as mudanças resultantes da expansão turística, de forma intermitente, em períodos de realização de estadias na localidade. Os períodos no campo de pesquisa giraram em torno de 15 dias anuais devido ao alto custo financeiro para se manter na localidade. As atividades que eu realizava também aconteciam quando eu estava em Fortaleza por meio de um acompanhamento de redes sociais e aplicativos de mensagens, além do monitoramento de notícias de meios de comunicação diversos. Assim, foi a partir deste contato intermitente e, ao mesmo tempo, continuado com a expansão turística na vila e as questões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais decorrentes que eu fui me aproximando da realidade social de Jericoacoara e também das pessoas com as quais essa pesquisa foi elaborada.

O meu interesse pelo fenômeno social do turismo e os efeitos desse fenômeno sobre as pessoas em seu cotidiano, em diferentes dimensões, tem origem na minha infância e adolescência. Desde criança, eu tenho convivência com turistas e sempre aprendi formas de lidar com esse local tão diverso que é o espaço turístico. Minha mãe era proprietária de uma barraca na feirinha de artesanatos, localizada na avenida Beira Mar, em Fortaleza, capital do Ceará. Ainda criança, nos anos 1990, eu acompanhava minha mãe ao trabalho e era comum o fluxo de turistas nesse ambiente. Lembro de vários momentos nos quais os turistas, ao visualizarem a mim e minhas irmãs dispostas embaixo da estrutura da barraca de vendas, por detrás das peças de artesanatos, perguntavam a minha mãe quanto custava aquelas meninas; minha mãe

respondia que nenhum dinheiro pagaria o nosso valor para ela. Essas perguntas me intrigavam. Era possível comprar pessoas? O quanto de dinheiro essas pessoas tinham para sugerir algo assim?

Quando chegamos à adolescência e não ficávamos mais somente sentadas debaixo da barraca de vendas, minha mãe começou a ter medo de nos levar para a feirinha. Ela sempre nos ensinava sobre nunca responder a estranhos ou receber presentes deles, por mais convidativos que fossem os presentes. Eu era desconfiada por medo, mas minha irmã, mais nova do que eu apenas dois anos, em um dia de feira comum, desapareceu por algumas horas. No auge do desespero de minha mãe, a rede de trabalhadoras(es) da feirinha mobilizou ações para encontrá-la. Quando foi encontrada, ela estava fora dos limites da feirinha, num local próximo à calçada onde estão situados os hotéis, e estava chorando. Ao ser perguntada sobre como chegou ao local, ela disse que estava perdida e que havia sido convidada por um homem que parecia uma pessoa gentil ao ajudá-la, mas, ao sair da calçada da feirinha, ficou com medo e desistiu.

Essas situações foram algumas das vivências lembradas por mim ao longo das conversas com as(os) interlocutoras(es) na vila de Jericoacoara. Num processo de refletir através de mim em trabalho de campo (Grossi, 1992), entendi como as condições do encontro com as(os) interlocutoras(es) e a construção da relação com essas pessoas me afetavam ao longo do trabalho de campo. A convivência, as incertezas, as inseguranças estão presentes ao longo da pesquisa. A reflexão através de mim enquanto antropóloga, contribuiu para entender sobre gestar uma etnografia e que esse processo não é isento de conflitos internos.

Para esta constatação, me vali das contribuições de Michelle Rosaldo (1984) e Catherine Lutz e Geoffrey M. White (1986) para tomar como foco emoções e sentimentos a partir de uma abordagem antropológica. Esses autores compreendem as emoções como parte da relação da pessoa com o mundo social e as formas de pensar e construir as experiências de vida nesse sentir cotidiano. Para eles, as narrativas das experiências são reconfiguradas no pensamento por meio das emoções/sentimentos que surgem no self ao narrar essas vivências. Assim, o processo de narrar as vivências é ao mesmo tempo o processo de reviver os afetos e dar sentidos diversos aos acontecimentos ou fases da vida das pessoas envolvidas, assim como estabelecem conexões para suas experiências em espaços onde os relacionamentos tomam forma.

Para melhor esclarecimento das técnicas utilizadas para a produção da pesquisa em Jericoacoara, exponho, a seguir, os detalhes do processo. Realizei as entrevistas em momentos diferentes, ao longo dos dois anos de pesquisa; foram, no total, três viagens para a pesquisa de campo, realizadas nos respectivos anos de 2021, 2022 e 2023. O tempo de permanência na localidade era de 15 dias e, no total, foram 14 entrevistas gravadas e algumas conversas informais que não foram gravadas.

Ademais, realizei a transcrição das entrevistas e a produção de planilhas para a elaboração de temas importantes a serem aqui tratados; também, elaborei o quadro geral de entrevistadas(os) apresentado no Apêndice A, ao final do trabalho. Realizei esses procedimentos a fim de otimizar as compreensões sobre os dados coletados nas entrevistas.

Devo esclarecer, ainda, que as pessoas entrevistadas estavam em Jericoacoara em momentos diferentes, ao longo dos dois anos de pesquisa. A partir de pseudônimos escolhidos por essas pessoas, descreverei, a seguir, de forma sucinta, cada um/(a) das/(os) entrevistadas/(os):

- Eva, nasceu em Jijoca de Jericoacoara e estava em um relacionamento com um Italiano, ambos morando em Jericoacoara;
- Jade mantinha relações com um homem italiano, contudo, estavam com previsão de mudança para a Itália;
- Julieta, casada com um homem italiano, morou oito anos na Itália e atualmente reside em Jericoacoara;
- Valentim é um produtor de eventos, solteiro quando o conheci, mas estava de viagem marcada para a Irlanda;
- Leo é um funcionário público, casado com uma mulher local e atualmente trabalha nos serviços de fiscalização na vila;
- Susy é espanhola, reside em Jericoacoara há alguns anos, e esteve num relacionamento com um homem local que teve um término conflituoso;
- Esther é italiana e atualmente vive em Jericoacoara a contragosto, pois anseia regressar para seu país de origem, contudo, precisa de recursos para levar o companheiro e o filho. O parceiro é paulista e se conheceram em Jericoacoara quando os dois ali estavam a passeio;

- Por fim, Nil, um brasileiro nascido em Camocim, cidade vizinha a Jijoca de Jericoacoara, e que atualmente trabalha como garçom num estabelecimento da vila. Ele teve um relacionamento com uma mulher de origem suíça e uma filha dessa relação, morou durante alguns anos na Suíça, contudo, não se adaptou àquele país e decidiu regressar para Jericoacoara, perdendo, então, o contato com a ex-companheira e a filha.

1.3 Síntese dos capítulos

No capítulo dois, intitulado “Uma localidade em metamorfose: rumo ao paraíso Jericoacoara”, exponho a perspectiva histórico-social da localidade desde a chegada das(os) turistas na década de 1970. Também, exponho como a localidade tem importância como destino turístico internacional e a construção simbólica da vila como um Paraíso. Em continuidade, para entender os cenários onde os relacionamentos afetivo-sexuais ocorrem na localidade, descrevo o sentido de lugar e mobilidades onde esses relacionamentos estão inseridos. Há categorias importantes nesse capítulo, a saber: construção do espaço do lugar turístico e mobilidades (Augé, 2012) e metáforas de significados (Van Genep, 2014).

O terceiro capítulo, intitulado “O caleidoscópio dos relacionamentos, emoções e afetos em Jericoacoara”, foi dividido em etapas para a compreensão das diferentes dinâmicas afetivas existentes nos encontros entre pessoas locais e estrangeiras(os). No subtópico intitulado: “A atmosfera dos encontros afetivo-sexuais em Jericoacoara”, exponho o caminho cronológico de meus encontros com as pessoas que contribuíram para a pesquisa; mostro, ainda, como esses encontros foram surgindo ao longo dos trabalhos de campo realizados na localidade. Nos demais subtópicos, apresento os sujeitos da pesquisa e as condições em que os encontros afetivo-sexuais delas aconteceram. Em seguida, abordo o aspecto das comunicações e conquistas como categorias de compreensão desse fenômeno social.

O capítulo quatro apresenta o tempo e as mudanças presentes nas relações afetivo-sexuais em diferentes relatos, num processo comparativo, sobre as mobilidades e os acontecimentos, ao longo do tempo, de relacionamentos entre as pessoas locais e estrangeiras(os). Por fim, abordo sobre desencontros, emoções/sentimentos nos conflitos afetivos, quando realizei, de forma mais

específica, alguns apontamentos relacionados aos conflitos que as(os) interlocutoras(es) vivenciaram em suas diferentes realidades.

2 UMA LOCALIDADE EM METAMORFOSE: RUMO AO PARAÍSO JERICOACOARA

2.1 A vila de pescadores na abertura do turismo brasileiro

A vila de Jericoacoara está situada dentro do Parque Nacional de Jericoacoara, criado por decreto, em 4 de fevereiro de 2002. Cinco anos depois, a Lei nº 11.486, de 15 de junho de 2007, atualizou os limites originais do Parque, situado em três municípios do Ceará: Jijoca de Jericoacoara, Cruz e Camocim. A vila tem uma peculiaridade, pois apesar de hoje estar posicionada dentro do Parque Nacional, o qual pertence ao Governo Federal, não faz parte dessa área, mas do município de Jijoca de Jericoacoara, o que a torna praticamente uma ilha em relação ao Parque. O município fica localizado no litoral oeste do estado do Ceará, a cerca de 310 quilômetros da sua capital, Fortaleza.

Figura 1 - Mapa de Jericoacoara



Fonte: ICMbio.

Antes de apresentar as situações aqui estudadas, farei a exposição de fatos importantes ao entendimento do crescimento turístico de Jericoacoara desde a chegada dos primeiros turistas, na década de 1970, até as recentes informações sobre a localidade, coletadas ao longo do ano de 2024.

Fonteles (2000) relata que a origem do nome Jericoacoara é indígena e os primeiros relatos históricos sobre ela são datados de 1614. Dentre os acontecimentos históricos que contribuem para esta dissertação, o autor afirma que: “no final dos anos 1970 a comunidade recebia alguns turistas, chamados alternativos pois buscavam maior contato com os ambientes naturais, incluindo as populações nativas que os hospedavam em suas residências” (Fonteles, 2000, p. 38).

Com o propósito de compreender como eram as sociabilidades em Jericoacoara nos anos 1970 até 1990, Galvão (1995) explicou o que ocorreu na pequena aldeia chamada Jericoacoara quando passara a receber os primeiros turistas, em 1970. O autor destacou o aumento constante desses visitantes ao longo dos anos de sua pesquisa e os conflitos decorrentes do encontro entre turistas e nativas(os). Sobre a percepção dos moradores, há um relato sobre a presença de visitantes advindos do turismo:

Os turistas, às vezes, são vistos como sujeira: “agora ficou limpo”, diz um velho morador, referindo ao fim do feriado e à debandada de turistas. A superlotação, nas épocas de pico turístico, deixa Jericoacoara cheirando a lixo e urina; tal sujeira, entretanto, incomoda menos os nativos do que as gestões da indústria do “turismo ecológico”, a qual inclusive pressiona para impedir que os nativos criem animais soltos, coisa que sempre fizeram. E ainda fazem, para irritação dos turistas, os quais gostariam de ver as ruas de areias livres das fezes suínas, bovinas, caninas, caprinas, equinas, muares e galináceas (Galvão, 1995, p. 35).

Jericoacoara era um distrito pertencente ao município de Acaraú até meados dos anos 1980. Entretanto, a criação do município de Jijoca de Jericoacoara aconteceu no final desse mesmo ano. Segundo informações coletadas pelos pesquisadores Lima e Silva (2004), através de dados do instituto de planejamento do Ceará, em 1996, a população total de Jijoca de Jericoacoara era de 9.751 pessoas, a economia era formada por 80% de características rurais, havia uma população pequena e dependente economicamente da pesca e da agricultura local.

Nesse mesmo período, as pousadas e hotéis somavam 51 estabelecimentos, tanto na vila de Jericoacoara quanto aos arredores da Lagoa do

Paraíso, esta última localizada fora do Parque Nacional, distante da Vila de Jericoacoara e próxima à sede do município. Esse mesmo estudo pontua que, a partir de 1991, com o Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste - PRODETUR - NE, foram realizadas obras de infraestrutura das estradas interligadas de destinos turísticos no Ceará. Antes dos projetos políticos de ampliação das estradas para acesso ao litoral oeste do estado, o trajeto acontecia por meio dos transportes de locomoção comum aos moradores, conhecidas como rurais², e também por meios de transportes particulares.

Continuando a descrição para a compreensão sócio-histórica de Jericoacoara, têm-se, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, que Jericoacoara está no registro histórico, por meio da Revista do Instituto do Ceará, desde o século XVII. O site do IBGE apresenta um histórico referente ao surgimento da cidade de Jijoca de Jericoacoara, assim como dados sobre as conjunturas político-administrativas em relação ao território pertencer ao município de Acaraú e posteriormente a Cruz, até que em 1985 ocorreu a emancipação com a criação do município de Jijoca de Jericoacoara³.

Ademais, é preciso acrescentar aspectos políticos em relação à Jericoacoara e às cidades próximas, que nos anos 1990 foram reconfiguradas em termos de legislação do uso de espaços geográficos. Pontuarei, a seguir, esses fatos numa ordem cronológica.

Primeiramente, de acordo com o relatório produzido pelo Josef Georgen (1985), no Núcleo de Geografia Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (NUGA-UECE), o decreto para a criação da Área de Proteção Ambiental-APA, em Jijoca de Jericoacoara, tinha o objetivo de manutenção e preservação do meio ambiente na localidade⁴, tendo em vista que até aquele período “a presença humana na área

² A chamada rural, também conhecida como “pau de arara”, era um transporte que tem, colocadas sobre a carroceria do veículo, tábuas que servem de assento, e a instalação de uma lona como cobertura, a proteger das intempéries, que completam a adaptação desse veículo para o transporte de pessoas. Suas origens remontam aos tempos em que não havia outras formas para o transporte de maiores quantidades de pessoas, além de estradas bastante precárias, na região nordeste, além da instalação no país da fábrica de caminhões FNM que popularizaram este veículo de carga, capaz de vencer os terrenos mais difíceis. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pau_de_arara_\(transporte\)&oldid=66637403](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pau_de_arara_(transporte)&oldid=66637403). Acesso em: 3 abr. 2024.

³ JIJOCA de Jericoacoara. **IBGE**. Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/jijoca-de-gericoacoara/historico>. Acesso em: 28 jan. 2024.

⁴ O Decreto nº 90.379/84 de criação da APA foi realizado no dia 29 de outubro de 1984. Além do relatório do NUGA-UECE, os dados da pesquisa de Jeová Meireles (2011), sobre os aspectos geográficos na localidade, mostram que houve reivindicação da população pela criação da APA como

revelava um histórico de convivência harmoniosa com o meio” (Georgen, 1985, p. 23), ou seja, conforme vimos anteriormente, havia turistas e a vila começava a ser transformada em sua estrutura física e também social. Nesse mesmo documento, há relatos sobre o aumento de emigração de pessoas locais dependentes da atividade de pesca e agricultura, em contraponto à imigração de pessoas de diversos lugares do Brasil e de outros países. Ou seja, a população na vila de Jericoacoara estava em constante mobilidade.

Jericoacoara tinha poucos recursos governamentais e nenhuma visibilidade de políticas públicas, ao final da década de 1970. Dessa forma, podemos inferir que havia ausência de qualquer tipo de assistência pública básica na localidade, como por exemplo: equipamentos de saúde, educação, segurança, saneamento, dentre outros. Com o aumento gradual do fluxo de turistas o cenário, local tomou outras proporções.

É necessário pontuar também o evento, considerado histórico para as pessoas da vila, conhecido como “a notícia do The Washington Post”⁵. Trata-se de um periódico jornalístico internacional que, em 1987, realizou uma publicação sobre as belezas de Jericoacoara, considerando-a uma das praias mais bonitas do mundo, um lugar paradisíaco. Após essa divulgação internacional, através da publicação da reportagem, ocorreram outras mudanças estruturais importantes no caminho de uma abertura cada vez maior para o turismo massivo.

Ainda no final dos anos 1980, abriu-se a primeira pousada na localidade, a Hipopotamus, propriedade de um homem de origem hispânica chamado Sergio Herrero Gimenez. Conforme a pesquisa de Rodrigues (2011), Sergio Herrero foi o primeiro prefeito eleito pelo município de Jijoca de Jericoacoara, passando a ocupar o cargo político de 1993 até 2008, quando foi destituído por ação do Ministério Público do Ceará devido a irregularidades em sua gestão. A autora afirma:

Dono da primeira pousada de Jericoacoara, vinha sendo objeto de acusações por parte de ambientalistas e de pequenos proprietários da localidade que se viam prejudicados por medidas tomadas pela prefeitura que acabavam por beneficiar apenas os maiores investidores do turismo local, dentre eles o próprio Herrero (Rodrigues, 2011, p. 73).

forma de contenção da degradação ambiental decorrente do aumento de fluxo turístico em Jericoacoara.

⁵ FUSSMAN, Cal. Beauty and the beach. **The Washington Post**. Washington, 14 mar. 1987. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/magazine/1987/03/15/beauty-and-the-beach/bdff84da-f4e9-48c9-baaf-8aba64a96905/>. Acesso em: 16 abr. 2024.

Também nesse período, pessoas que chegavam como turistas estrangeiras(os) e de outras localidades do Brasil começaram a negociar casas e terrenos com residentes antigos na localidade e foram construindo imóveis para acomodações turísticas. Essa transformação dentro da vila foi gerando demandas para as políticas de incentivo ao transporte e acesso à vila Jericoacoara. Também no estado do Ceará, no final da década de 1980, começavam os movimentos político-ideológicos do chamado “Governo das mudanças”⁶. Essa gestão governamental realizou diversas obras de acesso às rotas de praias do Ceará, assim como investimentos em turismo internacional. Em Jericoacoara, nesse período, o fluxo de turistas aumentava, gerando transformações estruturais, políticas, econômicas, sociais e culturais.

Nessa perspectiva, podemos acrescentar as informações da antropóloga e pesquisadora francesa Agnès Clerc-Renaud (2002). Ela realizou pesquisa antropológica em Jericoacoara no final da década de 1970. A tese produzida por ela não tem tradução para o português, contudo, oferece uma importante percepção da localidade para o entendimento da dinâmica social existente em Jericoacoara. O foco dado pela pesquisadora foi a dimensão simbólica das relações de compadrio entre famílias residentes na vila de Jericoacoara. O objetivo inicial era compreender o encontro entre turistas e locais, analisando implicações sociais e culturais decorrentes desse contato turístico. Posteriormente, em artigo publicado na Revista de Ciências Sociais, com o título “Praticar a etnografia ‘descobrimo o Brasil” (Clerc- Renaud, 2019), ela afirmou que sua abordagem estrutural-funcionalista, nos moldes clássicos, influenciou a forma como ela realizou a etnografia proposta como tese.

Na introdução da tese, Agnès Clerc-Renaud (2002) esclarece que os dados de campo são resultado de sua pesquisa realizada no período de 1986 a 1988. Na pesquisa, alguns pontos abordados sobre Jericoacoara auxiliam numa perspectiva histórica da localidade. Sobre a vila, a pesquisadora afirmou que esta era composta por mestiços (brancos e índios), com características rurais e economia baseada na pesca e agricultura. Clerc-Renaud (2002) também refletiu sobre o crescimento do

⁶ Conforme Aragão e Dantas (2006), o governo “Governo das mudanças” fez parte da propaganda de marketing da gestão governamental de Tasso Jereissati e de um grupo empresarial, liderado por ele, que estavam abrindo as políticas do governo para investimentos internacionais. Dentre esses investimentos, o turismo era um dos setores mais promovido com o objetivo de mudar a imagem do Estado, que estava ligada ao estereótipo de seca e miséria do povo sertanejo.

turismo na região, quando retornou à vila de Jericoacoara em meados dos anos 1990, e relatou ter presenciado como as atividades econômicas voltavam-se para o turismo, a principal economia em crescimento naquele período.

Outros pesquisadores também realizaram levantamentos históricos e geográficos em Jericoacoara. Molina (2007) apresenta a transformação espacial e geográfica em Jericoacoara, desde o ano de 1984, segundo seus dados de pesquisa. Para o autor, o fenômeno turismo é uma produção humana que também modifica e produz espaços, assim, Jericoacoara, por meio de transformações estruturais, econômicas, culturais, políticas e ambientais, foi transformando-se de uma vila isolada e com poucos moradores, além de estar numa localização pouco acessível, para um complexo turístico com visibilidade internacional.

Por consequência dessa transformação, acrescentarei fatos que também são preponderantes na abordagem do processo de compreensão do turismo da localidade. Contudo, esses acontecimentos estão dentro do período no qual eu comecei a pesquisar em Jericoacoara, ou seja, em meados de 2017.

Em 2017, a população e os representantes políticos, tanto municipais (Prefeitura Municipal de Jijoca de Jericoacoara - PMJJ) como federais, estavam discutindo o projeto de Parceria Público Privada - PPP do Parque Nacional de Jericoacoara que, desde 2012, ainda no governo Dilma Roussef, vinha sendo estudado pela União por intermédio do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). No período, a população se mobilizou contra a medida de concessão – modalidade a que foi alterada a proposta, então, no governo Jair Bolsonaro – e, dentre os grupos sociais envolvidos, estavam os comerciantes informais. Outra questão importante que acontecia eram os problemas relacionados com a especulação imobiliária⁷, já que as pessoas não respeitavam as regras ambientais e os limites do Parque para uso de recursos naturais, causando transtornos no cotidiano da localidade. Aconteciam problemas estruturais como falta de água em dias de grandes eventos, ou também queda de energia elétrica, além de problemas de acesso à vila durante os períodos chuvosos.

⁷ Em artigo publicado em 2018 pelo Diário do Nordeste, Marcelino Júnior (2018) evidencia a feroz especulação imobiliária na vila, que transformou o lugar “num movimentado canteiro de obras”, na qual o valor cobrado pelo metro quadrado na região está equiparado a regiões da Europa como Paris e Milão.

Participei de algumas atividades, reuniões da população local com os empresários, que estavam acontecendo a fim de resolverem os problemas estruturais da vila. Em uma dessas reuniões, realizada pela equipe da Companhia de Água e Esgoto do Ceará (Cagece), responsável pelo controle de poços artesanais, presenciei algumas dissidências entre os grupos afetados pelas medidas do órgão público estadual sobre o controle de poços.

Outra situação na qual eu pude participar aconteceu em companhia da equipe de pesquisa, nas visitas institucionais aos órgãos municipais responsáveis por setores como educação, saúde e assistência social. Em setembro de 2017, houve a implantação da Taxa de Turismo Sustentável - TTS, por meio do Decreto municipal nº 044, de 21 de agosto de 2017. Realizei a primeira viagem a campo coincidentemente nesse período e pude perceber algumas situações nas quais as pessoas estavam irritadas ao se dirigirem à vila, pois a aplicação da taxa estava em início de implementação. À época, o valor da TTS consistia, por diária, em uma taxa de R\$ 5.

Ocorreram algumas situações em torno do trâmite de apresentação do comprovante da taxa, tanto nessa viagem de 2017 como em outras viagens que realizei posteriormente. Situações como pessoas pagantes que mesmo portando o comprovante, ao passarem na guarita de conferência, não lhes era feita a solicitação do referido documento. Assim, a pessoa questionava-se, ainda dentro do veículo, se realmente todos que passavam realizavam o pagamento, gerando dúvidas quanto à organização e controle do recebimento da TTS.

Ao longo dos anos de 2017 a 2024, a TTS passou por reajustes tanto de valores quanto de regras⁸. Através da Lei Complementar nº 178, de 28 de outubro de 2022, a PMJJ reajustou a TTS, dessa forma, a partir de 01/02/2023, o valor passou a ser de R\$ 41,50 por visitante com validade de até 10 dias. Ainda de acordo com a gestão municipal, caso o visitante excedesse o período de 10 dias, seria cobrado o excedente por dia no valor de R\$ 4,15 por visitante, por dia de permanência.

Em janeiro de 2024, após União e Governo do Ceará assinarem um acordo de Gestão Compartilhada⁹, o Parna Jeri foi concedido à iniciativa privada em leilão

⁸ Ver algumas notícias sobre as mudanças na TTS: o periódico Correio Braziliense documentou a implantação da TTS no valor de cinco reais a diária (Alves, 2018); outra alteração ocorreu em documento oficiais da Prefeitura Municipal de Jijoca de Jericoacoara – PMJJ, onde o secretário de turismo do estado, em 2020, Arialdo Pinto, solicitou, por meio de ofício, o reajuste da TTS para 35 reais, justificando o excesso de degradação ambiental pelo turismo massivo (Jericoacoara, 2020).

⁹ Em dezembro de 2023, o Governo do Estado do Ceará e a União assinaram um acordo para a consolidação do processo de concessão do Parna Jeri, conforme o site do governo do Ceará. O acordo

através do qual, com uma oferta de R\$ 61 milhões, o Consórcio Dunas venceu o processo de concessão de serviços de apoio à visitação do local¹⁰. Após vencer a concorrência, a concessionária deverá criar um Plano de Implantação e o Plano de Gestão do parque em até seis meses a partir da data de assinatura do edital de concorrência, para apresentar ao ICMBio, o qual será analisado pelo órgão que continuará exercendo a função de gestor do parque e fiscalizador do contrato de concessão.

Após este acontecimento, os turistas terão de pagar duas taxas para visitar Jericoacoara. Conforme Pimentel (2024) mostra, em artigo publicado no Jornal O Povo, está previsto no edital que a concessionária deverá recolher o ingresso para entrada ao Parna Jeri e a TTS por meio de bilheterias que estarão situadas nas vias de acesso ao parque. Ainda segundo o edital de concessão, como mostra Pimentel (2024), estão definidos da seguinte forma os valores máximos permitidos para a cobrança do ingresso de entrada pela concessionária: R\$ 50,00 do 1º ao 12º mês de concessão; R\$ 70,00 do 13º ao 24º mês; R\$ 90,00 do 25º ao 36º mês; R\$ 110,00 do 37º ao 48º mês; e R\$ 120,00 do 49º mês até o fim da concessão¹¹. A Câmara Municipal de Jijoca de Jericoacoara aprovou, durante a sessão extraordinária 03/2023 do dia 27 de dezembro de 2023, o projeto enviado pelo prefeito Lindbergh Martins (PSD) que possuía “caráter de urgência urgentíssima” e tinha como objetivo “congelar” a TTS, mantendo a taxa em R\$ 41,50 e “uniformizar a legislação, que vem sofrendo alterações pertinentes ao longo dos anos, para facilitar o acesso ao cidadão” (Jericoacoara, 2023).

prevê a criação de um conselho no qual estarão presentes representantes do ICMBio e Governo do Ceará; a criação de um Conselho de Desenvolvimento Turístico, integrado pelo Estado, municípios que fazem parte do parque e a comunidade; também está prevista uma base de pesquisa do Instituto de Ciências do Mar (Labomar) da Universidade Federal do Ceará (Campos, 2023).

¹⁰ Conforme Vargas (2024) mostra em seu artigo para o site Diário do Nordeste, o Consórcio Dunas é composto pelo Grupo Cataratas, que administra o Parque Nacional do Iguaçu (onde encontram-se as Cataratas do Iguaçu, no Paraná), o AquaRio (um aquário público situado no Rio de Janeiro), o Parque Nacional de Fernando de Noronha (EcoNoronha), entre outras, e pela empresa de construções Construcap.

¹¹ Como mostra Pimentel (2024), o contrato também dispõe a respeito dos isentos a pagar o ingresso de entrada ao Parna Jeri: moradores, frequentadores e trabalhadores da vila de Jericoacoara; moradores dos municípios de Camocim, Jijoca de Jericoacoara e Cruz, devidamente cadastrados e identificados; crianças com até seis anos de idade; estudantes e professores para a realização de atividades de ensino e educação ambiental; pesquisadores regularmente autorizados no exercício da atividade de pesquisa; guias de turismo, devidamente regularizados pelo Ministério do Turismo, no exercício de suas atividades profissionais; condutores de visitantes cadastrados e autorizados de acordo com os critérios estabelecidos em Portaria específica da unidade de conservação, respeitadas as normas do ICMBio; pessoas regularmente inscritas no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico).

Para o entendimento desse processo de transformação do espaço turístico, Rodrigues (2015) realizou um estudo comparativo entre a vila de Jericoacoara, como parte da Rota das Emoções¹², e a ilha de Cozumel, no caribe mexicano. O intuito desse estudo era refletir sobre os processos de *turistificação* e construção de espaços atrativos para um turismo massivo e elitizado. Essa transformação espacial, social e cultural é também excludente para a população que faz parte da localidade, assim, ao longo das transformações ocorridas, há um processo de exclusão de pessoas residentes e pertencentes a uma localidade que vai sendo modificada pelas demandas turísticas. Essas pessoas migram, por vezes, para os arredores, cidades próximas ou ocupam espaços marginais dentro da localidade. Essas pessoas que vão transitando e que presenciam as transformações decorrentes do crescimento turístico estão na cadeia produtiva dos serviços ligados à recepção, atendimento e locais de vendas aos turistas.

Como podemos ver, os acontecimentos em Jericoacoara acontecem interligados, pois são ações que ocorrem mediante as demandas que o fenômeno turismo impõe ao longo dos anos para a localidade e também para os arredores. A fim de concluir esse levantamento sócio-histórico, há o fato da criação do Aeroporto Regional de Jericoacoara Comandante Ariston Pessoa, inaugurado em 24 de junho de 2017¹³.

Detalhei na introdução desta dissertação alguns eventos importantes ocorridos ao longo dos meus anos de pesquisa junto ao LEC e ao projeto antes referido, contudo, considero preponderante a compreensão do fluxo de turistas estrangeiros no período de 2017 a 2019, antes da pandemia de COVID-19, que iniciou em meados de 2020, no Ceará. As(os) turistas estrangeiras(os) ultrapassavam em quantidade de visitantes o fluxo das(os) turistas nacionais. Contudo, dados da World Tourism Organization – UNWTO (Organização Mundial do Turismo)¹⁴ informaram

¹² Rota das Emoções é um roteiro programado para atrair turistas internacionais, criado em 2005 pela parceria entre Ministério do Turismo e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), um roteiro integrado entre cidades que contempla três estados (Ceará, Maranhão e Piauí) que envolve 14 (quatorze) cidades, seus agentes privados e os órgãos de gestão das Unidades de Conservação envolvidas (Araújo *et al.*, 2020).

¹³ O aeroporto começou a operar com voo comercial nacional. Inicialmente vindo de Congonhas – São Paulo (Aeroporto..., 2017).

¹⁴ Em artigo apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia – RBA, Martins e Oliveira (2022) informaram que o mais recente boletim do Barômetro de Turismo Mundial da UNWTO classificou 2022 como um ano “otimista”, no qual o setor internacional registrou quase 250 milhões de chegadas de turistas internacionais, nos primeiros cinco meses do ano, significando uma recuperação de 46% dos

sobre o aumento no fluxo de turistas internacionais após a reabertura gradual das medidas de contenção e restrições. Esse retorno gradual gerou perspectivas de retorno desses visitantes estrangeiras(os), considerando a promessa de desembarques internacionais no Aeroporto Regional de Jericoacoara Comandante Ariston Pessoa, localizado no município de Cruz, no Ceará.

Sobre o aeroporto, realizei visita na unidade em 2021 e as informações foram sobre voos com frequência vindos dos aeroportos de São Paulo com destino a Cruz. Um funcionário do aeroporto, em conversa informal, esclareceu que os vôos podem ser de conexões internacionais e a procura por essa forma de deslocamento aumentava no período de julho a dezembro, período considerado de meses de ventos mais fortes, assim como o período de férias na Europa.

Quando iniciei a pesquisa de mestrado, em meados de 2022, o acompanhamento sobre o desenvolvimento do turismo massivo em Jericoacoara aconteceu de forma a coletar dados nos noticiários, sites e páginas de turismo institucionais a fim de realizar um levantamento exploratório para compreender como o fenômeno social do turismo transformou e reconfigurou a vila de Jericoacoara, ao longo do tempo. Dessa forma, com base nos dados expostos, pode-se considerar que Jericoacoara é um complexo turístico¹⁵ que vem se ampliando geograficamente, de forma constante, devido à especulação imobiliária em toda a região de praia e parque, além das cidades vizinhas.

Ocorreram mudanças no fluxo turístico após o retorno das atividades turísticas paralisadas durante a pandemia de Covid-19. Em relação ao aumento de voos para Jericoacoara, o Ministério do Turismo realizou uma campanha para 2024 (Martins, 2024), promovendo os destinos que mais se destacam com o retorno do turismo após a pandemia. Dentre os destinos, Jericoacoara está entre os mais procurados. A companhia aérea Gol realiza voos internacionais com escala em Guarulhos, com destino no aeroporto de Cruz. Outro aspecto em relação à importância do destino, foi o evento promovido pelo Ministério do Turismo, em Brasília, Distrito Federal, intitulado “Salão nacional de Turismo”. A notícia trouxe destaque para

níveis pré-pandemia de 2019. Apesar da crise vivenciada, continua sendo um dos principais motores de estratégia para desenvolvimento socioeconômico.

¹⁵ Complexo turístico significa, aqui, que não é somente a localidade intitulada Vila de Jericoacoara, delimitada geograficamente, que é vendida nos sites de destinos turísticos como Jericoacoara. Há toda a rota de passeios que está situada dentro dos limites geográficos do Parque Nacional; há também as praias das cidades vizinhas, como Cruz e Camocim; também, todo o entorno da Lagoa do Paraíso, que está situada dentro dos limites geográficos do município de Jijoca de Jericoacoara.

o Ceará e a prática de *kitesurf* nas praias localizadas em Cumbuco, Preá e Jericoacoara (Bispo; Gomes, 2023).

Essas notícias são alguns exemplos dentre as diversas que foram veiculadas pelos canais de comunicação digital, tanto institucionais como também redes sociais, que apresentam a perspectiva do turismo crescente e massivo em Jericoacoara, com uma recuperação acentuada desde o término das regras de restrições devidas à pandemia de COVID-19¹⁶. No próximo tópico, reconstruirei minha chegada à Jericoacoara, além de abordar a metáfora de paraíso atribuída à localidade.

2.2 A construção simbólica do paraíso no litoral oeste do Ceará

A vila de Jericoacoara, como expliquei no tópico anterior, estava em transformação ao longo dos anos pelo aumento de visitantes turistas, gerando modificações importantes. Para que possamos adentrar a localidade, num processo de construção simbólica da chegada ao paraíso, como uma passagem (Van Gennepe, 2014), optei por fazer a descrição da minha primeira visita ao local.

Uma pessoa que visita o Ceará com o interesse em vivenciar a diversidade de praias existentes, verá, por meio de mídias e notícias de empresas de viagens sobre o litoral cearense, que se trata de um destino turístico dividido em duas áreas de praias: as do litoral Oeste e as do litoral Leste. O litoral Leste costuma ser oferecido por visitas às praias das cidades de Beberibe, Icapuí e Aracati, dentre outras. Já o litoral Oeste, tem como principal atrativo a localidade de Jericoacoara, ainda que também sejam ofertadas praias das cidades de Caucaia, Itapipoca, Acaraú, Cruz, Camocim, dentre outras¹⁷.

Assim, um visitante que decida ir a Jericoacoara poderá comprar um traslado particular, por meio do qual visitará também as localidades que estão ao longo do caminho até o seu destino. Contudo, no meu caso, desde a primeira ida à Jericoacoara, eu estava a trabalho e, dessa forma, por desconhecer valores e por não

¹⁶ Segundo notícia publicada no site do Mtur, o Ceará se destaca na recuperação do retorno a entrada de turistas estrangeiros no Brasil, no ano de 2021 (Martins, 2023).

¹⁷ Segundo notícia publicada no site da companhia aérea internacional TAP Air Portugal, as 10 praias mais bonitas do Ceará, pertencentes às cidades citadas, são: Morro Branco, Ponta Grossa, Icapuí, Jericoacoara, Icaraí de Amontada, Lagoinha, Cumbuco, Canoa Quebrada, Praia do Preá, Praia do Futuro e, por fim, Praia do Meireles, esta última no município de Fortaleza (Conheça..., 2022).

saber se havia diferença entre ir à localidade como trabalhadora ou como turista, eu optei por ir pela empresa que realiza o trajeto saindo da avenida Beira Mar, localizada em Fortaleza, com destino à Jericoacoara. Essa empresa chama-se Guanabara e a oferta da viagem é facilmente adquirida pelo site de vendas, mas também há um quiosque de vendas situado na avenida Beira Mar.

É importante salientar ainda que, além da empresa de ônibus supracitada, há também outras empresas de turismo de pequeno porte que realizam esse trajeto Fortaleza - Jericoacoara. Os turistas que chegam à Fortaleza geralmente se hospedam nas redondezas da Avenida Beira Mar e no bairro Meireles. Eles conseguem comprar as passagens para Jericoacoara nas agências localizadas em lojas próximas ou em quiosques dispostos ao longo da calçada da avenida Beira Mar. Essa viagem, ocorrida em 2017, se deu em companhia de minha orientadora, ainda na graduação, no corpo do referido projeto, e de uma estudante de Ciências Sociais, colega de turma.

Além disso, deve-se considerar a dinâmica dos horários de saída dos ônibus de Fortaleza para a localidade. Esses horários costumam ser por volta de sete horas a oito horas da manhã e a previsão de chegada na vila acontece em torno das 15 horas. Assim, a viagem total dura em torno de seis horas, ocorrendo a troca de veículo de transporte quando da chegada ao município de Jijoca de Jericoacoara, ao qual pertence a vila e a praia de Jericoacoara. Essa troca acontece da seguinte forma: ao desembarcarmos do ônibus num posto de gasolina, onde está demarcada a entrada da cidade de Jijoca, os passageiros são distribuídos em caminhonetes 4x4, modelo Hilux, e são direcionados a acomodarem-se nos assentos que existem nas carrocerias desses carros. Geralmente, cada caminhonete acomoda cerca de oito pessoas nesse espaço.

A transição do ônibus para o carro acontece de forma um pouco lenta porque nesse momento, os passageiros são convidados a apresentarem seus comprovantes de pagamento da taxa de turismo sustentável - TTS, junto a uma cabine de atendimento localizada próximo à loja de conveniência do posto de gasolina.

Sobre a referida taxa, há duas maneiras de acessar o boleto: a primeira, por meio de um *link* enviado pelas hospedagens, com o pagamento podendo ser feito de maneira virtual através de um boleto gerado de acordo com o tempo pretendido de estadia na vila; outra maneira é presencialmente, no quiosque de atendimento, a partir da apresentação de um documento de identificação e fornecimento de informação

para a atendente que faz perguntas sobre o seu tempo de estadia. Após o pagamento, é gerado um comprovante, o qual, em teoria, deve ser apresentado a um fiscal que abordará o carro na entrada da vila.

É necessário observar também que o trajeto da cidade de Jijoca de Jericoacoara até a vila é um percurso trafegado pelas dunas do Parna Jeri. Esse caminho possibilita aos visitantes o contato com as belezas naturais do parque. Explicarei o porquê, estatisticamente, a vila concentra o maior contingente de turistas hospedados em seu espaço. Pelo que percebi, ao longo dos anos (de 2017 até 2024) nos quais realizei esse trajeto, e também pelas observações e conversas mantidas com turistas e moradores durante esses percursos, a vila de Jericoacoara é um local considerado um espaço de maior contingente de turistas na região devido ao acesso por três rotas importantes que saem da vila, e essas rotas são: o litoral Oeste (Camocim e adjacências), assim como para o litoral Leste (Cruz, Acaraú e adjacências), por fim, a rota que leva para o Parna, pela cidade de Jijoca de Jericoacoara (Dunas de areias e as lagoas naturais e artificiais). Apesar de existirem diversas possibilidades de hospedagens nas cidades próximas, como Cruz, onde fica localizada a Praia de Preá, ou também Camocim, outra cidade próxima à Jijoca de Jericoacoara; é na vila que está o principal roteiro conhecido internacionalmente¹⁸.

Jericoacoara é um complexo turístico que movimenta um fluxo de visitação constante¹⁹, movimentando a economia local e das cidades próximas²⁰ que estão de forma direta e indireta realizando trabalhos diversos relacionados às demandas turísticas como, por exemplo, transporte (trajetos de Jijoca até Jericoacoara, passeios), serviços de hospedagem, comércio de artesanatos, estabelecimentos de alimentação e lojas de *souvenirs*.

¹⁸ No site da Prefeitura Municipal de Jijoca de Jericoacoara, estão disponíveis informações sobre este acontecimento. Disponível em: <https://www.jjocadejericoacoara.ce.gov.br/informa.php?id=1711>. Acesso em: 16 abr. 2024.

¹⁹ Notícia sobre a crescente procura de turistas por Jericoacoara apresenta dados sobre o fluxo crescente na vila, este ano, após a reabertura devido à COVID 19, ainda com predominância de turistas nacionais, principalmente das regiões sul e sudeste (Rede..., 2021).

²⁰ Sobre o território que faz fronteira com Jericoacoara, existem três acessos regulamentados pelo ICMBio. Dentre esses acessos, um é realizado pela costa litorânea, nomeada de Praia do Preá, localizada no município de Cruz. Outro acesso intitulado "Rota do Guriú", é muito utilizado pelos moradores e trabalhadores da localidade de Guriú (a Oeste da Vila) e é pertencente ao município de Camocim, situando-se do lado oposto à praia do Preá (Martins; Oliveira, 2022).

casas, pousadas, hotéis e estabelecimentos de alimentação ornamentados com palhas e madeiras que remetem às pinturas de barcos, uma mescla de madeira e cores a fim de completar um cenário de vila de pescadores antiga, como ela era no princípio, só que agora apresentada de forma estilizada.

Dando continuidade às observações sobre o trajeto da sede do município até a vila, retomarei pontos ainda não abordados, ou seja, relato a seguir a minha percepção do trecho de transição entre a sede do município e a vila.

Ao subir na caminhonete, observei que as cadeiras são pequenas e estreitas; há estruturas de ferro nas laterais do carro que sustentam a cobertura feita por material de lona sintética e onde os passageiros ficam abrigados, no estilo das imagens abaixo.

Figura 4 - Meios de locomoção entre a sede do município de Jijoca de Jericoacoara e a vila de Jericoacoara



Fonte: Acervo pessoal de Rodrigues (2011).

O motorista avisa que é importante se segurar nas estruturas de ferro, na lateral da caminhonete, pois quando estamos atravessando as dunas, o carro dá

saltos muitas vezes bem elevados e, com isso, podemos bater com a cabeça ou outras partes do corpo nas estruturas do teto. Assim a viagem começa. As ruas do município de Jijoca de Jericoacoara têm calçamento de pedra até certo ponto. As casas à beira da estrada possuem alpendres e, em alguns trechos, observamos mulheres que expõem peças de crochê.

Ao fazermos o percurso da cidade até a vila, a caminhonete passa por localidades conhecidas por córregos. Notei que, ao longo dos anos realizando esse trajeto, caso o carro não esteja fretado para uso exclusivo de um grupo, ou levando os passageiros da empresa de ônibus, ao longo do caminho, esse veículo vai realizando paradas em algumas esquinas e fazendo embarques de pessoas que aguardam nesses pontos. Em 2017, na minha primeira vez realizando esse trajeto, eu estava como passageira de um veículo 4x4 exclusivo para passageiros vindos no ônibus.

Ao final desse trecho de calçamento de pedra, há uma estrada carroçal e, então, passamos por uma guarita vazia, onde está estampado o símbolo do órgão responsável pelo Parna, o ICMBio, e mesmo a guarita permanecendo vazia, nesse momento, o motorista costuma avisar que estamos entrando no território do Parque Nacional.

Deve-se considerar, nesta narrativa sobre o percurso de chegada ao lugar, a construção simbólica que está presente. As marcas de entrada, numa espécie de portal do paraíso, ou seja, uma soleira (Van Genep, 2014) são anúncios por parte do condutor do veículo sobre a travessia que será realizada em seguida. O percurso pela cobertura de mata é a primeira experiência na qual, ao iniciarmos a passagem pelo Parna, eu e as demais pessoas do veículo fomos imersas.

Durante o trajeto até o parque, observei que, em um primeiro trecho desse caminho, o carro segue por uma trilha coberta por vegetação. Nesse momento, as pessoas costumam conversar entre si, começam a se conhecer e interagir; alguns galhos raspam sobre os ferros e também caminhonetes retornando transpassavam o veículo no qual estávamos. Nesse momento, alguns turistas que estavam na caminhonete celebraram com gritos direcionados ao outro veículo.

Seguimos nessa trilha até avistarmos as dunas, algumas imensas, e há também pequenos lagos entre uma duna e outra. O veículo chacoalha bastante devido aos relevos na estrada de terra batida e, depois, nos caminhos próximos às dunas de areia. No caminho, a todo instante, muitos veículos cruzam, assim como também

motocicletas passam ao lado das caminhonetes. Em um certo momento desse trajeto, é possível avistarmos o Serrote, uma porção de terra elevada, como uma colina, coberta de vegetação rasteira, e, próximo a ela, é possível avistar as construções da vila. Após mais algumas travessias de dunas, chegamos à porta de entrada da vila. O motorista pede que os passageiros apresentem o comprovante da TTS e segue viagem. Ao entrarmos no espaço da vila, avistamos um campo de futebol, dois prédios que lembram repartições públicas (depois eu soube que se trata da Unidade de Saúde Básica, o posto de saúde, e o outro prédio é o Centro de Referência em Assistência Social - CRAS). Após esses prédios, é possível ver um cemitério localizado no início do Serrote e do lado contrário às três principais ruas da vila: Do forró, Principal e São Francisco.

Figura 5 - Vila de Jericoacoara (ruas principais)



Fonte: Acervo do LEC – UFC (2017).

O rompimento com a rotina secular e a imersão na travessia, em direção ao paraíso Jericoacoara, são aspectos simbólicos que contribuem para a fama da localidade. Jericoacoara é veiculada internacionalmente, por meio das propagandas

turísticas, que a apresentam como um paraíso. Quero deixar aqui minha impressão sobre essa associação da vila com um paraíso. A ideia de ir ao local que previamente é conhecido como paraíso passa a sensação de vivermos uma aventura. A ideia de paraíso remete ao isolamento, a algo distante, custoso de chegar, mas também prazeroso; estar no paraíso é estar num local onde vivenciamos sensações únicas que, seguindo este jogo metafórico, se contrapõem ao inferno da vida cotidiana, ao ritmo da vida secular, ou seja, trabalhos, estresses e atividades presentes num cotidiano comum e repetitivo. Pois quero partir, então, dessa dicotomia: trabalho/inferno e lazer/paraíso. As possibilidades de viver dias num paraíso nos levam a tecer expectativas quanto a essa experiência.

Considerando o exposto, durante as entrevistas com as(os) interlocutoras(es) estrangeiras(os), elas(es) relatam a saída da vida ordinária em sua rotina de trabalhos, compromissos e regras do cotidiano, como uma decisão difícil. Também o processo da viagem e deslocamento para a localidade como momento de incertezas e, por fim, a chegada ao paraíso (Jericoacoara) como momento de alívio, de recompensa e recomeço. Quando eram as pessoas locais que se deslocavam para os países da Europa, a viagem também remetia a incertezas e cautela, contudo, a chegada ao país desconhecido ainda remetia à insegurança e incertezas. Somente após um tempo vivendo na localidade é que elas passavam a se sentirem mais acolhidas e seguras.

A viagem realizada e descrita tanto por mim como pelas situações apresentadas pelas(os) interlocutoras(es) aborda o aspecto ritual da vida. Van Gennep (2014) trata o fenômeno social ritual como algo em si mesmo. O ritual é um fenômeno em fluxo, relacionando-se com tempo e espaço, estabelecendo uma ponte entre posições e domínios sociais. Elucida, ainda, sobre o aspecto da passagem: “qualquer pessoa que passa de um território para outro acha-se assim, material e mágico-religiosamente, durante um tempo mais ou menos longo em uma situação especial, uma vez que flutua entre dois mundos” (Van Gennep, 2014, p. 35).

Podemos inferir também que a relação trabalho/inferno e lazer/paraíso está relacionada às nossas tradições religiosas ocidentais cristãs que opõem o bem e o mal, assim como a ideia de trabalho foi atrelada ao sacrifício para o alcance do lazer como recompensa.

O antropólogo Roberto da Matta (2000), ao dialogar a partir de Van Gennep (2014) em artigo sobre a relação entre ritos de passagem e a individualidade, explica

que o momento liminar presente nos exemplos de Van Gennep, onde há incertezas, sofrimento e a suspensão de posições sociais, é também um momento de encontro com a individualidade, e é nesse encontro ontológico que nascem ferramentas importantes que serão agregadas junto à nova fase a ser vivenciada. Afirma, pois:

O que temos aqui é a experiência com a individualização como um estado, não como uma condição central da condição humana. Ou seja, a individualização dos noviços nos ritos de passagem não envereda pelo estabelecimento de uma ruptura, por meio da ênfase extremada e radical em um espaço interno ou em uma subjetividade paralela ou independente da coletividade; antes, pelo contrário, essa individualização é inteiramente complementar ao grupo. Trata-se de uma autonomia que não é definida como separação radical, mas como solidão, ausência, sofrimento e isolamento que, por isso mesmo, acaba promovendo um renovado encontro com a sociedade na forma de uma triunfante interdependência quando, na fase final e mais básica do processo ritual, os noviços retornam à aldeia para assumir novos papéis e responsabilidades sociais (DaMatta, 2000, p. 17).

Para a construção simbólica da viagem, essa travessia, o estado de deslocamento de um destino a outro, é um processo de liminaridade. É na liminaridade que o *self* se constrói e, ao retornar ao convívio coletivo, no caso dessa pesquisa - o local turístico -, essa reagrupação toma proporções subjetivas que permitirão ao visitante viver experiências antes não cogitadas. Ao refletir a partir da decisão onde a pessoa (turista estrangeira, pessoa local) rompe com o espaço secular e as estruturas que estabilizam seu cotidiano, e parte em viagem ao inesperado, considerando que há um conhecimento simbólico prévio de um paraíso, ela se coloca em processo de devir, de espera de mudanças, de viver experiências que extrapolam sua vida anterior e, ao mesmo tempo, que podem levá-la ao que espera ser algo melhor. Ou seja, a pessoa se coloca em situação de incerteza, liminaridade, mas com o devir da recompensa.

Não me excludo dessa reflexão, pois quando, em 2017, estava atravessando o Parna Jeri, junto aos turistas, também estava em condição liminar, numa busca por um encontro com a pesquisa na qual eu me sentia desafiada a iniciar. Esse lugar da pesquisa no paraíso também estava apresentando desafios que eu passei a enfrentar, ao longo dos anos. O campo parecia escapar a todo instante, pois eu estava na contramão do lugar. Abordar as pessoas e falar a elas no que eu estava trabalhando era considerado algo estranho, tendo em vista que grande parte das demais pessoas estavam lá para lazer e diversão. Mesmo quando eu estava a pesquisar junto às trabalhadoras de artesanato, nas primeiras conversas elas me interpretavam como

uma fiscal disfarçada²¹, pois essa era a maneira que elas encontraram de entender o motivo pelo qual eu estava trabalhando na localidade.

Continuando o relato sobre a minha primeira ida ao campo, lembro que, ao chegar à vila, o desembarque aconteceu na porta das hospedagens dos passageiros. Essa ação facilitava o carregamento de bagagens, pois, como citei anteriormente, a vila tem suas ruas todas de pura areia de praia, pois, como já dito anteriormente, é uma característica cujo objetivo é manter a rusticidade do local. Lembro de não perceber como andar na areia e de que todos os caminhos poderiam ser cansativos, contudo, eu estava eufórica com o cenário e toda a estética do lugar parecia me agradar. Nesse primeiro momento, eu fui caminhando ao longo dos dias pelas três ruas paralelas repletas de comércios, restaurantes e hospedagens luxuosas.

Figura 6 - Vila de Jericoacoara (praça na rua Principal)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

²¹ Na monografia que defendi em 2019, onde abordei os efeitos do turismo sobre a dinâmica de trabalho das artesãs de crochê, as *crocheteiras* de Jericoacoara, eu explico sobre minha inserção no campo de pesquisa (Martins, 2019).

Figura 7 - Vila de Jericoacoara à noite



Fonte: Acervo pessoal de Rodrigues (2021).

Por fim, quero esclarecer que as mudanças no acesso e as condições de chegada contribuem para a percepção da viagem até Jericoacoara como sendo o início de uma aventura. Essa vivência turística em 2017 foi cedendo lugar a uma vivência de trabalho, e fui, ao longo dos anos, identificando situações que na primeira vez eu não enxerguei, como, por exemplo, que o carro exclusivo para turistas é diferente do veículo que conduz trabalhadores e moradores, em muitos aspectos. Os aspectos diferentes são os modelos antigos da caminhonete S10, com aspectos de ferrugem, também os assentos que costumam ser dois bancos maiores sem divisões, com as laterais de madeiras, sem suporte para apoio e por terem mais espaços para as mercadorias destinadas à venda, e outros materiais.

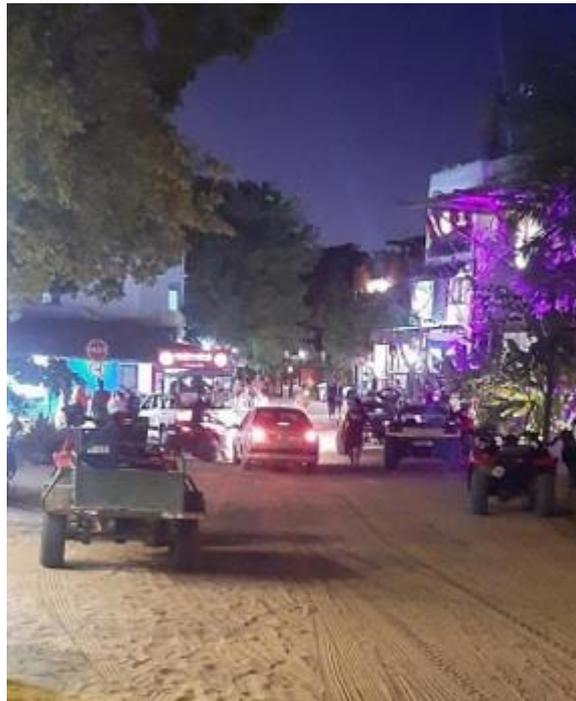
Na primeira ida ao campo de pesquisa, eu estava dando os passos iniciais para o entendimento do turismo como uma possibilidade de estudo científico, e foi a partir da vivência na universidade que eu passei a entendê-lo como um fenômeno social. No tópico seguinte, serão abordados detalhes das festas, sociabilidades e a produção do lugar turístico como espaço de diversão, encontros e prazeres.

2.3 Complexo Jeri: os becos, as festas, as praias como espaços de sociabilidades sexuais e afetivas

Jericoacoara é uma paisagem construída para encantar os visitantes. Há diversos atrativos e é semelhante a um complexo de experiências prazerosas. Alguns relatos de visitantes dizem sobre identificar o local como ideal para grupos familiares, enquanto outros turistas relataram ser um local para “curtir” as festas; ainda há as(os) moradoras(es) que declararam ser o “lugar da tranquilidade”. Parece um mosaico de possibilidades que são direcionadas a diferentes tipos de pessoas que buscam saciar suas expectativas sobre aquele espaço.

É essencial compreender, ainda, as suas possibilidades de festas e lazer, sobretudo no período noturno, ou mesmo aquelas ofertadas por hospedagens luxuosas. As festas acontecem em muitos pontos da vila, às vezes em hotéis luxuosos que fazem lista prévia e oferecem áreas exclusivas de acesso. Entretanto, há também festas públicas animadas por bandas e cantores contratados pelas(os) vendedoras(es) de bebidas alcoólicas, conhecidos na localidade como “barracas das caipirinhas”. Essas pessoas montam suas barracas no final da rua principal e início da praia. Essa é uma festa onde qualquer pessoa pode estar presente no espaço comum, ouvindo a banda de música e, ao mesmo tempo, comprando as bebidas das barracas.

Figura 8 - Entrada do espaço de festa no Café Jeri, rua do Forró



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Um ponto importante, entre as muitas dimensões referentes à expansão turística e consequentes transformações na vila de Jericoacoara, é a compreensão das relações entre estrangeiras(os) e nativas(os) ou pessoas locais.

Em primeiro lugar, é necessário entender como a pessoa local/nativa é apreendida pelos sujeitos dentro da vila de Jericoacoara. Nativa(o), em Jericoacoara, é um termo adotado por pessoas que se declaram descendentes de pescadores e moradores antigos. Sobre o significado de nativa(o), muitos trabalhos acadêmicos tratam o termo como uma categoria êmica, sendo que nas entrevistas e conversas, ao longo do trabalho de campo, as(os) entrevistadas(os) se declaram nativas(os) sempre numa relação de comparação com as pessoas que possuem nacionalidade estrangeira.

Há também casos de pessoas originárias de outros estados do Brasil que se declaram nativas devido ao tempo de permanência residindo na localidade. Algumas pesquisas abordaram essas diferenças. Na pesquisa de Fabio Molina (2007) sobre a produção do espaço *turistificado* em Jericoacoara, as(os) nativas(os) são pessoas residentes na localidade há muitos anos, detentoras das histórias de fundação da vila e das suas características iniciais. Também a pesquisadora Ingrid

Lima (2007) compreende a perspectiva histórica da condição de nativa(o), afirmando serem famílias de pescadores que permaneceram na localidade desde o período colonial e que foram, por meio de gerações familiares, dando continuidade às tradições rurais e pesqueiras.

De fato, durante minha pesquisa para esta dissertação, na abordagem das(os) moradoras(es) ou trabalhadoras(es) entrevistadas(os), a nomenclatura permaneceu utilizada, em grande parte utilizando-se o termo nativa(o) para denominar pessoas que se declaram originárias da localidade há muitos anos, ou também descendentes dessas(es) primeiras(os) moradoras(es), mesmo que geograficamente não residam dentro dos limites da localidade. Essas pessoas que se intitulam nativas, por vezes, residem nas localidades próximas e transitam nos espaços da vila de Jericoacoara porque trabalham em alguma atividade comercial relacionada ao turismo, ou porque estão em busca de alguma oportunidade de trabalho.

Há os casos de pessoas que vão à vila de Jericoacoara em busca de diversão, mas também podem atuar em trabalhos temporários ou esporádicos. Outro ponto importante em relação ao termo nativa(o) é a compreensão da rede social que fortalece essas pessoas transeuntes, como, por exemplo, os motoristas de transportes de turistas. Eles rotineiramente levam em seus veículos parentes que residem em cidades próximas ou amigas(os) para a vila de Jericoacoara, para que esse transeunte circule pela localidade em busca de oportunidades de trabalho. Essa pessoa se apresenta como nativa nos espaços que adentra.

Devo esclarecer que, ao longo da pesquisa realizada para esta dissertação, observei também que acionar o termo nativa(o) está necessariamente relacionado a uma relação de oposição à pessoa estrangeira, pois há uma comparação cotidiana, e uma delimitação do lugar da(o) nativa(o) e do lugar da(o) estrangeira(o); são lugares de acesso ou não a condutas diferenciadas, tratamentos entre si e também cotas de poder. Essas cotas de poder passam pela comunicação cotidiana dentro da vila. Cito brevemente uma situação que vivenciei durante a pesquisa de campo, a partir da qual eu compreendi como a linguagem, o sotaque e termos específicos marcam as diferentes cotas de poder que diferenciam a local/nativa em relação às pessoas de fora, ou pessoa turista/estrangeira.

Penso que cotas de poder, na forma aqui referidas, remetem a situações nas quais o indivíduo transita, com o desejo de acessar lugares, buscando barganhar esses acessos, mesmo que para isso necessite sujeitar outras pessoas. Essas ideias

são baseadas em Michel Foucault, ao tratar sobre as tecnologias do poder, que são mecanismos aliados à construção da individualidade humana presentes na maneira de construir o *self* (Foucault, 2008). Também são referidas por Little (2006), ao propor a articulação entre etnografia e ecologia política, para o estudo de conflitos socioambientais.

Quando estava concluindo uma entrevista com uma interlocutora de origem hispânica que reside em Jericoacoara há bastante tempo, eu solicitei uma indicação de local com melhor custo/benefício para que eu pudesse jantar. Ela me disse que eu fosse na barraca de comidas localizada na rua São Francisco. A interlocutora decidiu me acompanhar, explicando que, ao estar comigo, o preço seria menor, bastava ela dizer à vendedora que eu era amiga dela e que estava procurando trabalho, assim, a vendedora das comidas me passaria um valor “para nativas”; como um aviso, ela disse que eu não precisava falar nada, bastava separar o valor específico, dobrar na mão e entregar sem perguntar nada. Assim, fomos até o local e, ao chegar lá, a moça que me acompanhava chamou a vendedora e informou que eu era amiga dela e que era “aquele combinado”, e se despediu. Eu, então, esperei o preparo da refeição, e quando a vendedora foi me entregar a refeição, perguntou-me onde eu estava hospedada em Jeri, então, informei sobre minha hospedagem. Após isso, o valor da refeição foi alterado de imediato. Sem questionar, paguei e agradei.

Portanto, entendi que não é só uma linguagem verbal, mas há sinais que também expressam sobre ser local e ser de fora. Acredito que meus traços físicos e características fenotípicas me fazem ser semelhante às nativas, contudo, meu corpo e minha expressão, ou algum outro gesto, estavam comunicando uma mensagem para aquela mulher que eu desconhecia. Ao me perguntar sobre onde eu me localizava na vila, houve uma identificação por parte da vendedora de que eu não pertencço ao grupo de nativas, assim, fui colocada no devido espaço que eu posso acessar, pois não posso aceder aos acordos e às condutas cotidianas voltadas para nativas(os). O interessante é que a interlocutora em questão, a que me indicou o local, é de origem estrangeira, mas devido a sua condição de moradora da localidade e de proximidade com a vendedora, é posicionada na condição de moradora conhecida ou, como ouvi algumas pessoas relatarem em outras ocasiões, ela é “quase nativa”.

Devido a essa condição híbrida do termo nativa(o) em Jericoacoara, adotei para essa pesquisa a nomenclatura “local”. Entendo que o termo local, como aqui referido, diz respeito a pessoas que são cearenses, transeuntes ou moradoras em

Jericoacoara, sendo que a relação oposta à(ao) estrangeira(o) é marcada pela nacionalidade e lugar de nascimento. Para esta pesquisa, as pessoas que se nomearam locais são cearenses, residentes em cidades próximas à Jericoacoara, ou com moradia na cidade de Jijoca de Jericoacoara, assim como pessoas brasileiras de outros estados residentes na vila há alguns anos; e as pessoas estrangeiras são aquelas vindas de outros países, que podem ser tanto países da Europa como também de qualquer outra nacionalidade.

Além disso, considerando as ideias discutidas acima, precisamos compreender também a relação de viagem e as mobilidades presentes no espaço turístico. A viagem turística é parte do desejo construído numa ampla rede de contatos sociais, ou seja, as pessoas relatam umas para as outras sobre suas viagens aos locais turísticos, e assim, contribuem para a fabricação de imagens (Augé, 2017)²². No mundo contemporâneo, as pessoas que viajam voltam aos seus locais de origem e relatam suas experiências, também com imagens produzidas por fotografias. Conforme Augé (2017), os equipamentos de fotografias e produção de filmes produzem imagens ilusórias e essas imagens, ao serem divulgadas em redes sociais e meios digitais diversos, alimentam o imaginário sobre os locais visitados que, muitas vezes, são idealizações dessas localidades, construindo, assim, os destinos como ideias que promovem experiências únicas. Jericoacoara é um local construído a partir dessas representações imaginárias, pois permanecem as características de uma vila de pescadores, isolada (delimitada pelo Parque Nacional) e com nuances de paraíso, que são traços da natureza intocada.

Ao longo da estadia em Jericoacoara, é possível identificar vários relatos que expressam as marcas que definem esse simbolismo: o lugar do forró, o local dos barcos de pescadores, as dunas, as lagoas, as casas de moradores (pessoas da localidade), dentre outras características que são constantemente relatadas nas entrevistas como fator principal para o encanto e desejo de permanecer na vila. Marc Augé (2017) compreende a viagem como um evento onde turistas estão sempre em busca do pós-acontecimento. Ele diz que o turista realiza a viagem a lugares com a intenção de ter uma boa junção de imagens e relatos para contar após realizar sua

²² A expressão “fabricación de las imagenes” está relacionada ao conceito de espaço construído simbolicamente. Augé (2017) afirma que os destinos turísticos são ficções construídas por imagens de lugares criados para encantar os visitantes e, assim, estabelecer uma rede de informações sobre destinos.

estadia. Assim, ele compara o turista aos cronistas viajantes dos séculos passados. O autor afirma que: “Por eso ellos viven el futuro y piensan sobre todo en el espectáculo que algunas semanas más tarde podrán imponer a su resignado entorno, presentando imágenes de un viaje inolvidable y una estancia encantadora (Augé, 2017, p. 18)²³. Nesse sentido, parece fundamental dizer sobre como a viagem, e suas possibilidades de acesso a lugares antes inimagináveis, podem ser atrativas para a constante busca por mobilidades, incluindo possibilidades para além do globo terrestre.

Considerando as ideias acima, podemos acrescentar como Augé (2017) entende que os locais de turismo massivo permitem às pessoas uma identidade genérica, que não está definida em cor, origem ou personalidade. Para ele, a(o) turista vive a ilusão de estar em um local onde tudo é possibilidade e devir. Essa generalidade é a proposta ideal para a configuração da cidade-mundo, onde tudo se mistura e, ao mesmo tempo, é diluído:

Mi apuesta (mi esperanza o mi sueño) es que, a largo plazo, estos cambios lograron fórmulas más próximas al ideal de la Ilustración, el ideal de una civilización universal y transcultural en la cual todos los individuos serán iguales y diferentes. Y todos libres de desplazarse adonde quieran (Augé, 2017, p. 21)²⁴.

Esse conceito abordado pelo autor, de homem genérico, é consequência da facilidade das viagens turísticas a qualquer destino, transformando lugares em espaços de mobilidades. Ao refletir sobre os relatos de campo em Jericoacoara, percebo que há pessoas de diversos lugares que são itinerantes. Essas pessoas têm plena consciência de suas origens, de seus hábitos dos locais de origem e, muitas vezes, o encontro com as diferenças ocasionado pelo ambiente turístico enfatiza essas diferenças. Não podemos dizer que em Jericoacoara há pessoas genéricas, que vivem em plena comunhão com as diferenças; pelo contrário, essas diferenças são conflituosas no cotidiano dessas pessoas, assim como nos diversos relacionamentos afetivo-sexuais e seus desdobramentos, acompanhados nesta

²³ “É por isso que vivem no futuro e pensam sobretudo no espetáculo que poucas semanas depois poderão impor ao seu ambiente resignado, apresentando imagens de uma viagem inesquecível e de uma estadia encantadora” (tradução minha).

²⁴ “A minha aposta (a minha esperança ou o meu sonho) é que, a longo prazo, estas mudanças alcançarão fórmulas mais próximas do ideal do Iluminismo, o ideal de uma civilização universal e transcultural em que todos os indivíduos serão iguais e diferentes. E todos são livres para se deslocarem para onde quiserem” (tradução minha).

pesquisa. Deve-se considerar, ainda, que Jericoacoara está em contínua construção de um espaço transnacional. Essa relação do espaço construído internacionalmente e de culturas diversas está condizente com o diálogo teórico de Ulf Hannerz (1998), quando o autor afirma que há encontros culturais que transformam a localidade em lugares globais, onde há uma mistura de diversas culturas.

Assim, podemos descrever que todos os espaços físicos de Jericoacoara foram forjados no intuito de criar um local que atenda às demandas turísticas e todos os anseios de seus visitantes. As ruas possuem a ornamentação voltada para um cenário composto de ambientes, estruturas e móveis em palha e madeira, a fim de apresentar-se como um espaço rústico. Esse cenário rústico tem como propósito passar a imagem de uma vila de pescadores, em acordo com aquela Jericoacoara acessada pelos primeiros turistas e os relatos e imagens que, ao voltarem a seus locais de origem, esses primeiros turistas relataram e mostraram. Outro aspecto importante que deve ser considerado é o espaço da vila de Jericoacoara como espaço de consumo. Segundo Angeles López e Gustavo Marin (2010), o turismo é uma indústria produtora de espaços, significados e experiências diversas que são proporcionadas em meio a uma vivência na localidade.

Em continuidade às categorias importantes para entender a relação espaço turístico e a rede de sociabilidades entre pessoas locais e estrangeiras(os), citarei, a seguir, acontecimentos preponderantes ocorridos durante o meu período em pesquisa de campo, e que agregam e complementam as informações apresentadas até aqui.

Em 2021, quando estive em Jericoacoara, tive algumas conversas e realizei entrevistas que contribuiriam para a compreensão da dinâmica social na localidade, durante a pandemia de COVID-19. Dentre os acontecimentos preponderantes, destacou-se a crise econômica que a cidade enfrentou, pois como disse anteriormente, a economia local é dependente do turismo. Assim, com as medidas de isolamento e restrições sanitárias decretadas no ano de 2020, no ápice da crise de contágio de COVID-19, a vila passou por um esvaziamento de turistas, ocasionando a migração de proprietários de estabelecimentos de hospedagem que retornaram para seus países de origem. Segundo relatos de funcionárias(os) públicas e outras(os) trabalhadoras(es) da vila, muitos locais de hospedagem e de serviços de alimentação ficaram fechados por meses, pois as(os) proprietárias(os) viajaram para as famílias de origem.

Para que possamos entender como a cadeia produtiva de Jericoacoara está em grande maioria gerida por estrangeiras(os), podemos observar, a partir Rebeca Freire (2015). Em sua pesquisa, ela realizou um levantamento sobre a cadeia produtiva na vila de Jericoacoara e, dentre os dados apresentados, ela contabilizou 316 estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços em 2015, sendo que 71% dos estabelecimentos pertenciam a pessoas estrangeiras. Outro dado importante é que, quando a análise de Freire (2015) é sobre casais administradores dos comércios, de 278 estabelecimentos comerciais contabilizados, a maioria é de casais mistos (pessoas estrangeiras e nativas). Essas informações contribuem para o entendimento de localidade transnacional. Freire (2015) apresentou relatos etnográficos de moradoras(es) estrangeiras(os) se autodeclarando transmigrantes, pois vivem um período de seis meses na vila de Jericoacoara e seis meses em seu país de origem, estando essas pessoas em condição de vida entre países.

Diante dessa informação, podemos entender o fenômeno do esvaziamento da vila em 2020. No ano de 2021, com a reabertura tanto de aeroportos quanto de acesso para a vila, o fluxo de turistas foi retornando de forma gradual. No período em que estivemos na localidade, algumas entrevistas mostraram que o público visitante constava predominante de brasileiras(os) de outros estados, pois poucos turistas de outros países estavam aparecendo.

Em 2021, os dados de pesquisa mostraram como as recentes políticas de controle de acesso, como a TTS, ou mesmo a migração do estacionamento interno na vila para a cidade de Jijoca de Jericoacoara, estava gerando conflitos entre moradoras(es), trabalhadoras(es) e a gestão municipal. Assim, realizei entrevistas para entender como as mudanças e a pandemia estavam sendo percebidas pelas(os) moradoras(es) locais. Foi nessas entrevistas e conversas que surgiram questões importantes sobre os relacionamentos afetivo-sexuais entre locais e estrangeiras(os).

Dentre os problemas relacionados com o tema, havia o da evasão escolar de crianças e adolescentes com dupla nacionalidade. Essas crianças e adolescentes vivem em contexto de migração. Segundo informações obtidas junto a uma funcionária da escola municipal, um problema comum enfrentado pela escola é a constante saída de crianças e adolescentes que mudam de país, pois as mães ou pais estão constantemente realizando viagens para o país de seu cônjuge. Outra política pública que lida com problemas decorrentes das relações entre locais e estrangeiras(os) são as políticas de assistência social. O Centro de Referência em

Assistência Social – CRAS Jeri, localizado na vila, atende famílias em situação de vulnerabilidade social da localidade e de alguns povoados próximos. Quando conversei com um funcionário da unidade de atendimento, ele informou que o problema recorrente enfrentado era a negligência familiar.

Ele explicou que, por negligência familiar, pode-se entender quando a família não cumpre com os deveres de proteção da criança e adolescente como, por exemplo, escola, alimentação e cuidados importantes. Na prática, o funcionário disse que algumas famílias se envolvem com o esquema de drogas na vila e nele envolvem também as crianças e adolescentes, ou, por vezes, estão trabalhando nos serviços turísticos durante a noite e também envolvem seus dependentes, gerando consequências, como ausência na escola e outros fatores. A questão é que essa exposição das adolescentes aos ambientes de festas e drogas pode também estar conectada com as possibilidades de serviços sexuais para turistas. Essa constatação foi por mim percebida com base nas informações prestadas pela funcionária da Unidade de Atenção Primária a Saúde - UAPS, conhecido popularmente como posto de saúde.

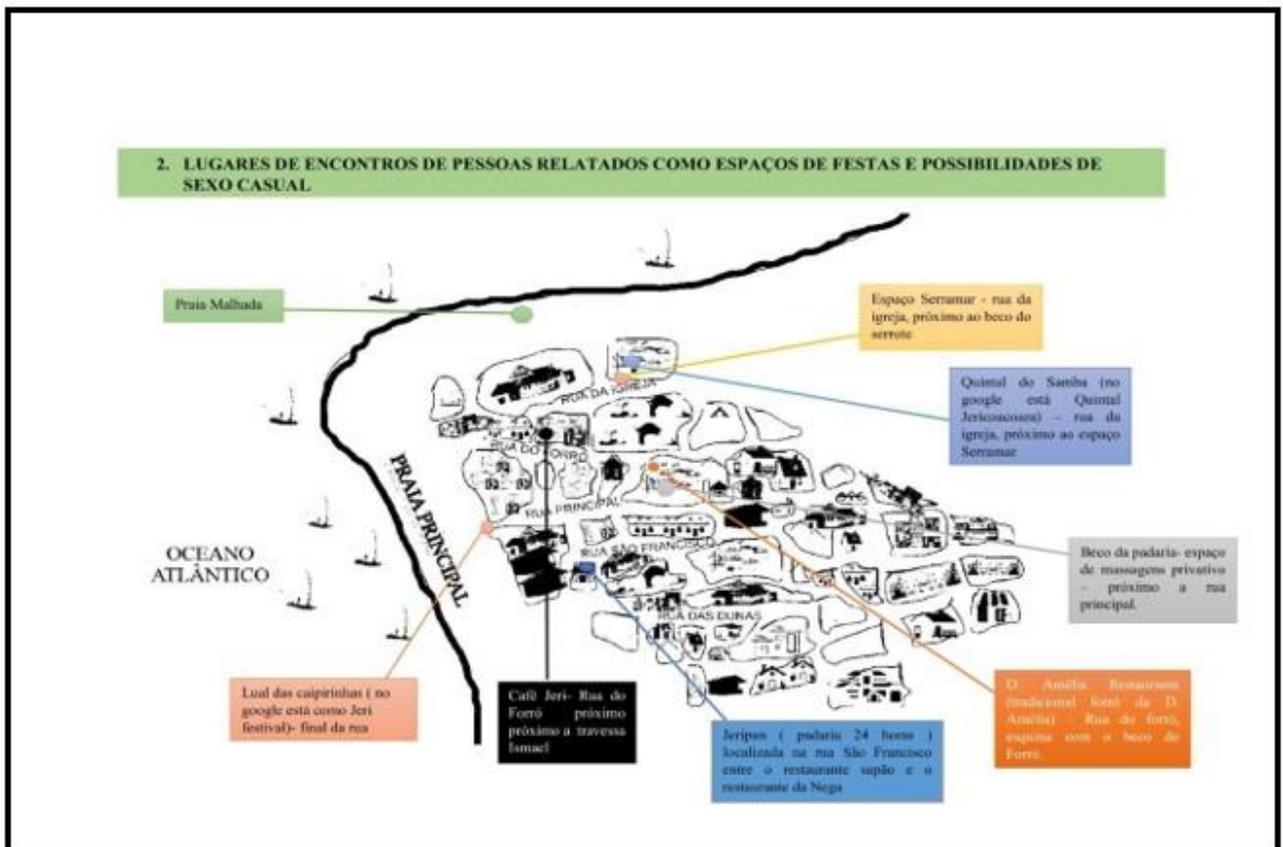
Em visita ao posto de saúde, o fato de adolescentes e jovens buscarem a unidade para realizar seus acompanhamentos gestacionais e, em alguns casos, interromperem esse acompanhamento por motivo de mudança de país, foi relatado pela atendente da unidade. Outro fato também citado nessa ocasião se refere a turistas estrangeiras e brasileiras de outros estados que buscam a unidade de saúde a fim de tomarem os medicamentos preventivos contra Infecções Sexualmente Transmissíveis- ISTs; elas(eles) informam exposição recente ao sexo desprotegido.

Durante contatos e entrevistas sobre o tema desta dissertação, uma representante do conselho comunitário recebeu nossa equipe de trabalho e realizamos a sua entrevista. Enquanto falava sobre os possíveis problemas que Jericoacoara enfrentava, a entrevistada citou que a drogadição e a prostituição estavam recorrentes no local, e relatou que “elas buscam os príncipes que viram sapos”, e disse também que era comum as pessoas locais engravidarem de turistas devido ao fato de que “ter um filho brasileiro é ter visto no Brasil”, referindo-se ao interesse sexual dos turistas estrangeiros em relacionamentos com pessoas locais.

Nessa mesma oportunidade de trabalho de campo, outra fala de um entrevistado acendeu o alerta para a dimensão dessa realidade dos relacionamentos afetivo-sexuais em Jericoacoara. Um trabalhador do Centro de Convivência da

Criança e do Adolescente, existente na localidade, em entrevista sobre a dinâmica de serviços sexuais, disse que são sutis e veladas, pelas conversas comuns e festas cotidianas. Ele afirmou que as adolescentes relatavam que bastava conversar com os turistas, e então, os encontros íntimos aconteciam nas pousadas, sem nenhum impedimento.

Figura 9 - Vila de Jericoacoara (Espaços de festas e lazer)



Fonte: Oliveira (2024).

Identifiquei, ao aprofundar as observações em campo, que os relacionamentos afetivo-sexuais dentro de Jericoacoara não se limitavam somente às mulheres nativas e homens gringos, pois essa configuração era reducionista e não contemplava a diversidade de situações que surgiam ao longo das idas ao campo de pesquisa.

Por diversas vezes, eu escutava das mulheres, com as quais eu mantive diálogo, que “em Jeri não tem isso de turismo sexual”, as mulheres se casam com os gringos porque querem. Em uma conversa com uma das interlocutoras que são artesãs de crochê, ela relatou que os homens de Jericoacoara também buscam as

gringas, turistas estrangeiras, para manter relacionamento com elas; que essa prática é comum na localidade devido à busca das turistas estrangeiras por homens que possuem um estereótipo de homem rude, cor da pele bronzeada e músculos aparentes. Esses homens buscados eram os trabalhadores da pesca, dos transportes de turismo, vendedores das barracas de caipirinhas ou também os capoeiristas que, ao final da tarde, ficavam na praia principal realizando suas atividades de capoeira.

Uma situação vivenciada no *hostel* em que eu estive hospedada, em 2024, foi esclarecedora para as possibilidades de sexo e relacionamentos em Jericoacoara. Uma turista de São Paulo, hospedada no *hostel* pelo período de sete dias, contou-me, em conversa descontraída, como teve uma experiência afetiva com um trabalhador local que realizava serviços de passeios de *buggy*. Ela relatou que, esqueceu sua sandália durante o período do dia, próximo à árvore da preguiça (um dos destinos de visitação oferecidos em pacotes de passeios), e estava triste por essa perda do objeto e, durante a noite quando estava no espaço de festas chamado Serramar, localizado próximo à rua da Igreja, ao conversar com o rapaz proprietário do *buggy*, contou a ele sobre o objeto perdido. Assim, o rapaz ofereceu-se para ir com ela ao local naquele momento (a noite) em busca do objeto. Ela aceitou o convite e disse que, ao chegar no local e encontrar sua sandália, ficou grata ao rapaz, achou-o atraente e gentil e decidiu ficar com ele. Quando eu lhe perguntei o que significava ficar, ela disse que trocaram beijos e ele não fez nada que ela não queria fazer. Assim, ela encerrou o relato.

É necessário observar que, após as contribuições do exame de qualificação, eu pude ampliar meus horizontes de pesquisa e perceber a diversidade de pessoas que passam por Jericoacoara, e também as diferentes possibilidades de relacionamentos afetivo-sexuais que podem ocorrer. Assim, em consequência das minhas observações e, principalmente das observações feitas pelos examinadores no exame de qualificação, a pesquisa tornou-se mais aberta às possibilidades que o campo apresentava, e foi sendo encaminhada para a compreensão de afetos e emoções decorrentes das relações afetivas em situações de transnacionalidade, além dos dilemas que as pessoas locais e pessoas estrangeiras passavam ao tomar a decisão de manter um relacionamento em situação de mobilidade.

3 O CALEIDOSCÓPIO DE RELACIONAMENTOS, EMOÇÕES E AFETOS EM JERICOACOARA

3.1 A atmosfera dos encontros afetivo-sexuais em Jericoacoara

Jericoacoara está em constante modificação e o turismo que anteriormente era considerado “de natureza” tem se transformado em turismo de luxo. Há muitos estabelecimentos de hospedagens que estão ampliando seus andares e construindo terraços para *sunsets*, festas privadas e venda de serviços exclusivos. Há grupos empresariais que constroem hospedagens de luxo e grandes hotéis em vários lugares no mundo que especulam os territórios dentro da vila de Jericoacoara, a fim de implantar esses empreendimentos. Além de diversos empreendimentos comerciais, a ampliação dos destinos ofertados nos passeios de caminhonetes 4x4 e *buggys* que agora, com o declínio da duna localizada na vila²⁵, à beira mar, vendem o passeio para ver o pôr do sol em outra duna, localizada dentro do Parque Nacional, bem como visitas a praias localizadas em municípios vizinhos, além de lagoas artificiais que são “*instagramáveis*”, ou seja, cenários que são estruturados com ornamentos e decoração para que as pessoas visitantes possam retirar fotografias e *selfs* e divulgarem-nas na rede social Instagram, gerando visibilidade tanto para a pessoa que publica a fotografia quanto para os locais visitados. Esses espaços realizam a cobrança de entrada e identificam seus visitantes com pulseira de acesso ao local.

Em meio a esse ritmo frenético e corriqueiro da vila, também acontece, paralelamente à toda oferta de serviços turísticos, a oferta de serviços sexuais. Esta se dá por meio do flerte e de opções de diversão sexual incluídas em serviços como passeios, festas e acesso a lugares remotos em Jericoacoara. Essas ações não necessariamente se enquadram como turismo sexual, segundo o conceito da Organização Mundial de Turismo²⁶, ou mesmo o turismo sexual em Fortaleza, presente nas narrativas das chamadas “garotas de babado” (Aquino, 2015).

²⁵ A duna do pôr do sol foi, ao longo dos anos, diminuindo de tamanho devido a ação humana e mudanças estruturais na vila, como construções. Segundo reportagem publicada no portal de notícias G1, foi realizado um estudo pela UFC, através do instituto Labomar, que confirmou ser uma ação processual, mas que foi acelerada pelo pisoteio de turistas que subiam a duna a fim de assistir ao pôr do sol nesse local (Duna..., 2023).

²⁶ De acordo com a Organização Mundial do Turismo – ONWTO, em declaração publicada em 1995 no sentido de regimantar orientações sobre o turismo sexual no mundo, definiu turismo sexual como: “trips organized from within the tourism sector, or from outside this sector but using its structures and networks, with the primary purpose of effecting a commercial sexual relationship by the tourist with

Os serviços sexuais podem acontecer em ambientes diversos na localidade, em meio às sutilezas do contato entre as pessoas, durante os serviços turísticos, mediante códigos e condutas aprendidas ao longo do tempo, desde que o turismo passou a ser a principal atividade econômica na vila de Jericoacoara. Toda a atmosfera do encontro, das ações como são ofertadas, adquirem a forma de satisfação sensorial e emotiva das(os) turistas. Em Jericoacoara, as relações afetivo-sexuais podem ser flexíveis, transitórias e fluídas, já que essas relações têm como base comum a ideia de estarem todas/os num lugar livre e exótico, num paraíso tropical onde o sexo e o romance também estão incluídos nesse pacote de possibilidades, assim como os benefícios que o romance pode proporcionar para ambos os envolvidos.

Uma das situações que condiz com essas sutilezas dos serviços sexuais foi observada quando eu estava realizando a pesquisa de campo. Há, na vila de Jericoacoara, vários estabelecimentos com serviços de massagens terapêuticas relaxantes, contudo, dentro desses ambientes, é possível solicitar uma massagem específica que trará serviços sexuais para a pessoa interessada no serviço de massagem com essa finalidade. Para isso, as(os) trabalhadoras(es) dos locais de massagens terapêuticas orientam a forma como a pessoa interessada pode interagir com essas prestadoras de serviços, por meio de aplicativo de mensagem. Assim, eu entrei em contato com uma das massagistas de serviços com fins sexuais e quando expliquei sobre meu interesse em uma entrevista para a pesquisa que eu estava realizando, ela recusou meu pedido e explicou sua lista de serviços, caso eu tivesse interesse nas massagens especiais, confirmando que, dentre as massagens, são ofertados serviços sexuais tanto para homens quanto para mulheres. A massagista envia pelo aplicativo uma tabela de serviços e os valores por hora de trabalho.

Aconteceu também outra situação referente às possibilidades de serviços sexuais na vila de Jericoacoara, que foi relatada pela atendente do *hostel* em que eu estive hospedada. A jovem atendente relatou que, nos hotéis considerados de luxo na vila, caso o hóspede que esteja sozinho comente na recepção a intenção de obter uma(um) acompanhante para seus dias em Jericoacoara, as pessoas da recepção

residents at the destination”, ou seja, “viagens organizadas dentro do setor do turismo, ou fora deste setor, mas utilizando as suas estruturas e redes, com o objetivo principal de efetivar uma relação sexual comercial do turista com os residentes no destino” (tradução livre). Documento disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/worldtravel.1979.29.149.1?download=true>. Acesso em: 14 mai. 2024.

dos hotéis repassam uma lista de contatos de acompanhantes para que esse hóspede possa ajustar horário e serviços com a pessoa. Eu compreendi, durante as conversas com interlocutoras(es), que essas ações não são consideradas pelas pessoas que as realizam como prática de turismo sexual, mas como cortesias ou benefícios de serviços turísticos.

Os serviços turísticos comuns ao atendimento do visitante, como, por exemplo, o ato de servir as bebidas e os alimentos em restaurantes, realizar as limpezas dos quartos de pousadas e hotéis, ou ainda, realizar a condução de passageiros tanto para os roteiros de passeios turísticos como para o deslocamento da sede do município de Jijoca de Jericoacoara até a vila de Jericoacoara, são todos momentos comunicativos que promovem a interação social entre as pessoas locais e estrangeiras(os) visitantes. Também são momentos de interação social entre as(os) próprias(os) turistas, sejam turistas brasileiras(os) ou estrangeiras(os).

Essas formas de interação podem remeter ao que a pesquisadora Letícia Tedesco (2014) intitulou de “amigamentos”, ou seja, as pessoas podem ter momentos afetivos nessas interações e esses momentos podem transformar-se em relacionamentos afetivo-sexuais. A pesquisa realizada por Letícia Tedesco (2014) relatada em seu texto sobre mulheres no garimpo, incluso no livro “Prostituição e outras formas de amor” (Simões; Silva; Moraes, 2014) busca compreender a trajetória de mulheres nos garimpos amazônicos em suas múltiplas atividades cotidianas, ou seja, seus modos de vida e papéis generificados dentro das relações sociais nos garimpos. A autora discorre sobre pessoas multifacetadas e que mesclam atividades laborais diversas com atividades sexuais. Essas mulheres atuavam como trabalhadoras nas cozinhas e atividades domésticas, mas também atuavam como “mulheres de boate”, assim, mesclando suas atividades. Essas relações ambíguas, presentes na referida pesquisa, são muito próximas ao que eu pude presenciar durante minha pesquisa em Jericoacoara. Quando não está delimitada a distinção entre os papéis de atividades laborais diversas e as atividades relacionadas a serviços sexuais, ou mesmo relacionamentos afetivos, esses modos de viver parecem indicar relacionamentos complexos e instáveis. Essa é uma característica presente nas situações que apresentarei neste capítulo.

Desse modo, dou início a este capítulo com as observações acima relatadas para introduzir as oito situações que foram surgindo ao longo do meu trabalho de pesquisa, e como essas pessoas foram trilhando seus encontros afetivo-

sexuais a partir da localidade Jericoacoara. Apresentarei as pessoas entrevistadas com as quais mantive conversas formais e informais para a melhor compreensão das possibilidades de relacionamentos afetivo-sexuais na vila de Jericoacoara. É essencial pontuar, ainda, sobre como essas pessoas locais e estrangeiras se encontram em Jericoacoara ou, em alguns casos, em outras localidades do Ceará e chegam, posteriormente, à vila de Jericoacoara.

As situações que compõem o caleidoscópio de relacionamentos afetivo-sexuais encontrados em minha jornada, durante a pesquisa em Jericoacoara, são relações narradas por pessoas que vivenciaram diversos tipos de experiências conjugais e afetivas. As emoções são o elemento que completa a história de cada uma das interlocutoras e interlocutores. A pretensão é entender as relações afetivas fluindo em meio a lugares diferentes devido ao fato dessas pessoas envolvidas terem nacionalidades distintas.

Também busquei compreender como estas situações, em suas dinâmicas sociais, podem extrapolar alguns aspectos sobre relacionamentos transnacionais. Relatarei em ordem cronológica os encontros com as(os) interlocutoras(es) que possibilitaram, ao longo da pesquisa, que eu conhecesse suas histórias de vida. Ressalto que foram poucos os contatos presenciais devido ao tempo reduzido que eu tinha para estar na vila de Jericoacoara, e também por limitações das pessoas, pois algumas estavam de viagem marcada para outro país.

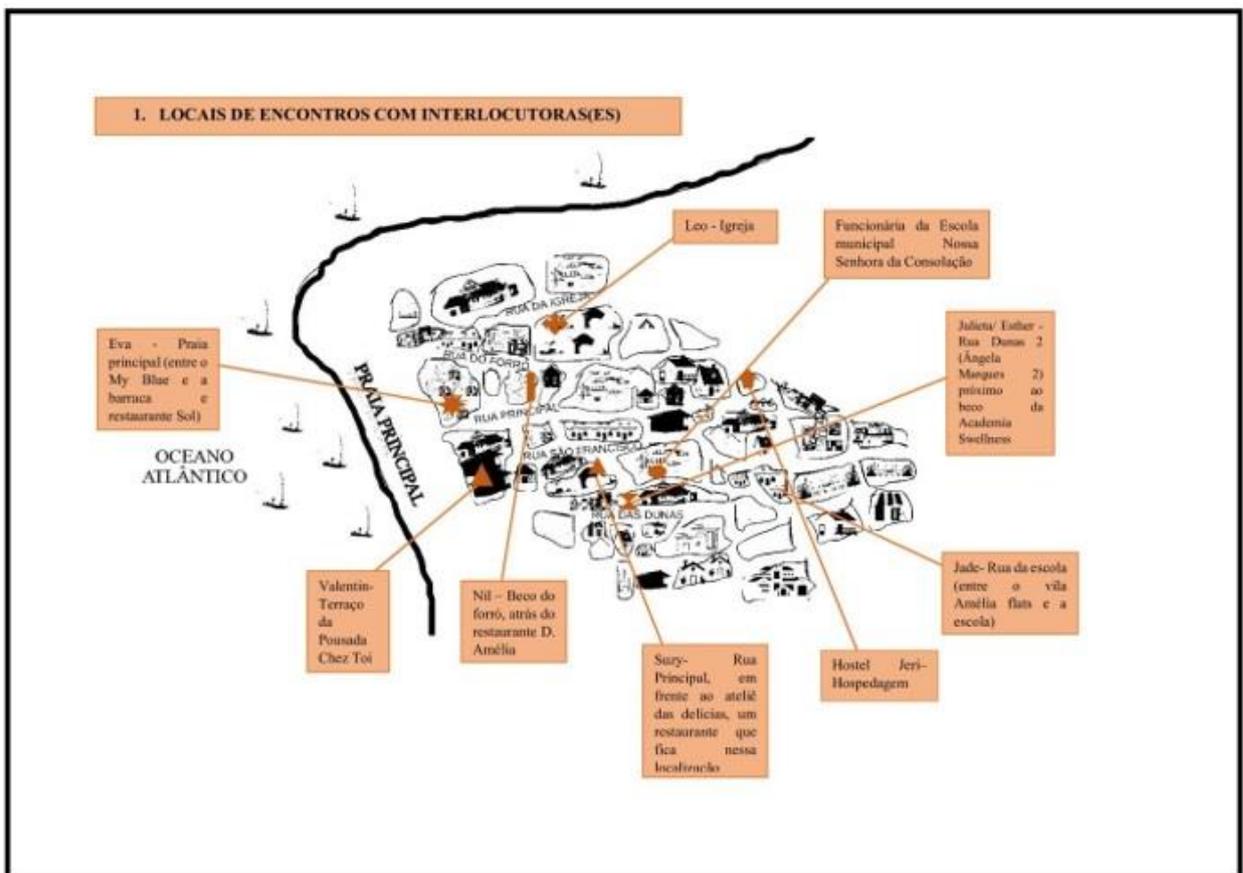
Esses encontros aconteceram em diferentes momentos da pesquisa e eu também estava vivenciando muitas adversidades, pois pesquisar na vila de Jericoacoara sobre relacionamentos afetivo-sexuais foi desafiante para mim. No início, eu estava buscando conhecer as pessoas e com receios diversos em relação a não agir de forma invasiva. Eu me questionava bastante sobre como eu poderia ser gentil e respeitar esse contato com a pessoa a ser entrevistada. Durante a pesquisa de campo, eu me perguntava sobre como eu poderia cativar esse espaço com uma pessoa desconhecida. De acordo com Eduardo Viveiros de Castro (2002), o resultado da interação entre a pesquisadora e as pessoas que compõem a pesquisa constroem o texto antropológico:

O sujeito é assim feito, não causa; ele é o resultado da interiorização de uma relação que lhe é exterior-ou antes, de uma relação à qual ele é interior: as relações são originariamente exteriores aos termos, porque os termos são interiores às relações. Há vários sujeitos porque há outrem, e não o contrário (Viveiros de Castro, 2002, p. 118).

Assim, realizei conexões para estabelecer o afeto, primeiro entre mim e a pessoa com quem conversei. Em resposta a essa aproximação, obtive das(os) interlocutoras(es) as narrativas de suas vidas afetivas. Essas trilhas, dentro do campo de pesquisa, aconteceram em etapas que fui realizando ao longo das minhas estadias intermitentes em Jericoacoara. Seguindo este percurso, relatarei, a seguir, um pouco desse processo.

Abaixo, para que o leitor possa melhor situar essas trilhas, apresento um croqui da vila de Jericoacoara com indicações dos locais dos encontros:

Figura 10 - Mapa dos encontros com interlocutoras(es)



Fonte: Oliveira (2024).

Em 2022, quando eu estava a traçar meus primeiros passos no intuito de entender as relações afetivo-sexuais entre nativas e estrangeiros, tive conversas com uma pessoa com a qual eu tinha contato desde 2019, quando estive na vila na condição de assistente de pesquisa do antropólogo Gustavo Marín. Essa pessoa trabalhou durante anos na escola municipal, localizada na vila de Jericoacoara, mas

devido a um acidente que limitou suas atividades, assim como o tempo de recuperação em que esteve em tratamento, ela se ausentou da escola e também de outros trabalhos sociais que costumava realizar. Quando eu busquei por ela em 2022, fui ao local onde eu tinha conhecimento de ser sua residência. Ao chegar nesse local, fui informada sobre sua mudança e também sobre seu retorno à escola municipal, pois uma antiga vizinha sua me disse que ela estava novamente trabalhando na escola. Fui em busca de encontrá-la, o que consegui no dia seguinte.

Ela me reconheceu e marcou uma conversa para o momento em que estaria livre de suas tarefas. Assim, diante dela, eu expus meu novo interesse de pesquisa e perguntei sobre as possibilidades de ela me indicar alguém que estivesse nessa condição de relacionamento com um estrangeiro. Ela gentilmente me explicou que a maioria das mães das crianças matriculadas na escola são mulheres mães de filhos que são fruto de relacionamento com estrangeiros. Segundo ela, algumas dessas mulheres passam temporadas no Brasil e alguns meses no país de origem do companheiro. Também relatou que algumas delas somente tiveram o filho ou filha de uma relação casual e, então, apenas recebem ajuda financeira do parceiro estrangeiro, mesmo quando este não retorna mais para o Brasil. Há também os casos que ela classificou como de negligência por parte da família, principalmente se referindo às adolescentes.

Ocorre que as adolescentes, por vezes, frequentam as festas na vila e se envolvem com turistas estrangeiros, além de um possível contato com drogas. Segundo suas informações, essa situação faz com que a evasão de adolescentes na escola municipal seja alta e dificulte a permanência dessas(es) estudantes na escola. Ela relatou, ainda, que alguns meses antes de nossa conversa, uma das adolescentes disse-lhe, em segredo, que havia uma casa que estava sendo utilizada como ponto de prostituição, contudo, logo foi fechada e pouco se falou na vila sobre esse espaço. Segundo ela, esses espaços são evitados na vila, pois podem difamar o local turístico e prejudicar o turismo de “famílias” e “casais”. Ela me disse, ainda, que poderia me indicar algumas mulheres, mães de crianças matriculadas na escola, para ajudar na minha pesquisa, contudo, disse-me que talvez elas não quisessem falar sobre seus relacionamentos devido se tratar de um assunto íntimo e pessoal, e também devido ao fato de não me conhecerem. Então, pedi que me deixasse conversar com essas mulheres e explicar minha pesquisa. Foi assim que ela me enviou, por meio de um aplicativo de mensagens, os contatos de três mulheres que aceitaram me ouvir

Quando estive em Jericoacoara, em 2022, observei que, por mais que eu saísse à noite, abordasse algumas pessoas na intenção de conversar sobre a vila e sobre os motivos de estarem em Jericoacoara, por muitas vezes, essas conversas não duravam tempo suficiente e também as pessoas me olhavam com um ar desconfiado. Acredito que eu estava, na época, um pouco insegura e com receio de incomodar. Havia vezes em que eu ficava em alguma barraca do espaço, conhecido por “festa das caipirinhas”, sentada e observando as pessoas ali presentes.

Figura 11 - Barracas de venda de bebidas (Lual das caipirinhas)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Havia turistas diversos, mas também muitas pessoas locais. Os grupos de jovens ficavam dispostos próximos a caminhonetes (4x4 ou *buggys*) com caixas de som ligadas e músicas do gênero musical funk, mas um pouco mais afastados das barracas.

Figura 12 - Vila de Jericoacoara (Praia principal)



Fonte: Acervo pessoal de Lucas Oliveira (2022).

Figura 13 – Lual das caipirinhas (Praia Principal)



Fonte: Acervo pessoal de Lucas Oliveira (2022).

Quando eu ensaiava uma aproximação, as respostas das pessoas costumavam ser monossilábicas e logo o silêncio acontecia. Tentei novamente encontrar a funcionária da escola municipal, localizada na vila de Jericoacoara, e, ao dizer a ela sobre essas tentativas de conversas sem resultado, ela me disse que eu estava me arriscando. O fato de eu ser uma pessoa sozinha abordando outras, e fazendo perguntas que não se relacionavam com a curiosidade de saber onde aconteciam as festas, ou a possibilidade de acesso a drogas ou algum evento mais legal para a noite em Jericoacoara, essa atitude de realizar perguntas sobre a pessoa em si fazia com que as pessoas abordadas se afastassem de mim. Outro aspecto sobre o qual ela me falou guarda relação com esse impedimento de conversa, que era o fato de eu ser uma pessoa fenotipicamente identificável como local. Ou seja, minha presença era motivo de desconfiança.

Pensei, então, que era preciso mudar essa estratégia de aproximação, pois o meu interesse inicial de alcançar um possível mundo dos serviços sexuais ou prostituição em Jericoacoara estava muito fechado para minhas tentativas de realização do campo. Assim, eu decidi que conversaria com as mulheres indicadas, já que elas estavam num relacionamento com vínculo mais estável devido à presença de filhas(os) dos parceiros estrangeiros. Restava-me, assim, entender qual a natureza desse vínculo, resgatando o momento do encontro e as primeiras ações dessas mulheres para a efetivação da relação afetivo-sexual.

A primeira interlocutora foi Eva e o contato com ela aconteceu por meio das relações de amizade que eu mantive, desde a pesquisa com as crocheteiras, pois Eva é filha de uma das artesãs de crochê que reside na vila de Jericoacoara. Eu estava há vários dias tentando exaustivamente conseguir a atenção de alguma pessoa que pudesse me conceder um momento para a entrevista. No dia da entrevista, Eva aceitou conversar comigo após eu me identificar como conhecida de sua sobrinha, que havia dito como eu poderia encontrar a tia. O local onde estávamos era um quintal, pois, para chegar a esse lugar, era preciso seguir por um corredor que tem saída para um restaurante em frente à praia principal. Nesse local, funciona um restaurante e também hospedagem, e visualmente as instalações pareciam simples. Eva informou que ali era seu local de trabalho atual, que auxiliava seu parceiro com o estabelecimento.

Num primeiro momento, Eva estava apreensiva, eu também estava passando um pouco de aflição ao fazer perguntas sobre a sua vida pessoal. Assim, como uma maneira de expressar minha vontade de tornar aquela entrevista uma relação mais franca, no sentido de passar confiança da melhor maneira que eu conseguisse, expliquei as motivações da minha pesquisa, falei sobre mim, sobre quem eu era, minhas origens, minha família, meu lugar de pesquisadora, e, após fazer isso, a entrevista foi fluindo de forma mais tranquila, e conversamos sobre suas vivências familiares e o trabalho com crochê.

A família de Eva é bastante envolvida com as atividades comerciais de venda de artesanatos, na vila. Ao todo, são sete irmãs e todas trabalham com artesanato. Ela me relatou que começou a vender crochê aos 13 anos de idade, contudo, o que mais lhe chamava a atenção era a forma como os turistas estrangeiros tratavam as mulheres que os acompanhavam em viagem. Eva tem 44 anos, reside atualmente em Jericoacoara com seus dois filhos. Ela está num relacionamento estável que há dura oito anos com um homem de origem italiana residente em Jericoacoara. Eva é uma mulher negra, tem cabelos crespos e olhos castanho escuro.

A segunda pessoa com quem conversei foi Julieta. Eu entrei em contato com Julieta em meados de outubro de 2022, durante a pesquisa de campo, enquanto buscava contatos com as(os) possíveis interlocutoras(es). Julieta prontamente me retornou por *WhatsApp*, um aplicativo de mensagens, e assim marcamos uma conversa para um final de tarde, quando ela disse que deixaria a filha na escola para o treino esportivo. O encontro aconteceu numa lanchonete localizada na Ruas das dunas 2, por pedido da interlocutora. Quando cheguei ao local, Julieta estava acompanhada de uma amiga. Apresentei-me a elas e expliquei minhas intenções de pesquisa. A moça que estava próxima decidiu sair para outro local, relatando a necessidade de resolver assuntos particulares.

Conheci Julieta por meio de indicação da funcionária da escola municipal, localizada na vila de Jericoacoara. Julieta tem 39 anos, está num relacionamento estável com um parceiro italiano há 18 anos. O casal tem uma filha de dez anos. Ela conheceu o seu parceiro italiano em Fortaleza, numa barraca localizada na Praia do Futuro. Na época, o italiano tinha cinquenta anos e Julieta, então com 21 anos, estava a pouco tempo residindo em Fortaleza. Ela é uma mulher de pele branca, cabelos tingidos no tom louro e tem um pouco de sotaque da região norte do Brasil, pois ela viveu sua infância e adolescência na cidade de Belém do Pará.

Dando continuidade, eu conheci Jade, mulher parda, com cabelos e olhos de tonalidade castanho escuro. O encontro com Jade também foi mediado pela funcionária da escola municipal, que conversou com ela para que eu fosse à sua casa. Jade tem uma filha de oito anos e um filho de sete anos de idade. Em 2022, quando a conheci na vila de Jericoacoara, Jade estava num relacionamento estável há 11 anos com um parceiro italiano.

Para que possamos entender um pouco mais sobre Jade, deve-se partir do entendimento do local onde estávamos a conversar, o qual era uma casa grande e isolada que lembrava a estrutura de um albergue, situada próxima à escola e isolada das ruas principais, numa área conhecida por Beco do Colégio. Ao me receber, Jade pediu que eu não reparasse na bagunça do lugar, porque ela estava em processo de mudança. Quando perguntei mais sobre essa mudança, ela informou estar de viagem marcada para a Itália. Assim, num primeiro momento, ela me perguntou sobre o que eu queria mesmo saber, e deixou claro, inicialmente, que aceitou conversar comigo por causa da amizade com a funcionária da escola.

Ao longo da entrevista, ela foi ficando mais tranquila, acredito que devido ao fato de eu estar buscando clareza nas informações e falando mais detalhadamente sobre minha intenção de pesquisa; também devido à minha insistente fala - na verdade, meu compromisso - em não expor a vida de Jade de forma a comprometê-la de alguma maneira, pois eu estava atenta ao fato de estarmos nos conhecendo, e a minha presença e minhas questões tratarem de assuntos pertencentes à vida privada de Jade.

Conversei com Jade uma vez somente, pois ela havia me informado de sua iminente viagem para a Itália, em meados de novembro daquele ano. Jade tem 45 anos e a idade de seu companheiro não me foi informada. Ela nasceu em Itapipoca, no Ceará, e veio pela primeira vez para Jericoacoara em companhia de um primo, para conseguir emprego. Sobre a chegada em Jericoacoara, ela relatou que, devido a perda de uma pessoa querida em sua cidade, ela decidiu vir para Jericoacoara no intuito de mudança de vida e buscava um trabalho, a fim de residir na vila. Esse fato aconteceu quando ela contava 21 anos de idade.

Posteriormente, em 2023, eu conheci Valentim. Homem pardo, com cabelo e olhos de tonalidade castanho escuro, tinha 32 anos. Nasceu em Campo Grande, cidade pertencente ao estado de Mato Grosso do sul, onde morava com sua mãe. Ele relatou que sua mãe conheceu um homem espanhol num restaurante da cidade de

Campo Grande e foi morar com ele na Espanha, deixando Valentim aos cuidados da avó materna.

Quando realizei a pesquisa de campo, em meados de setembro de 2023, eu busquei, a partir de contatos com interlocutoras anteriores, um local com bom custo-benefício para me hospedar em Jericoacoara. Recebi, então, por meio de aplicativo de mensagens enviadas pelas interlocutoras, o contato de Valentim. Ao conversar com ele, fui informada de que ele viajaria por meses para outro país, a Irlanda, e por esse motivo, o seu estúdio, onde residia na vila, estava disponível para aluguel. Não aluguei esse local à princípio, e posteriormente, no mês em que fui à Jericoacoara, ocorreu que um dia, quando estava numa padaria localizada na rua São Francisco, reconheci Valentim quando ele entrou no espaço para divulgar um evento na casa de festas intitulada Quintal do Samba. Retomei contato por mensagem e pedi a ele que, caso fosse possível, nós pudéssemos manter uma conversa para que eu pudesse explicar um pouco sobre a minha pesquisa de mestrado e, assim, ele poderia avaliar sobre como contribuir. Muito receptivo, Valentim marcou um encontro para o final da tarde, no local onde ele realizaria um evento de festa ao pôr do sol. Era uma sacada localizada no final da rua São Francisco.

Quando eu cheguei, Valentim estava sentado em uma das poltronas posicionadas em sentido contrário ao sol, era final de tarde e o sol estava quase se pondo. Ele estava de óculos escuros e a maneira de falar era acompanhada por gesticulação das mãos. Ao longo do tempo em que conversamos, ele foi relaxando e parecia estar mais à vontade. Outra informação interessante, a meu ver, foi quando eu perguntei qual nome ele gostaria que eu utilizasse para a pesquisa, tendo em vista a proteção da identidade dele, um procedimento que adotei com todos os entrevistados. Valentim, então, me disse que esse nome, informando que este não é seu nome de registro de nascimento, pois ele não diz seu nome de nascimento às pessoas em geral, somente o nome que adotou. No momento da entrevista, eu não perguntei a ele se se tratava de um nome social, somente concordei com a afirmação. Sobre os relacionamentos afetivo-sexuais, Valentim relatou um namoro que durou cinco anos, com um brasileiro, antes de uma relação curta com um espanhol, quando estava vivendo na Espanha. Valentim disse apreciar o corpo que tem e que atualmente se relaciona sexualmente com homens.

Em seguida, ainda em 2023, eu conheci Esther. Ela é de nacionalidade italiana, originária da cidade de Monza, na Itália. Uma mulher branca, com cabelos

louros e olhos claros, tem a pele bronzeada. Sua idade, na data da entrevista, era 54 anos. Mora atualmente em Nova Jeri, um bairro assim nomeado pelos moradores da vila de Jericoacoara por estar geograficamente distante das ruas consideradas principais. Encontrei Esther na mesma lanchonete onde havia conversado com Julieta. A lanchonete fica na Rua das Dunas 2. Ela estava com trajes de academia, pois, como relatou, estava trabalhando num hotel onde realiza aulas de Yoga e Pilates.

Em Monza, ela trabalhou por 23 anos num hospital, onde exercia a profissão de enfermeira. Devido ao contato com um tio que morava no Rio de Janeiro, ela começou a planejar vir ao Brasil, inicialmente para visitar esse tio. Ao realizar essa viagem, ela soube, por seus familiares no Brasil, e também pela agência de viagens contactada, que deveria visitar Jericoacoara, no Ceará, e, assim, decidiu passar dez dias na vila. Ela relatou que se encantou com a praia, com a duna do pôr do sol e a tranquilidade do local. Após essa viagem, ela regressou para a Itália e passou um tempo se organizando financeiramente para retornar à Jericoacoara por um período maior.

Assim, estive pela primeira em solo brasileiro no ano de 2005. E, posteriormente, em 2010, ela regressou com planos de ficar por um mês. É preciso retomar alguns pontos sobre a vida afetiva de Esther antes de sua decisão de viajar para o Brasil. Ela esteve casada por 16 anos, e durante esse casamento, sofreu cinco abortos espontâneos. Quando veio ao Brasil, estava divorciada há 7 anos. Assim, quando estive em Jericoacoara pela segunda vez, em companhia de uma amiga, ela queria viver outras experiências afetivas, mas sem a pretensão de casamento.

Foi nas ruas de Jericoacoara que ela conheceu seu parceiro atual, um rapaz brasileiro, residente na cidade de São Paulo, na região sudeste do Brasil. Ele tinha em torno de 20 anos de idade, à época, e estava a passeio na localidade. Atualmente, o casal tem um filho de 10 anos e vivem em Nova Jeri, localizada na vila de Jericoacoara.

Pouco depois, no mesmo período, ainda em 2023, conheci Suzy. Deve-se considerar o fato de Julieta ter recomendado a conversa comigo para Esther e Suzy. Eu havia conversado com Julieta um ano antes e mantive contato com ela por aplicativo de mensagens, mesmo quando não me encontrava na vila de Jericoacoara. Assim, ao retornar em 2023, foi Julieta que me apresentou as suas amigas e elas me receberam para a entrevista.

Suzy tem 42 anos e é uma mulher de origem hispânica, pois nasceu na cidade de Barcelona, na Espanha. Ela é branca, tem olhos e cabelos na cor castanho escuro. Reside atualmente na localidade chamada Nova Jeri, na Vila de Jericoacoara. Num primeiro contato mediado por Julieta, eu expliquei por aplicativo de mensagens sobre a possibilidade de entrevistá-la onde ela preferisse, devido ao seu trabalho com massagens em hotéis e pousadas, que ocorre em horários diversos. Assim, Suzy marcou comigo num restaurante localizado na rua principal, ao final da rua, quase próximo à associação comunitária da localidade. Ao chegarmos, ela me perguntou se poderia tomar uma cerveja enquanto conversávamos, pois assim ficaria mais à vontade para falar. Suzy me perguntou de imediato sobre o que eu queria que ela falasse e disse também que Julieta havia informado que eu pesquiso pessoas que se relacionam com nacionalidades diferentes.

Sobre alguns aspectos da vida de Suzy, soube que ela cursou faculdade de Serviço social em sua cidade de origem e trabalhou como professora de dança. Em Jericoacoara, ela trabalhou como gerente de restaurante e, atualmente, como massagista. Teve um relacionamento afetivo-sexual com um homem local, residente na cidade de Cruz e que trabalhava em Jericoacoara. Suzy tem uma filha de 10 anos e um filho de 7 anos de idade, da relação com o homem local. Outra questão importante é sobre o término do relacionamento e as circunstâncias ocorridas nesse processo de separação relatadas por Suzy. Eu não esperava ouvir de Suzy tudo o que ela resolveu relatar, pois são questões conflituosas sobre o relacionamento, que passam por abusos e violências realizadas pelo ex-companheiro. Ao final da entrevista, eu agradei o momento e me senti atravessada afetivamente por esse encontro. Eu sou mulher e também senti constrangimento e a sensação de aflição diante de fatos que aconteceram no relacionamento de Suzy. Essa entrevista, e as orientações na qualificação da dissertação, contribuíram para que eu fosse ampliando o meu olhar no processo de construção da pesquisa.

Dando continuidade, eu busquei ampliar as redes de contato que me apresentavam com pessoas em situação de relacionamentos entre locais e estrangeiras(os), mas apareciam de forma mais corrente os casos de mulheres contando sobre seus relacionamentos a uma mulher pesquisadora. Somente um caso diferente até aquele momento. Era preciso ampliar de alguma forma e conversar também com homens locais e homens estrangeiros. Nas minhas tentativas, confesso que arrisquei conversar com um homem estrangeiro, um turista argentino que estava

sozinho, durante uma das vezes em que fui até as festas que aconteciam na praia e eram promovidas pelos vendedores das barracas de caipirinhas (bebidas alcoólicas que são produzidas pela mistura de frutas e destilados). Durante a tentativa de conversa com o turista argentino, fui interpretada como sendo uma pessoa que estava interessada em um relacionamento afetivo- sexual com ele, assim, por minha condição de estar sozinha em campo, tive medo de continuar a conversar com esse homem e agir de forma a arriscar minha segurança pessoal.

Ainda em busca por atingir meu propósito, busquei contatos de professores e também trabalhadores na vila de Jericoacoara, e foi assim que conheci Leo. Ele tem 37 anos e reside na vila de Jericoacoara desde o seu nascimento. Tem uma filha de 11 anos e é o responsável legal pela guarda da filha. Ele relatou três relacionamentos mais longos com mulheres locais, contudo, a mãe de sua filha está atualmente residindo em Portugal, pois está num relacionamento com um parceiro português. Em referência ao relacionamento atual, Leo contou estar namorando uma mulher local, residente em Cruz e que é trabalhadora de serviços turísticos em Jericoacoara.

O meu encontro com Leo aconteceu após o contato por mensagens, e ele preferiu que eu o encontrasse dentro da igreja católica da localidade, que fica localizada na rua da Igreja. Para ele, é um espaço para trabalhar com ações voluntárias. Ao relatar sobre sua vida profissional, ele afirmou que começou a trabalhar por volta dos 11 anos de idade, lavando copos em um restaurante localizado na praia principal, busca por trabalho que foi motivada pela falta de recursos financeiros que a sua família enfrentava nos anos 1990. Leo possui duas irmãs e um irmão. Quando perguntei sobre algum de seus familiares terem ou não se relacionado com parceiras(os) estrangeiras(os), ele relatou que suas irmãs estão em relacionamentos com parceiros locais, e somente um irmão mantém um relacionamento afetivo sexual com uma mulher de outro estado, do Rio Grande do Sul.

Ainda nas trilhas dos encontros e afetos que eu estabeleci em campo, quero relatar sobre o que chamarei de “circuito noturno de festas” em Jericoacoara. Essa compreensão do circuito de festas é importante para que eu possa esclarecer como conheci Nil, um homem local que relatou manter um relacionamento com uma mulher estrangeira, de origem suíça; contudo, o encontro com Nil foi um daqueles “imponderáveis da vida real” (Malinowski, 1976) que o campo de pesquisa me permitiu vivenciar.

A minha pesquisa acontecia em momentos distintos: havia as conversas e entrevistas durante o dia, na vila, e durante a noite, eu saía em busca de outras possibilidades; contudo, em minhas tentativas, levei respostas negativas diversas vezes. Havia momentos em que eu pensava sobre não estar sabendo como abordar ou como explicar às pessoas o que de fato eu tencionava com aquelas tentativas de conversas sobre a vida delas. Eu lhes explicava minuciosamente sobre ser pesquisadora, sobre a universidade, mas as pessoas estavam ali para diversão, para dançar, beber, conversar sobre os passeios que realizaram naquele dia ou sobre os passeios que realizariam no dia seguinte.

Em minhas caminhadas noturnas, eu sempre retornava para a hospedagem por volta das 22 horas, até que comecei a pensar que precisaria ver um pouco mais. Algumas interlocutoras(es) relatavam sobre as noites de festas na vila, mas, por receio, eu me recolhia ao final da noite. Então, eu sentia a necessidade de entender um pouco melhor as interações sociais nos espaços noturnos que poderiam agregar novas possibilidades à minha pesquisa. Assim, entendi na prática como as conversas e encontros acontecem na vila no circuito de festas noturnas.

Na primeira noite, percebi que as pessoas transitam por todos os espaços nas ruas principais (rua Principal, rua do Forró, rua da Igreja e rua São Francisco) e vão em busca de mais encontros e festas na madrugada, pois perguntam umas às outras sobre onde há alguma festa acontecendo. Há também festas na praia da Malhada, ou mesmo na praia Principal, quando um grupo de pessoas locais posicionam caixas de som em seus carros e ligam-nas em volume alto. Com isso, as pessoas ficam dispostas próximas ao carro, dançam e conversam por horas.

Figura 14 - Rua Principal (Vila de Jericoacoara)



Fonte: Acervo pessoal de Lucas Oliveira (2022).

Esses pontos de encontros acontecem, geralmente, após o encerramento das barracas de vendedores de caipirinhas, por volta de 2 horas da madrugada. Após esse encerramento, as pessoas também buscam a padaria localizada na rua São Francisco, que funciona por 24 horas, para comprar bebida alcoólica e alguma refeição, e retornam para os pontos de encontros na praia.

Ainda na rua São Francisco, no sentido do Serrote, também a padaria Santo Antônio funciona 24 horas. Entre conversas com trabalhadoras(es) que ficam nessas padarias conversando e bebendo, obtive informações de que as pessoas se encontram na festa nas praias e, quando encontram uma(um) parceira(o), seguem para a praia da Malhada ou a região onde os barcos de pescadores ficam para praticar sexo nesses locais.

Foi a partir das conversas com trabalhadoras(es) na madrugada que conheci Nil. O encontro com Nil aconteceu enquanto ele trabalhava como garçom, preparando drinks numa loja de conveniência, no Beco do Forró, situado próximo ao restaurante D. Amélia, na rua do Forró. Ele tem 36 anos. Reside em Jericoacoara com o primo para fins de trabalho, mas sua família é da cidade de Camocim, distante 94 km da sede do município de Jijoca, e 39,63 km da vila de Jericoacoara.

Ao parar nesse local, eu estava acompanhada por uma moradora da vila que conheci numa das noites enquanto eu estava na padaria, conversando com as pessoas locais, e a quem passei a acompanhar durante as demais saídas noturnas. Ela me disse que Nil tinha um relacionamento com uma turista estrangeira, originária da Suíça quando paramos no quiosque em que ele estava. Então, nesse momento, Nil começou a contar sobre o relacionamento. Essa foi uma conversa informal, ele estava trabalhando e, ao mesmo tempo que nos atendia, atendia outras pessoas que estavam em busca das bebidas.

A moradora da vila que estava comigo solicitou que eu não pedisse para gravar a conversa, pois isso faria com que Nil não contasse sobre o relacionamento afetivo-sexual; ela me disse que os homens nativos são desconfiados com pessoas que fazem muitas perguntas, e também a moradora disse que eu deixasse que ele decidisse o que pretendia contar sobre o relacionamento. Acatei a orientação e não contestei. Nil contou ter 22 anos de idade ao conhecer a mulher estrangeira e que ela tinha 25 anos na época. Eles se casaram e permaneceram juntos por 6 anos. Dessa relação estável, nasceu a filha de Nil, que atualmente está com 10 anos de idade.

Assim, é fundamental compreender que as possibilidades de relacionamentos afetivo-sexuais são diversas e estão em mobilidades constantes, como vimos nas situações apresentadas até aqui.

Considerando o que foi apresentado, compreendo que os destinos turísticos podem ser essa conexão presencial, física, onde se alimentam as fantasias de poder e desejos de aventuras afetivas. Sobre as fantasias de poder, a pesquisadora Henrietta L. Moore (2015) refletiu sobre gênero e as relações de agência, obediência e resistência como estruturas de poder que estão a todo momento em interação com o meio social e a subjetividade humana. Sua pesquisa se deu a partir das situações de violência doméstica, mas penso que dentro das relações afetivo-sexuais em espaços turísticos, diante do contexto histórico de marcadores sociais da diferença, tais como raça, nacionalidade, classe e gênero, além dos lugares dos visitantes e visitados dentro do destino, as concepções dessa autora contribuem para a compreensão desse fenômeno dos relacionamentos afetivo-sexuais transnacionais.

Pensando por meio dessas ideias, desenvolvo, a seguir, uma reflexão sobre como os estudos sobre relacionamentos afetivo-sexuais em locais turísticos foram avançando ao longo dos anos, como as percepções das(os) pesquisadores

foram transformando o objeto de estudo em uma paralaxe²⁷. Entretanto, há questões sociais que convergem entre si, pois os relacionamentos afetivo-sexuais são atravessados por categorias de raça, classe, nacionalidade, gênero e sexualidades, tanto local como global, e essas categorias sempre estarão presentes considerando, evidentemente, a geopolítica existente. Entretanto, há questões sociais que convergem entre si, pois os relacionamentos afetivo-sexuais são atravessados por categorias de raça, classe, nacionalidade, gênero e sexualidades, tanto local como global, e essas categorias sempre estarão presentes considerando, evidentemente, a geopolítica existente.

Um fato a considerar é sobre o imaginário social que relaciona os destinos tropicais e de praia à liberdade sexual e possibilidades de experiências que rompem com a secularidade dos relacionamentos; dentre essas experiências, está o encontro transnacional. Assim, conclui-se que as(os) turistas estrangeiras(os) buscam experiências de relações afetivo-sexuais que proporcionam desejo, sensualidade, exotismo, carinho e rejeitam menções a retornos financeiros ou pagamento por acesso a intimidade do parceiro local. A troca de favores é realizada ao longo da conquista, do contato e, assim, abrem-se possibilidades de permanência ou não. Dessa forma, estratégias de serviços sexuais diversos podem estar ocorrendo em um local turístico apresentadas como encontro casual.

A perspectiva analítica de Octávio Sacramento (2016), sobre o turismo sexual, contempla algumas situações encontradas na realização desta dissertação. Um aspecto relacionado aos relatos de interlocutoras(es), e à própria experiência de entrevistas com autoridades locais na vila de Jeri, pois é unanimidade negar a existência de turismo sexual na localidade. Essa negação é histórica na vila e muito enfatizada pela população local, pois o cotidiano da localidade, segundo seus residentes, preza por uma atmosfera cultural de lugar romântico.

Para melhor entendimento sobre essa afirmação, eu estive conversando com a responsável pelo setor público que fiscaliza o trânsito e os espaços de estacionamento de veículos na localidade. Quando perguntei sobre a possibilidade de turismo sexual na vila, ela respondeu que Jericoacoara é um lugar onde predominam casais e famílias, e defendeu seu argumento afirmando que essa prática de turismo

²⁷ Conceito da física, em que o objeto muda de acordo com a direção do observador. Utilizo esse conceito para as abordagens de autoras(es) das pesquisas sobre relacionamentos que focam em diferentes perspectivas.

sexual é característica de Fortaleza (se referindo às praias da cidade de Fortaleza), sendo que, segundo ela, na vila de Jericoacoara, isso não acontecia. Entretanto, quando eu entrevistei uma representante da Secretaria de Assistência Social do município que trabalhava no setor há cerca de 20 anos, lhe fiz a mesma pergunta e ela respondeu que existe, mas é velado. Para essa representante da secretaria, “a vida de Jericoacoara é noturna”, e por esse motivo, as fiscalizações e políticas de combate às ações de exploração sexual e outras ações relacionadas aos serviços sexuais, não são monitoradas. Ela informou que há relatos de pessoas que praticam a venda de serviços sexuais, mas não há como saber exatamente quem e onde. Essas informações contribuem para a percepção coletiva da predominância do romance, do sexo casual e de relacionamentos que podem evoluir para matrimônios ou vínculos estáveis, na localidade.

Ainda refletindo sobre as informações coletadas durante a pesquisa de campo, alguns relatos de moradoras(es), que coletei ao longo dos dias em que frequentei a padaria localizada na Rua São Francisco, que permanece funcionando 24 horas por dia, com algumas pessoas com quem eu conversei sobre Jericoacoara ser um lugar onde há sexo pago, essas pessoas também associaram o sexo à casualidade e espontaneidade dos encontros como fatores propícios ao clima de romance em Jericoacoara, ou seja, as pessoas entrevistadas parecem estar abertas à disponibilidade do sexo casual, tanto com turistas nacionais como internacionais, além de situações em que a turista estrangeira vem à localidade em busca desse prazer ocasional.

Para concluir este tópico sobre os encontros em Jericoacoara, quero retomar a relação entre esses relacionamentos e o paraíso Jericoacoara. Foi abordado, no segundo capítulo, que o turismo no Ceará é divulgado por rotas de praias. Dentre as campanhas turísticas internacionais sobre o Brasil que ofertam destinos interligados, há, por exemplo, a Rota das emoções, que se inicia em Jericoacoara, abrange o estado do Piauí e termina no Maranhão, na região dos Lençóis Maranhenses.

Cito esse roteiro turístico especificamente porque, durante a minha estadia num *hostel*, em 2023, tive a oportunidade de conversar rapidamente com uma turista italiana, Cecília, recém-chegada à Jericoacoara, e estive nos mesmos dias em que eu lá estava, realizando minha pesquisa de campo. Cecília é uma jovem de 24 anos que estava viajando sozinha e quando perguntei a ela sobre a escolha Jericoacoara

como destino de viagem, ela respondeu que suas irmãs e amigas falaram para ela sobre o Brasil. Ela, então, pesquisou na internet e descobriu que Jericoacoara era uma das etapas da Rota das Emoções, um percurso vendido nas agências de turismo. Sobre as impressões prévias sobre Jericoacoara, ela relatou:

Sapevo essere un posto molto turistico e di fatto lo é e molto, mi hanno spiegato che dai primi anni duemila hanno iniziato a costruire tantissimi ristoranti e pousada. Io non amo i posti molto affollati, soprattutto quelli di mare in cui mi piace godere di una certa tranquillità [...] Ogni giorno ho guardato il tramonto da un posto diverso ed era sempre diverso e meraviglioso²⁸

Para Cecília, Jericoacoara era um lugar “muito turístico”, mas também um “lugar tranquilo”. Ela estava no hostel hospedada por poucos dias, pois adquiriu a viagem pela Rota das Emoções, e estava se preparando para partir na direção do estado do Maranhão. Ou seja, citei esse fato para esclarecer que as(os) turistas transitam pelo Brasil conhecendo muitos destinos e rotas programadas previamente, promovendo uma conexão entre lugares.

Outro exemplo dessa conexão entre lugares, para o melhor entendimento de como Jericoacoara é um lugar conectado a outros destinos, é a existência de grupos de visitantes/turistas que vêm ao Brasil para praticar esportes aquáticos, como o *Windsurf*, o *kitesurf*, dentre outros. Esses grupos costumam passar por várias cidades do Brasil, durante os meses do ano conhecidos como meses dos ventos (julho a novembro); também nesse mesmo período ocorrem as férias na Europa, aumentando o fluxo de turistas internacionais, sobretudo europeus.

Portanto, esses fatos estão relacionados às condições nas quais os encontros afetivo-sexuais acontecem. Algumas(uns) turistas chegam a Jericoacoara acompanhadas(os) de pessoas trazidas de outras cidades/destinos turísticos. Mas também, ao encontrar alguém em Jericoacoara que desperte o seu interesse, essas pessoas estrangeiras podem levar a pessoa local, que conheceram na viagem à Jericoacoara, para suas próximas viagens.

A seguir, apresentarei dois subtópicos nos quais abordo categorias que considere importantes nas situações relatadas pelas(os) interlocutoras(es). O

²⁸ “Eu sabia que era um lugar muito turístico e na verdade é muito, eles me explicaram que desde o início dos anos 2000 começaram a construir muitos restaurantes e pousadas. Não gosto de lugares muito movimentados, principalmente aqueles à beira-mar onde gosto de desfrutar de uma certa tranquilidade [...] Todos os dias eu assistia ao pôr do sol de um lugar diferente e era sempre diferente e maravilhoso” (tradução minha).

primeiro, é sobre a comunicação e as estratégias utilizadas quando a divergência de idiomas é um fator que impede a compreensão entre as pessoas locais e as estrangeiras(os). O segundo, trata dos momentos relatados como conquista e o flerte, e a relação com as trocas e favores como maneiras de manter os vínculos afetivo-sexuais.

3.2 A comunicação entre locais e estrangeiras(os)

Comunicação é uma categoria relevante nos relacionamentos afetivo-sexuais, em Jericoacoara. No estado do Ceará, na década de 1990, surgiu um grupo musical que compôs uma música intitulada “Meu estrangeiro”²⁹; o nome do grupo é Mastruz com Leite e a música em questão traz em seus versos aspectos culturais da comunicação entre um estrangeiro e a parceira(o) que o encontra e se comunica com a voz do coração. Os versos falam de um encontro romântico que somente é concretizado por meio dos estímulos sensoriais e expressões entre os interessados. Eu citei essa música porque, nas situações dos encontros entre as(os) interlocutoras(es) e seus possíveis parceiras(os), uma das questões relatadas passa pela comunicação.

Julieta contou sobre como se deu a comunicação entre ela e o turista italiano. Segundo narrou Julieta, foram poucas as palavras trocadas entre eles devido a sua ausência de conhecimento de italiano. O idioma do estrangeiro era carregado de sotaque e o pouco conhecimento dele da língua portuguesa dificultava a compreensão. Ela entendia algumas palavras, pois considerava que ele falava em espanhol, mas não tinha certeza. O encontro aconteceu quando Julieta estava trabalhando com massagem numa barraca de praia, localizada na Praia do Futuro, em Fortaleza. O turista italiano realizou a massagem com ela e, então mostrou interesse em continuar a conversar com Julieta. Para isso, ele acionou uma mediadora, uma mulher que Julieta conheceu como amiga do turista e que era advogada. Ela relatou que:

Ele me conquistou na verdade né, é aquela pessoa que olha pra você e diz: eu vou casar com você. Porque na verdade nós ficamos amigos né, nós nos

²⁹ A música faz parte do repertório da banda de gênero musical forró eletrônico, e foi criada pelo empresário Emanuel Gurgel, em novembro de 1990. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/mastruz-com-leite/biografia/>. Acesso em: 9 jun. 2024.

conhecemos do nada, ele voltou para o país dele e falou...quando ele tava no avião: ah pede pra eu ficar que eu fico, eu desço agora desse avião, eu: não, que é isso, segue, você tem que voltar pra sua casa e tal. Aí ele me deixou em contato com uma advogada que foi a mesma advogada que comprou a casa aqui [Jericoacoara], que estava aqui na época ele nos apresentou, ele falou: oh por favor se ela decidir vir me conhecer, vir conhecer né, o meu país, dê esse suporte e assistência a ela, porque eu era uma menina (Entrevista realizada em outubro de 2022).

A relação e interesse, segundo ela, se estabeleceram por meio do contato físico, no momento do serviço de massagem, e além do interesse do turista em manter contato, as narrativas foram expressas pela tradução da mediadora.

Posteriormente, Julieta relatou que, ao decidir fazer viagem para a Itália, começou o processo de aprendizagem do idioma italiano com um professor também escolhido pelo turista. Foi quando ela realizou um curso de conversação de 10 dias, além de aprender sobre a forma de agir, as condutas e os códigos necessários para se adequar à sua nova realidade, durante sua vivência na Europa.

Essas dificuldades de comunicação são sentidas quando a pessoa estrangeira decide permanecer no Brasil motivada também pelo relacionamento com o parceiro local, como foi relatado por Esther. Ela é italiana, e ao decidir pela permanência em Jericoacoara, enfrentou dificuldades na comunicação com o parceiro e na convivência cotidiana com as demais pessoas. Ela lembrou que eles ensaiaram uma conversa, mas havia dificuldade de comunicação entre ambos. Entendi que Esther enfatizou esse esforço por parte do brasileiro como algo que a conquistou, contudo, após a decisão de se casar com o parceiro local, ela passou a enfrentar dificuldades com a comunicação familiar dele e relatou sentir vergonha da falta de conhecimento do português:

Ah foi bem casual, na rua, conversando, é... só; no começo foi bem complicado porque eu entendia tudo que ele me falava só que eu não fava português, ele não entendia nada de italiano! Né! Aí bom, a gente de qualquer jeito dava pra se entender né [...] a gente se encontrou na rua, na vila, um fala, o outro fala, ele... tentou estudar o italiano o mais rápido possível e ainda hoje a gente tá assim: eu falo com ele em italiano, ele me responde em português e todo mundo olha, nossa! Como né! mas ele fala muito bem em italiano e eu cheguei também um momento de também tirar fora aquele português que eu não sabia né, começava a trabalhar, e ficava com muita vergonha na verdade, porque sabia que o meu vocabulário era mínimo, eu entendia tudo, eu já assistia a televisão em português, né, as novelas e tudo pra... ouvir mais e aprender mais, só que eu tava com muita vergonha de não saber falar né. Eu fui conhecer a família dele e... eu entendia tudo só que eu ficava assim... porque não queria falar, porque não sei falar bem, porque né, mas chega um momento que não precisa se... julgar assim, de qualquer jeito

você está, aí fui aprendendo, não é perfeito, não é, tenho muito sotaque, tenho! Mas fazer o que né! (Entrevista realizada em setembro de 2023).

As duas situações mostram como a comunicação entre locais e estrangeiros é um fator que aciona as pessoas envolvidas de diferentes maneiras. Tanto Julieta quanto Esther foram confrontadas com essas dificuldades; no caso de Julieta, o parceiro, posteriormente a viver em Jericoacoara, também passou a falar português, mesmo com dificuldades. As emoções estão presentes desde esse primeiro contato pessoal. As situações de comparação entre a necessidade e o interesse de comunicar-se com o diferente pode ser entendida a partir de Clifford Geertz (1989). Para o autor, a atividade ritualística dos balineses, a briga de galos, compreende muitas reações afetivas frente ao evento, e essas emoções se refletem nas relações cotidianas entre os balineses, por meio de juízo moral, condutas e ações coletivas. Numa comparação simbólica, a dificuldade de comunicação, mediante o interesse afetivo-sexual, exige que a pessoa mobilize esforços e que esteja sujeita a passar momentos que podem ser considerados vergonhosos ou desafiantes.

Outras situações, em relação às estratégias de comunicação entre as pessoas locais e estrangeiras, na vila de Jericoacoara, foram relatadas por Leo, quando ele lembrou como aconteciam as conversas entre ele e as turistas estrangeiras que frequentavam a festa de forró tradicional na localidade:

No início era no “mimiquês”, depois a gente tinha que aprender o idioma né, já... [...] No “mimiquês”, na mímica né, tentando entender o que a mulher falava...[...] eu não conseguia entender, eu até me achava um índio naquela época, sério, eu ficava mais ou menos imaginando que o pessoal vem aqui e acha que todo mundo aqui é índio né, porque ninguém fala o idioma deles... eu fazia; eu tinha esse discernimento comigo né e procurava justamente não... ter essa barreira e não deixar com o que ela tivesse pensando era o que de fato acontecia. Então como a gente trabalhava, a gente escutava e então a gente aprendia algumas coisas, a gente percebia como que era tratado né! E... e o engraçado é que era que muitas vinham mesmo pela questão sexual! Sério...O maior motel de Jericoacoara era a praia principal...era a praia principal [risos] chegava e você tropeçava em casais transando na praia de Jericoacoara, qualquer lugar que você ia (Entrevista realizada em setembro de 2023).

Leo relata que não era preciso dizer palavras para que o interesse sexual fosse compreendido na experiência dele, pois essa compreensão era concretizada por meio do toque, também pela proximidade e expressões, contudo, havia uma vontade de aprender maneiras de comunicar-se com o intuito de melhorar esse entendimento mútuo, caso a relação continuasse para além do sexo casual.

Eva também relatou sobre o trabalho como camareira numa pousada em Jericoacoara. Ela permaneceu nessa atividade até assumir o setor administrativo do estabelecimento. Foi nesse ambiente de trabalho que Eva conheceu uma hóspede brasileira, fortalezense, que a convidou para uma festa após o horário de trabalho. Nessa festa, ela relatou ter conhecido o primeiro parceiro italiano e que começaram a “ter um caso”.

[...] porque eu via como as pessoas tratava algumas mulheres aqui dentro da vila, apesar de muitos, já... não ter mais escola, se esforçar pra falar, entendeu, a outra língua, outro idioma, falar com gestos, com dedos, sabe! [...] eu fui pra uma festa mais uma cliente nossa, uma brasileira lá de Fortaleza que tinha um terreno aqui em... na Barrinha; ela me convidou pra ir nessa festa com ela depois do meu expediente. Aí eu fui mais ela, o casal, nós fomos e lá eu conheci esse italiano que tava lá também na festa que ele tinha uma casa na Lagoa do Paraíso, vizinho a casa da minha mãe, e lá quando eu conheci ele a gente teve um caso (Entrevista realizada em julho de 2022).

Dessa forma, podemos compreender como a comunicação acontecia de diferentes maneiras, às vezes por sinais, outras vezes por contato e olhares, também mediada por pessoas, devido à ação de mediar as relações entre os interessados. Os demais entrevistados também relataram situações semelhantes. Em alguns casos, há repetições de situações, como aconteceu com Nil, que foi apresentado à mulher de origem suíça por uma local que estava acompanhada de um homem suíço, que foi quem intermediou a conversa para Nil. Valentim tinha conhecimento sobre os idiomas e relatou que compreendia bem os turistas estrangeiros, e, por fim, Suzy, devido à proximidade do espanhol (seu idioma de origem) com o idioma brasileiro, conseguiu adaptar-se à convivência e a comunicação com o ex-companheiro local com maior facilidade.

3.3 O flerte e a conquista nas trocas simbólicas

No ano de 2021, a emissora americana HBO lançou uma série de televisão antológica intitulada *The White Lotus*, dirigida pelo diretor e ator americano Mike White. A série narra a história de pessoas que estão viajando para um *resort* no Havaí chamado *The White Lotus*. Há uma cena em que um dos hóspedes vai até a recepção do hotel furioso, pois o quarto reservado por ele pelo aplicativo de viagens não é o mesmo quarto oferecido no momento de sua chegada ao hotel. O hóspede somente percebe o erro de quartos após algum tempo dentro da acomodação recebida, e ao

reclamar para o gerente da hospedagem, o gerente sorri e informa que, possivelmente, o turista cometeu algum engano quando reservou a hospedagem, mas começa, então, a enaltecer as qualidades do quarto ofertado e também a exclusividade do serviço que esse quarto proporciona. Assim, o turista decide acatar a oferta do gerente, e quando sai em direção ao seu aposento, o gerente diz a um funcionário que estava atento à cena: “você tem que tratar essas pessoas como crianças sensíveis. Elas só precisam se sentir vistas. Elas querem ser o único filho, o bebê especialmente escolhido pelo hotel”.

Citei esse episódio cinematográfico para introduzir a noção de privilégios da conquista e do flerte. Em Jericoacoara, o privilégio de ser conquistado e de estar sendo alvo de interesse sexual é concedido aos turistas, a todo momento, nos espaços da vila.

Leo relatou um pouco sobre como ele mantinha contato com as turistas estrangeiras. Para ele, era fácil namorar as turistas, bastava ofertar para elas o privilégio da dança regional, o tradicional forró, com o contato corporal, as insinuações por meio da dança. Dessa forma, as turistas correspondiam aos flertes e, então, deixavam-se conquistar pelas pessoas locais. No trecho a seguir, podemos entender essa situação:

Chegavam, tinha música, tinha grupos e... as pessoas daqui dançavam e as pessoas de fora não sabiam dançar forró e aí você chamava ela pra aprender, de uma forma cordial e que no final... tinha sempre um duplo sentido nesse convite né! Aí saía pra namorar. Aí o pessoal no outro dia: agarrei a gringa da Espanha, agarrei a gringa da Itália, beijei uma espanhola, beijei uma portuguesa, era mais ou menos isso: vou embora daqui! Os meninos já pensavam naquela época, de ir e mudar de vida! De ir conhecer o outro país, de ir e ter né! Conhecer o outro idioma, falar outro idioma... (Entrevista realizada em setembro de 2023).

Essas situações, no sentido de estar disposto a conquistar as(os) turistas, apresentado no relato de Leo, mostram a relação de benefícios materiais e agrados, como o custeio da viagem pela turista estrangeira, como uma das consequências dessa conquista. Mais adiante, abordarei as relações como troca e reciprocidade, no sentido trabalhado por Mauss (2003).

Há, nessas relações de conquistas entre pessoas locais e estrangeiras(os), marcadores sociais da diferença, segundo o entendimento de Luis Hirano (2019, p. 48). Para o autor, esses marcadores são: “categorias articuladas a sistemas

classificatórios, construídas socialmente, contextualmente e de forma contrastiva”, ou seja, os marcadores raça, gênero, sexualidade, classe e nacionalidades são categorias importantes nessas conquistas e flertes.

Um estudo importante sobre essas categorias e seus desdobramentos, como mestiçagem e relações de poder em símbolos de erotismos dos corpos, é a pesquisa de Laura Moutinho (2004). A autora trata dos relacionamentos afetivo-sexuais em uma perspectiva sócio histórica sobre a construção da mestiçagem por meio dos afetos, no Brasil. Para a autora, o erotismo brasileiro historicamente foi pautado pela junção da figura da(o) mulata(o), da(o) morena(o) e dos traços exóticos das(os) indígenas, como características atrativas para os colonizadores europeus. A autora mostra como, no Brasil, os casais mestiços são resultado do processo histórico de como se forjaram os símbolos nacionais e o processo de romantização da mestiçagem.

Refletindo a partir dessa romantização da mestiçagem, em Jericoacoara, as relações de conquistas e flertes passam pela questão da sexualidade e o corpo negro e indígena são lidos como exótico e erótico. Valentim, ao lembrar o tempo que residiu na Irlanda, conta que ele presenciava essa exaltação da beleza exótica, por parte das(os) estrangeiras(os). Segundo sua interpretação:

É que lá fora [países da Europa] é visto como um homem exótico. Né? É um homem... É... Ele é visto como exótico. Eu lembro, na Irlanda, inclusive, que eu tinha um amigo meu que ele tinha esse perfil. Ele era um... Ele vinha de família preta, só que ele era mais... um preto mais claro né? Então assim, mais queimado do sol, cabelo black power. E eu me lembro assim, de andar umas vezes na rua com ele, as mulheres pararem e pedir pra tirar foto com ele. Porque é muito exótico. É uma beleza exótica (Entrevista realizada em setembro de 2023).

Ao relatar sobre sua percepção dos flertes em Jericoacoara, Valentim também lembrou momentos, na localidade, em que as turistas estrangeiras buscavam os homens locais para realizar suas fantasias sexuais na praia principal ou em lugares remotos da vila. Ele lembrou uma situação, quando turistas estrangeiras, originárias do Canadá e com traços fenotípicos de gringas, interagiram com homens locais, numa das barracas de venda de drinks alcoólicos, e para ele foi surpreendente a atitude das turistas:

Teve uma vez que eu tava preocupadíssimo com duas... Era duas canadenses e elas tavam pegando, elas tavam ficando com... Dois caras fortão desses daqui, sabe? Inclusive trabalham ali nas caipirinhas. E você via na cara dos caras que os caras tavam querendo... benefícios. Eles queriam dinheiro, eles queriam... Sabe? E eu cheguei nelas... Como eles não falaram inglês, eu cheguei nelas assim de leve e falei brevemente com elas. Tipo assim, tentando alertar. E elas fazendo de sonsa. Daí depois eu cheguei de novo e tentei... Daí... Até que na terceira vez eu cheguei e falei... Daí elas falaram de forma direta pra mim: "Não. Mas a gente quer isso." "A gente quer isso. A gente sabe. A gente sabe que eles estão explorando a gente. Mas eles tão dando aquilo que a gente veio buscar." Porque num tão dando só sexo. Eles tão dando companhia, eles tão dando diversão. "Eles nos trouxeram aqui pras caipirinhas. A gente sabe que eles..." inclusive algumas dessas barraquinhas são deles. Eles tão lucrando. "A gente sabe que a gente vai ter sexo hoje à noite. A gente vai dar presentes pra eles, mas a gente quer isso. É o que a gente busca (Entrevista realizada em setembro de 2023).

Ou seja, aqui, as relações se dão por meio de trocas e benefícios. Valentim estava pensando que as mulheres canadenses eram vítimas de extorsão, contudo, elas estavam conscientes da troca deliberada de carinho, afeto e sexo por benefícios materiais em forma de presentes, agrados, gentilezas delas, ao pagarem as contas dos gastos com as bebidas, aos homens locais. A partir dessas relações apresentadas, é possível pensar, em diálogo com Tiago Trindade (2009), cuja pesquisa traz um olhar sobre as estratégias dos rapazes locais/nativos (conhecidos como *caça-gringas*)³⁰, que para a conquista afetivo-sexual de turistas estrangeiras, comumente conhecidas por *gringas* na praia de Pipa, no Rio Grande do Norte, os trabalhadores dos serviços turísticos se valem também dos afetos. Esse autor apresenta uma dicotomia que predominava nas discussões dos relacionamentos afetivo-sexuais em locais turísticos, ou seja, as conjunturas de mulheres estrangeiras que buscam na experiência turística as possibilidades de encontros e relacionamentos com locais.

Dessa maneira, Tiago Trindade (2009) abordou as estratégias desses locais para estarem dentro do perfil buscado por essas mulheres. Dentre os relatos apresentados na pesquisa, o autor encontrou uma interação afetiva que visa benefícios e interesses para ambos; dessa forma, as mulheres demonstraram a busca por afeto e retribuição sexual, que elas anseiam, e para esses homens, o retorno se dá por meio do acesso às viagens, presentes, dinheiro e passeios. O autor aborda as performances masculinas e femininas nessa mistura de sentimentos e ações

³⁰ Termo êmico utilizado por Tiago Trindade (2009) para denominar os homens que buscavam relações afetivo-sexuais com estrangeiras turistas.

direcionadas à realização do desejo de ambos. Em continuidade, o pesquisador analisa o fenômeno do “turismo sexual feminino”³¹ e explica que as relações afetivo-sexuais nessas situações possuem muitas características oscilantes entre as ações consideradas femininas e as ações consideradas masculinas, gerando transformações nas realidades sociais das(os) envolvidas(os).

É importante acrescentar que a compreensão de turismo feminino, por Tiago Trindade (2009), parte de uma revisão de literatura que historicamente constrói o capital simbólico do corpo brasileiro. Para ele, foram várias as obras e construções artísticas no Brasil (Pero Vaz de Caminha, Gilberto Freyre, Di Cavalcante) que, ao longo dos anos, firmaram as imagens hipersexualizadas da brasileira e do brasileiro. Segundo o autor: “A forma como os corpos desses homens e mulheres se apresentam nos ambientes de interação trazem elementos que informam sobre o capital simbólico que eles representam e carregam como parte de seu arsenal cultural (Trindade, 2009, p. 133).

Considerando o exposto, é possível entender como a conquista e o flerte constroem performances corporais que são objeto de desejos, tanto por parte das turistas estrangeiras, em Jericoacoara, quanto por parte dos homens e mulheres locais, quando em sua rotina dentro da vila podem identificar esse interesse sexual por seus corpos. São corpos que performam, em busca de alcançar seus desejos tanto físicos como simbólicos, pensando numa dimensão valorativa da relação, por meio de ganhos materiais. Contudo, os ganhos passam por trocas e retribuições dessa interação. Vimos no relato de Valentim que as turistas sabem que serão retribuídas por seus gastos financeiros, e essa retribuição será por meio de prazer corporal e emocional. As relações transnacionais, tanto nas pesquisas de Tiago Trindade (2009) como em minha pesquisa, nos relatos apresentados por Valentim e Leo, se dão no âmbito da compreensão de mulheres estrangeiras como protagonistas de suas aventuras sexuais, em países onde histórica e socialmente eram conhecidos por um turismo sexual praticado por homens europeus.

³¹ Para ele, trata-se de mulheres estrangeiras de origem europeia ou norte-americanas que realizam a viagem turística com a finalidade de buscar diversão sexual com homens locais, mesmo que essa interação seja uma interação comercial, uma troca de sexo por dinheiro ou benefícios. Assim, o autor esclarece que outras pesquisas, desde os anos 1990, começaram a considerar esse fenômeno social.

Antes de continuar a reflexão sobre a conquista e o flerte como umas das categorias de compreensão das relações afetivo-sexuais em Jericoacoara, pretendo aprofundar a discussão sobre as trocas simbólicas.

A interação das pessoas, ao relacionar afetos e benefícios, é importante para a consequente retribuição financeira ou sensorial. Entendo retribuição sensorial aqui como o retorno de prazer e estímulos que são ofertados entre as pessoas envolvidas nas relações afetivo-sexuais.

A relação de reciprocidade entre o dar, o receber e o retribuir, são ações simbólicas culturalmente expressas nas relações sociais, segundo Marcel Mauss (2003). Não diz respeito, portanto, às relações puramente de mercado. Assim como também o antropólogo Clifford Geertz (1989) interpretou a briga de galos, promovida pelos balineses, como a expressão simbólica das ações nas organizações sociais e culturais que as pessoas daquele lugar passavam a representar. Para a discussão sobre trocas apresentadas nos relatos das(os) interlocutoras(es) desta pesquisa, penso em como essas relações simbólicas devem também abordar o aspecto emocional dessa transação. Esses antropólogos pensavam as sociedades estudadas a partir da significação das ações, de como essas ações podiam resultar em consequências ao coletivo, promovendo reflexos na organização dos grupos sociais.

Para a dinâmica social onde o turismo é um fenômeno que rompe limitações geográficas, e também amplia os encontros de pessoas nas suas diferentes nacionalidades, com suas complexas vontades e desejos de consumo, e, mais ainda, considerando o processo de interação afetivo-sexual das pessoas no ambiente turístico, posso inferir, a partir das observações no campo e pelas narrativas das(os) interlocutoras(es), que essas trocas podem ser compreendidas como expressão de sentir-se especial, único, vivendo uma relação fora dos moldes dados no cotidiano ordinário, ou mesmo que possa remeter aos românticos filmes e séries de amores impossíveis. Essas experiências afetivas, são relatadas como sensações e retribuições superiores em relação aos custos financeiros da empreitada. Para ambos os envolvidos na relação afetivo-sexual, as sensações da viagem e de como a rotina passa a ser diferente ao vivenciar o sexo, o flerte e o ato de conquista, são partes de uma troca simbólica a que as(os) interlocutoras(es) deram ênfase em nossas conversas.

Para dar continuidade a esse entendimento, na conversa mantida com Nil, o momento em que ele se deu conta de ser o alvo do desejo da turista de

nacionalidade suíça, foi quando ele percebeu como a oportunidade de mudar sua vida. Aos 22 anos, e trabalhando como garçom, ele decidiu, a convite daquela mulher, viajar e viver na Suíça por anos. Ele lembrou que, na época, a mulher esperou que ele concluísse o trabalho de garçom e se dirigisse até a hospedagem dela, onde tiveram sexo casual. Após esse momento, segundo ele, o que aconteceu foi um convite para que ele viajasse de maneira definitiva para a Suíça. Quanto aos recursos e meios para a viagem, todo o procedimento foi custeado pela turista suíça. Contudo, mesmo com a retribuição financeira, ao longo do tempo e com a vida considerada por ele de melhores recursos - pois a companheira tinha boas condições financeiras na Suíça -, Nil sentiu vontade de retornar ao Brasil, pois sentia falta da liberdade e das sensações que viver em Jericoacoara lhe proporcionavam, e, assim, desistiu e retornou.

A chegada no país estrangeiro foi para ele um momento de choque, pois a primeira sensação que teve foi de frio extremo. Recordou que, ao descer do avião, os familiares da mulher estavam aguardando com casacos de frio. Ele lembra que, nos primeiros dias, foi bem recebido e que saíam para realizar passeios e conhecer lugares. Contudo, após alguns meses, ele foi percebendo que precisava trabalhar bastante, que para ele seus dias eram todos iguais e sem nenhuma novidade. Portanto, a rotina não lhe agradava e a vontade de retornar aumentava.

Dessa forma, retomo aqui as trocas simbólicas como maneiras de retribuição afetiva entre as pessoas locais e estrangeiras. No relacionamento de Nil, mesmo diante dos benefícios materiais e financeiros, ele lembrou uma rotina na qual ele sentia-se deslocado. Em conversa informal, ele disse que estava atuando em atividades como jardinagem e construção de obras. O trabalho era exaustivo, e apesar de ele receber pagamento que considerava elevado em relação aos trabalhos anteriores exercidos no Brasil, começou a considerar retornar para seu país, pois relatou que vivia melhor com a liberdade e o acolhimento por estar entre as pessoas brasileiras. Assim, a retribuição financeira não foi suficiente para garantir que ele continuasse a viver naquele país. Como consequência, ele retornou para a vila de Jericoacoara à contragosto da parceira suíça.

Essas situações de trânsitos de pessoas brasileiras por outros países foi alvo de estudo da pesquisadora Adriana Piscitelli (2013). Ela realizou pesquisas que abordavam as relações afetivas em espaços turísticos no Brasil e as possibilidades de relacionamentos em contexto de mobilidades e migrações, a partir desses espaços. Também na coletânea intitulada “Gênero, sexo, amor e dinheiro:

mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil” (Piscitelli, 2011), são abordadas categorias analíticas importantes envolvendo relações transnacionais e mobilidades.

Nos estudos sobre a dimensão da sexualidade e a relação com o fenômeno do turismo sexual, Adriana Piscitelli (2011) aborda os relacionamentos considerando que, apesar das relações de comércio de sexo pago, havia possibilidades de emoções e afetos. Assim, os relacionamentos afetivo-sexuais em espaços turísticos passavam a ser pensados para além dos benefícios materiais obtidos em ajudas financeiras. Também a autora reflete sobre como as pessoas se vinculam emocionalmente aos seus parceiros. Nesse sentido de compreensão das relações afetivo-sexuais, a mobilidade e a fluidez dos afetos e acordos (amor, sexo comercial, vínculos, retribuição financeira) podem surgir do encontro entre pessoas locais e estrangeiras.

Assim, o sentido amplo, que permite essas relações em constantes mudanças e instabilidade, é nomeado por Adriana Piscitelli (2011) como “mercado”. A autora define o termo mercado para a compreensão dos estudos de relacionamentos por ela propostos, como relações de trocas de bens por valores financeiros, uma relação que resulta em trocas de serviços por valor equivalente, e que mantém uma continuidade. Em seguida, há a relação entre mercado e os serviços sexuais, que é definida como:

A ideia de mercados do sexo aqui proposta possibilita pensar nas relações de sexo comercial mais intensamente marcadas por essa economia, frequentemente vinculadas à indústria do sexo. Essas relações são, porém, consideradas como parte de um universo mais amplo de intercâmbios sexuais e econômicos, materiais e simbólicos, no qual eles coexistem com modalidades de sexo transacional, que envolve trocas de sexo por diferentes bens. A noção de mercados do sexo com a qual trabalhamos remete às trocas nas quais se envolvem muitas pessoas brasileiras, no Brasil e no exterior, em contextos nos quais há múltiplas manifestações de mercados, comércio, dádiva e intercâmbios (Piscitelli, 2011, p. 10).

Adriana Piscitelli (2011) também destaca, em suas pesquisas, as categorias “sensualidade” e “sexualidade”, pois são dimensões que estão a todo momento circundando as relações entre brasileiras/os e estrangeiras/os nos encontros que podem resultar em mobilidades e migrações.

Assim, podemos considerar, a partir dos relatos das(os) interlocutores sobre os encontros, e como a conquista ocorre de forma sutil, por meio de olhares, pessoas que intermediam as conversas, ou mesmo que aproximações físicas, como os desejos e as estratégias de aproximação, passam por negociações entre as

peessoas envolvidas, mas essas negociações, a meu ver, serão dinâmicas, pois em alguns momentos, ao longo da relação, os sentimentos/emoções são superiores ao interesse material.

Em Piscitelli (2011, 2013) a autora discorre sobre a categoria “ajuda”, que é definida pela autora como uma forma de vínculo e permanência da relação que ultrapassa limites de fronteiras físicas. A “ajuda” é tanto relacionada ao parceiro que está retribuindo a troca de afeto e sexo, como também está relacionada à família do parceiro, como forma de demonstrar compromisso por ambos os interessados. Essa “ajuda”, segundo a autora, pode ser manifestada tanto em dinheiro, como em outros bens materiais ou ações que possibilitem ganho a quem recebe.

Dentre os entrevistados para esta pesquisa, Leo cita situações para ilustrar como ele compreende a ligação afetiva e o apego de seus parentes à localidade. No trecho a seguir, a busca pela retribuição afetiva familiar é maior, e também isto se deve ao valor simbólico para os familiares da pessoa local envolvida num relacionamento com uma pessoa estrangeira. Esses relacionamentos e essas situações agregam *status* social aos demais familiares:

Vou falar uma coisa aqui pra você, se você fizer qualquer coisa a um nativo de Jericoacoara e ele não gostar, ele não se obriga a fazer! Ele volta pra cá! Ele volta pra casa, se ele não quiser, se ele não gostar, ele volta! Ninguém obriga ou a comodidade que aquele lugar tá dando ali, não, cê pode tá ganhando lá milhões de reais, se ele não gostar de lá, ele volta pra casa e vai comer o pirãozin da mamãezinha sentado na mesa. O vínculo afetivo é muito interessante aqui, as pessoas não perdem isso, não perdem. [...] O pessoal nunca deixa a raiz! Tem um primo meu que mora em Portugal, casou com a portuguesa, têm três filhas, ele é mais novo que eu; o [?] tem o que, tem 34 anos, já mora em Portugal lá... 11! Mora em Portugal há 11anos, mas... deu uma brechinha lá em Portugal, traz a família dele pra cá, vai pra casa da mamãe. E não tem esse negócio de trazer aqui, bora pra hotel, bora pra... não, é pra casa da mamãe, é todo mundo (Entrevista realizada em setembro de 2023).

Como podemos perceber nas trocas simbólicas, essas relações de conquista e flertes estão acionando também os marcadores sociais da diferença, tais como raça, gênero, sexualidade e nacionalidades, nas diferentes dinâmicas dos encontros e desenvolvimentos das relações afetivo-sexuais. Também se percebe como os marcadores são acionados diante das relações de vínculos afetivos diversos. A situação narrada por Leo faz referência ao vínculo familiar e ao apego ao local de origem do primo, em contraste com o vínculo afetivo-sexual do primo com a parceira de origem portuguesa.

No caso das mulheres locais aqui entrevistadas, essas relações de conquistas e flertes ocorreram quando elas estavam motivadas aos relacionamentos como estratégias de ascensão social. Julieta, Eva e Jade, por exemplo, encontraram os parceiros italianos em diferentes circunstâncias.

Ao explicar sobre o encontro com o parceiro italiano, Julieta relatou, dando ênfase às palavras adjetivadas, para o momento. Algumas vezes repetia: “foi lindo”; “eu abri meu coração”; outras vezes, dizia que “foi amor à primeira vista”. O fato é que Julieta estava trabalhando numa barraca de praia como massagista, pois sua mãe havia conseguido o emprego para ela nesse ramo devido às poucas condições financeiras que sua família tinha naquele momento. Sua mãe nasceu em Belém do Pará e estava recentemente residindo em Fortaleza, junto ao seu companheiro (pai de Julieta) e mais dois filhos. Seu pai é cearense. Dessa forma, trabalhando como massagista, ela conheceu o parceiro italiano quando, ao comprar o serviço de massagem com Julieta, o então turista solicitou que viajasse com ele para Jericoacoara. Ela relatou negar o convite pois precisava trabalhar, dizendo que, no seu retorno à Fortaleza, ele apresentou uma pessoa para Julieta que seria responsável por organizar uma possível ida dela para a Itália. Ocorre que, nesse momento, Julieta narra esse encontro, acentuando o encanto do turista por ela, como uma paixão inesquecível. Aspectos que ela pontua nesse encontro, para que ele se apaixonasse, são relacionados ao seu jeito de ser, a sua essência, e também a maneira de agir de Julieta. Podemos observar essas ênfases da conquista no trecho a seguir:

Foi amor à primeira vista, foi. E aí eu decidi, decidi conhecer essa pessoa que estava demonstrando ser tão...tão especial né, eu lembro que no meu aniversário, eu tava na casa dos meus pais, eu recebi um buquê de rosas, eu nunca tinha recebido rosas, nenhuma flor de ninguém, isso me...nossa me encantou né, no dia do meu aniversário e aí tinha o bilhete dele, aí eu falei: como assim, ele tá lá na Itália né (risos) ele fez através da advogada né, ela organizou tudo. Mas eu achei muito legal, falei taí, porque não, eu vou conhecer sim, vou dar essa oportunidade [...] é...que eu estava indo ao encontro de uma pessoa que...parecia ser de...do bem, porque ele tinha uma família, ele tinha um trabalho, tinha né...um endereço né, e aí eu fui mesmo e... eu lembro muito bem que eu falei pra ele quando ele chegou; eu cheguei no aeroporto, que ele me abraçou e nós depois fomos de carro, ele olhou; eu tava com medo, uma menina né...eu falei: olha eu vou voltar, vou voltar daqui a 45 dias, tenho minha passagem tal dia de volta, ele falou: não, você não vai mais voltar. Quando ele falou: não, você não vai mais voltar aí eu fiquei, nossa, aí eu gelei né, só fiquei assim (pausa) aí eu falei: calma, falei pra mim mesmo, calma. Aí ele falou: não, ele falou você não vai mais voltar, porque ele não queria né que eu voltasse, não queria falar, é...eu acabei de chegar

e já tô falando que vou voltar né, então...mas não; foi lindo e realmente eu não voltei mais (risos) (Entrevista realizada em outubro de 2023).

As interlocutoras Jade, Eva e Julieta encontraram seus companheiros quando estavam trabalhando nos serviços turísticos e atendendo os turistas. Elas relataram terem sido escolhidas pelos turistas italianos. Essa forma de narrar a conquista, em minha interpretação, está direcionada ao fato de se contrapor à referência a estratégias de mulheres que oferecem serviços sexuais e são vistas como prostitutas. É importante compreender que, a partir dos anos 1990 e 2000, as mídias e políticas de controle de migrações ilegais pautavam no Brasil o cuidado com as mulheres brasileiras, e condenavam a ação de prostituição em locais turísticos, assim como o ato de realizar sexo por pagamento com turistas estrangeiros, em diversos formatos, conhecidos pelo senso comum e mídias, como turismo sexual³².

Outro aspecto comum às situações vividas pelas interlocutoras se refere a relatos em que a conquista tem características de encontro casual. Jade contou que foi funcionária de um bar chamado Sky, e foi trabalhando nesse bar que conheceu seu parceiro atual. Disse que, primeiro aconteceu a amizade, motivada por colegas em comum, pois ela tinha amigas em uma pousada, onde o atual parceiro havia chegado para trabalhar em Jericoacoara. Ela relatou sobre um encontro, ocorrido ao acaso, no bar onde ela trabalhava exercendo a função de atendente, onde ele estava bebendo com seus amigos. Segundo ela, houve uma troca de olhares, e depois uma conversa breve. Jade e o parceiro italiano trocavam mensagens por redes sociais e essa comunicação durou um ano. Segundo ela, nesse primeiro momento, a relação entre ela e o turista italiano se dava na qualidade de “melhor amiga”, permanecendo nessas condições por algum tempo. O segundo encontro, na casa de festa conhecida na localidade como Forró da Dona Amélia, Jade relatou ser mais objetivo, pois ao se encontrarem, foram se aproximando fisicamente, e ela relatou que, naquela noite “a

³² Novelas, nas principais emissoras de televisão aberta, apresentavam essa estrutura de relações nas quais a mulher pobre, carente, prostituta ou garota de programa, era agraciada por um homem rico, nacional ou estrangeiro, e, ao ser cooptada para ser a mulher fixa desse homem rico, ela passava a ter mais acesso a bens materiais, instrução educacional, além de ensinamentos sobre suas condutas para se tornar uma mulher “direita e educada”. Na emissora Globo, em 2007, foi transmitida a novela Paraíso Tropical, onde uma das personagens era uma garota “de calçada” e, então, passou a receber tratamento diferenciado por seu protetor. Também, na emissora SBT, em 1997, a novela mexicana Maria do Bairro, parte de uma trilogia de novelas com a mesma temática, retratando uma jovem catadora de lixo que é acolhida por uma família de empresários e ensinada a ser uma mulher de “classe”.

gente ficou nesse rolo”, expressão que significa ter mantido relacionamento sexual com o parceiro italiano.

Figura 15 – Rua do forró



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Eu fiz uma busca na plataforma de vídeos Youtube³³ para entender como outras mulheres narravam seus relacionamentos com parceiros estrangeiros, e identifiquei inúmeros vídeos de mulheres brasileiras que estão na Itália. Elas informam sobre as maneiras de conquistar um parceiro italiano para casamento ou uma união estável, que é solidificada com a confirmação do custeio das passagens e a viagem da mulher brasileira para o país estrangeiro. Há, nessas dicas, um *modus operandi* que inclui táticas e condutas que devem ser praticadas na primeira iniciativa de um turista europeu. Essas condutas devem passar um “jeito natural de ser”, sem muitos adereços, uso de roupas simples, o jeito de falar com sotaque carregado, também que na conversa demonstre pouco interesse em benefícios ou viagens, e que se mostre uma mulher voltada aos cuidados domésticos e maternos. E esses vídeos são endereçados a mulheres. Há, também nessas plataformas de vídeos, mulheres que falam da diferença entre ser conquistada e ser “fácil”. Apresento essas informações a fim de tornar compreensível como as interlocutoras, ao se colocarem num lugar de

³³ Há vários vídeos, e vi alguns tantos de mulheres que relatam sobre o jeito ser brasileiro é algo interessante para os europeus, assim como vi um italiano entrevistando pessoas jovens em seu país sobre como elas interpretam o Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/@italianocomnativo> Acesso em: 10 mai. 2024.

ser conquistadas e buscadas pelo turista italiano, realizaram o procedimento que alguns vídeos relatam como receitas para a conquista³⁴.

Eva, por exemplo, desejou, desde esse primeiro contato com turistas, ter um relacionamento afetivo-sexual com um turista europeu. Ela narrou que, ao as novelas que mostravam brasileiras em relacionamentos, apaixonadas por italianos, ela sonhava em viver também esse modelo de relacionamento como forma de ascensão social:

Quando eu comecei a vender crochê em Jericoacoara, é, na verdade, desde a época da novela Terra Nostra, eu ainda era moça, que eu assistia aquela novela, eu cheguei e falava pra mim mesmo e pra minha mãe e via, assim, minhas irmãs já;[...] Então assim, eu já, quando...quando lançou aquela novela, eu já me espelhava naquela novela, eu já dizia pra mim mesmo, e pra minha mãe e pra minhas irmãs que quando eu crescesse eu queria ter um relacionamento com uma pessoa de outros países, tá entendendo? Porque eu já via a minha situação financeira e da minha família, sabe!? O sacrifício que a gente faria pra levar o pão pra dentro de casa, num tô falando de outras coisas, tô falando que eu que queria uma vida melhor pra mim, sabe! (Entrevista realizada em julho de 2023).

Em contrapartida, Esther, uma mulher de origem italiana, relatou que a abordagem pelo parceiro brasileiro aconteceu casualmente, mas sem demonstrações de interesses em benefícios financeiros. O parceiro de Esther estava em Jericoacoara também como turista e, ao encontrá-la, decidiu mudar-se para Jericoacoara com o objetivo de viver com ela um relacionamento afetivo-sexual:

Ele me escutava! Dava para conversar né, porque eu achava muito incrível essa coisa né, de ele ser uma pessoa muito mais jovem; primeira coisa é não ter vergonha de ficar com uma pessoa muito mais velha, porque também as pessoas achavam que ele ficava comigo só porque eu era italiana, seguramente por ser italiana eu tinha dinheiro, né porque também tinha muito, ainda hoje, essa concepção né, quando eu falo que eu sou italiana: ah você tem pousada, tem restaurante; não eu não tenho nada, não, não sou proprietária de nada, né, e já me olham assim, não acreditando. É... a alegria dele de ver a vida com um olhar já bem diferente do meu, né, eu já tinha passado por muita coisa (Entrevista realizada em outubro de 2023).

Para Esther, a diferença de idade de 20 anos entre ela e o parceiro brasileiro, além do fato de ela não ter muitos recursos financeiros, foram fatores que

³⁴ Ver situações apresentadas nos vídeos disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=aX-l29h5WyE>. Também disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=QV8V1zwGU1k>. Acesso em 11 jun. 24.

a conquistaram, fazendo com que ela permanecesse em Jericoacoara para continuar esse relacionamento.

Por fim, Suzy também informou semelhante situação de flerte. Quando ficou solteira, ela passou a sair com um rapaz local - ela o intitula como nativo - que trabalhava como músico no mesmo restaurante. Assim, após o expediente, eles foram para uma festa de forró e, durante a dança, a proximidade dos corpos e as conversas foram a maneira de conquista que Suzy identificou como flerte, por parte do músico. Decidiram começar um relacionamento e, após dois meses, estavam buscando um local para morarem juntos.

As situações aqui abordadas permitem que possamos refletir a partir de outro estudo de Adriana Piscitelli (2010), no qual a pesquisadora toma como foco o turismo feminino realizado por mulheres estrangeiras, conhecidas localmente como “gringas ricas”, comparando visitantes de duas localidades: Jericoacoara e Canoa Quebrada, dois destinos turísticos importantes no Ceará.

Essas turistas estavam vivenciando as experiências de relacionamentos afetivo-sexuais com parceiros locais. A autora relatou que as questões de raça, nacionalidade, classe e gênero foram norteadoras para a compreensão desses relacionamentos. Outra importante observação, no mesmo artigo, é sobre as mudanças nas condutas de afeto e carinho por parte dos parceiros locais, durante o início do relacionamento. O relacionamento afetivo-sexual dessas turistas estrangeiras estava condicionado à condição econômica. Adriana Piscitelli (2010) identificou em relatos de suas interlocutoras sobre a mudança nos modos de agir dos parceiros locais, quando essas mulheres demonstravam dificuldades em dar presentes e benefícios financeiros a esses homens. O desconforto emocional foi relatado com ênfase na decepção, tristeza e abandono dos companheiros locais, em relação aos cuidados com os filhos(as) nascidos no relacionamento entre a gringa e o nativo, além de relatos de exploração de bens da parceira estrangeira em razão de drogadição.

Adriana Piscitelli (2010), nessa pesquisa com as turistas estrangeiras em Jericoacoara, também obteve relatos sobre o ideal de homem nativo que é atrativo para essas mulheres visitantes. Ela afirmou que, em Jericoacoara, os homens nativos realizam traduções culturais análogas, mediante performances da brasilidade “afro”, propiciada pela participação na capoeira. Para a autora, a singularidade da força adquirida pela relação entre virilidade, erotismo e raízes africanas, reside em que, nesse lugar de encontros transnacionais, os capoeiristas são valorizados, obtêm

renda, prestígio e poder mediante a corporificação de uma versão masculina da brasilidade, sexualizada e racializada, por meio de traços que não fazem parte das tradições da comunidade e da região. Para elas, “A virilidade exaltada por esse estilo de racialização lhes confere um particular valor de mercado” (Piscitelli, 2010, p. 99). Assim, podemos compreender que o desejo, o afeto e as conquistas estão combinados ao quanto a relação retribui, tanto financeiramente quanto afetivamente, às pessoas envolvidas no enlace.

Outra pesquisa que contribuiu para as reflexões, referentes ao jogo de conquistas e benefícios presentes nas relações afetivas em Jericoacoara, é o trabalho de Fernanda Antonioli (2015). Esta autora produziu um estudo sobre mulheres estrangeiras turistas na localidade de Trancoso, na Bahia, local onde elas exerciam o papel, antes comum aos homens estrangeiros turistas, ou seja, a busca por sexo casual em relacionamentos provisórios. O objetivo da pesquisadora era dar visibilidade às representações sociais e expressões dadas ao lugar do feminino dominante, no aspecto da relação sexual casual e temporária, antes entendida como predominantemente masculina.

Assim, outros marcadores sociais também são considerados como importantes na compreensão de Fernanda Antonioli (2015) sobre o fenômeno, tais como cor, idade, corporalidade, sexualidade e nacionalidade. Para a autora, os envoltivos afetivo-sexuais, entre homens locais e mulheres estrangeiras, eram estabelecidos mediante projeções de viagens para o país de origem da parceira. Assim, a autora buscou uma reconfiguração dessas disposições que colocam a mulher pobre como vítima que é cooptada por um turista estrangeiro, e apresenta as situações em que mulheres turistas também levam seus parceiros locais para migrações que podem ser temporárias ou fixas.

Como podemos identificar nos relatos das oito situações (Eva, Jade, Suzy, Julieta, Nil, Leo, Valentim e Esther) apresentadas nessa pesquisa, também identifiquei o fator comum entre os relacionamentos em relação à perspectiva da viagem ao país da(o) parceira(o), sejam estrangeiras(os) que se deslocam para o Brasil, ou as(os) locais que se deslocam para outros países. Explicarei um pouco mais, no próximo capítulo sobre essas mudanças e deslocamentos.

4 DOS ENCONTROS E AFETOS AOS CONFLITOS

4.1 Temporalidade e mudanças

Marshall Sahlins (1990), na obra “Ilhas de História”, relatou sobre o encontro dos ingleses comandados pelo capitão James Cook com o povo havaiano, durante uma das expedições exploratórias inglesas. A chegada do capitão James Cook na ilha do Havaí culminou com o início de um evento mítico e cosmológico do povo havaiano, e, assim, a expedição foi recebida em meio a uma festa. Em resumo, o que ocorreu nesse encontro colonial foi a interpretação dos havaianos de que a chegada de Cook era referente à chegada do Deus *Lono*, divindade que promovia a fertilidade. Assim, as mulheres havaianas foram ofertadas para manter relações sexuais com James Cook, e também com seus tripulantes. Contudo, a ênfase analítica do antropólogo Sahlins (1990) está relacionada a uma estrutura cultural que pode ser observada por meio da relação de mudança e interação das pessoas no espaço, ao longo do tempo, ou seja, uma perspectiva histórica. Assim, o que ocorre, ao final desse processo histórico - a jornada do capitão Cook - é a sua morte, na ilha havaiana. Quero, a partir dessa referência antropológica, apresentar elementos para a compreensão das mudanças e da relação de tempo presente nos relacionamentos afetivo-sexuais, apresentados nesta dissertação.

É preciso enfatizar que a viagem, as migrações e as moradias intermitentes das(os) interlocutoras(es) são fatores recorrentes quando essas pessoas me relataram suas vidas afetivas. Abordarei algumas situações do cotidiano no exterior vivenciadas pelas(os) interlocutoras(es). Deve-se entender que o termo “exterior”, nesta pesquisa, considerando tanto as(os) brasileiras(os) que saem do Brasil e viajam ao exterior (outro país), quanto as mulheres estrangeiras que viajam de seu país de origem para o exterior; no caso delas, o Brasil e outros países.

Julieta relatou que se via como “uma menina” quando viajou para a Itália. Ela havia apenas namorado uma vez, um rapaz brasileiro de outro estado (Santa Catarina). Ela, aos 21 anos de idade, aventurou-se a viver na Itália, em Roma, com o parceiro italiano, que contava 50 anos na época. Julieta contou que a vida no exterior era difícil, no começo, pois ela sofria preconceitos por ser uma mulher brasileira, e também sofreu assédio por parte de desconhecidos, na rua, mas também por um colega de seu parceiro. Ela sentia os olhares de rejeição, às vezes em ônibus ou supermercados, principalmente, quando ela, por reflexo ou costume, tomava uma

atitude que era reprovada por pessoas daquele país. Ela relatou uma situação vivenciada num supermercado:

Aí eu tive que mudar, eu tive que mudar, e em relação a criança né, eu encontrei com uma criança no supermercado, eu louca por criança, fui lá e: ah que lindo o bebezinho, fui tocar e meu marido falou: não faça isso, não chegue perto de criança nenhuma e eu: mas porquê? E ele falou: porque aqui acontece, infelizmente, crianças são roubadas, sequestradas né, também existe né, e assim, por segurança é melhor você não se aproximar de ninguém porque você é estrangeira também né, e aí... foi isso. Eu lembro de uma vez que eu fui pegar na mão de um amigo nosso, que é amigo do meu esposo, que ele me apresentou, que nós já nos conhecíamos a... há anos e... o meu marido ficou chateado né, pediu pra eu não fazer mais, que ele poderia ter outras interpretações né, o amigo dele, aí eu fiquei muito triste e falei: tá, eu não fiz por mal né, estou trabalhando isso em mim né pra ser mais... (Entrevista realizada em outubro de 2023).

Há outras situações relacionadas à forma de falar e à forma de se vestir, que ela percebia serem motivo para o parceiro se justificar perante os conhecidos dele, explicando que ela agia assim por ser brasileira. Ao longo dos oito anos vividos na Itália, ela foi se moldando e se limitando a uma dedicação exclusiva ao âmbito da vida doméstica e aos cuidados maternos, pois engravidou da primeira filha enquanto estava naquele país.

Sobre a relação afetivo-sexual que foi se configurando aos poucos como uma união estável, Julieta relatou sobre o pedido de casamento e a sua efetivação, que também ocorreu na Itália. O modo de agir, os hábitos cotidianos de Julieta foram sendo mudados, ao longo dos anos vividos no exterior. O parceiro de Julieta tinha dois filhos e ela passou a viver na residência da família italiana. Assim, para ela, foi preciso cautela e submissão diante das diferenças sentidas na convivência familiar estrangeira. Quando eu perguntei se ela havia trabalhado ou se tinha alguma fonte de renda própria, ao longo dos anos vividos na Itália, ela respondeu que decidiu dedicar-se ao relacionamento:

Meu relacionamento tava iniciando né, e nós queríamos ficar muito juntos o tempo todo. Ele viajava muito por causa do trabalho e consequentemente ele queria que eu tivesse ao lado dele, então aí eu abri mão né pra ser companheira, esposa, depois mãe né, um pouco eu me arrependo né, sim, foi lindo porque me deu oportunidade de conhecer a Itália, nós viajávamos muito, e...eu não vivi... empobreceu meu currículo ne, mas é isso (Entrevista realizada em outubro de 2023).

Durante a entrevista, Julieta repensou os anos vividos na Itália e concluiu sentir arrependimento por não ter trabalhado. Outros momentos da vivência de Julieta, que foram retratados por meio das mudanças e suas consequências, foram relatados sobre a ausência da convivência familiar, desde a partida para a Itália, como também alguns momentos que ela considerou importantes, mas que a sua família não estava presente.

Refletindo sobre essas mudanças e pensamentos que remetem às emoções, Michelle Rosaldo (2019, p. 32) afirma que as emoções são “pensamentos incorporados”, no sentido de compreensão das emoções como construções de pensamentos que, não somente estão vinculados ao *self*, mas ao convívio cultural e simbólico.

Relembrando os oito anos de estadia na Itália, Julieta relatou como a vontade de retornar para o Brasil foi tomando forma, apesar de sempre tecer muitos elogios aos costumes na Itália e à forma de viver naquele país. Contudo, o companheiro, motivado pela compra de uma casa em Jericoacoara, no período em que esteve no Brasil, em 2006, e também por incentivo de amigos que estavam desenvolvendo empreendimentos turísticos em Jericoacoara, decidiu retornar à vila no intuito de ali morar de forma permanente. Esse retorno marca um novo momento na relação afetiva entre Julieta e Romeu. Observo que esses nomes foram escolhidos por essa interlocutora, segundo ela, porque faz sentido para compor sua trajetória afetiva com o parceiro italiano, concluindo que, com essa escolha dos nomes, ela remete novamente a um romance.

Nessa nova etapa, na qual a vida passa a ser em Jericoacoara, Julieta começou a decidir outros rumos para seu modo de viver. Ela relatou que tem uma loja onde vende alimentos, um estabelecimento que ela abre somente aos domingos, e do qual retira sua renda própria. Também falou sobre o sonho em retomar os estudos, fazer uma faculdade. Ao final da entrevista, quando ela estava relembrando a emoção de estar mais perto da família, da mãe e irmãos, quando eu perguntei se desejava que sua filha que, no dia da entrevista, estava com 10 anos de idade, também se casasse com um parceiro estrangeiro, ela disse que desejava que filha postergasse o casamento, e considerou preferível a dedicação da filha aos estudos e ao trabalho, antes de se casar. Afirmou que não se arrependeu de casar-se, que é feliz com seu Romeu, contudo, pensa que poderia ter estudado, trabalhado e ter mais autonomia, sendo esse o desejo que ela tem para a filha.

Diferentes são as mudanças na vida de Suzy. Ela transformou sua rotina, por volta dos 40 anos, quando buscou viver algo diferente da rotina que levava em Barcelona, na Espanha. Susy não relatou datas específicas, mas, devido às fases que ela declarou em sua trajetória e a relação com a sua idade, concluí que, por volta dos 28 anos, Suzy conheceu um parceiro francês e decidiu viajar como mochileira com esse homem. Ela saiu da Espanha e viajou durante 2 anos por países como México, Bolívia, Equador e Brasil. As condições de viagem eram características de viajantes com poucos recursos financeiros e que trabalhavam nos locais aonde chegavam. Assim, Suzy relatou que, para chegar ao Brasil, foi preciso vir de carona com caminhoneiros; e explicou que essas ações eram motivadas por uma necessidade de viver aventuras e ter experiências. Entretanto, quando estava a contar tudo isto em entrevista, ela disse, sorrindo, que realizou aquele feito porque estava acompanhada do parceiro francês e que sentia-se segura em certa medida.

A chegada ao Brasil se deu, primeiro na cidade de São Paulo e, posteriormente, no Rio de Janeiro. Dessa forma, ela viveu algum tempo nesses locais, e foi quando soube sobre Jericoacoara. Assim, vieram ao Ceará também por meio de caronas, e a primeira parada, que segundo ela demorou algum tempo, foi na praia do Preá, localizada no município de Cruz. Utilizando redes de ajudas e favores, ela chegou à Jericoacoara com o companheiro francês, e conseguiram empregos nos serviços de alimentação. Ela conseguiu emprego num restaurante localizado na rua São Francisco, e seu companheiro também conseguiu emprego, porém, Suzy preferiu não dizer o local onde ele trabalhou, pois é um ponto de drogas, na vila. A facilidade de acesso às drogas para seu companheiro trouxe vários problemas ao relacionamento, pois Suzy relatou que seu parceiro começou a furtar coisas dela para manter o vício, causando vários transtornos. Por este motivo, o relacionamento terminou.

Os planos de Suzy, com esse parceiro francês, era seguir viagem para a Guiana Francesa e continuar a viajar por lugares diferentes, mas, apesar do rompimento, Suzy optou por permanecer em Jericoacoara e manter seu trabalho no restaurante. É necessário observar que Suzy relatou que a decisão de morar junto ao atual companheiro local foi devido à dificuldade de moradia de baixo-custo, em Jericoacoara. Tanto ela quanto ele estavam em residências que foram solicitadas para o período de final de ano. Suzy disse que essa prática de aluguéis que são instáveis, dependendo do período do ano, é algo corriqueiro.

As condições de Suzy eram simples e, por mais que ela fosse estrangeira e localmente identificada como alguém que tinha dinheiro e bens, ela não possuía recursos financeiros além do básico para sua manutenção na localidade. Esse fator foi preponderante para a decisão de retornar ao seu país, após um ano e meio vivendo em Jericoacoara. Assim, em meio a uma crise no relacionamento afetivo- sexual com o parceiro local, ela decidiu ir para Barcelona.

A vida de Suzy, após a partida para a Espanha, tomou proporções distintas do que ela planejara para sua vida. Ela descobriu a gravidez da filha que hoje está com 10 anos de idade. Três anos após o nascimento da filha, ela engravidou do filho que hoje está com 7 anos. Para Suzy, a maternidade foi algo inesperado, e as decisões tomadas após o nascimento de seus dependentes se dão todas pensando no bem-estar de suas crianças. Tendo em vista a gravidez, Suzy decidiu passar sua gestação na Espanha, ao lado de seus familiares, e o tempo em que estava lá foi bastante agradável, pois havia mais suporte, tanto de pessoas para auxiliá-la como uma melhor estrutura para as necessidades da gravidez, em sua percepção. Após o nascimento da criança, o parceiro local viajou até a Espanha e ficou durante um tempo com Susy e a filha, e foi nessa convivência que ela decidiu regressar para Jericoacoara mais uma vez, a fim de viver com sua família na localidade.

Torna-se necessário discutir, portanto, a percepção de maternidade e família que Suzy estava vivenciando, pois ela relatou que passou dias de confusão entre retornar para seu país e deixar sua filha sem referência de pai, ou permanecer em Jericoacoara e ela ficar sem a referência de família materna. Para Suzy, era uma decisão muito cruel, e em nenhum momento ela relatou que o parceiro se propôs a viver em Barcelona. Ela relatou que, em sua trajetória, suas decisões foram bastante solitárias. É válido considerar que Suzy transformou suas concepções sobre viver aventuras, pois, para ela, agora teria de viver a maternidade de forma intensa, decidindo, nesse contexto de vida em trânsito, se fixar em Jericoacoara. Essa decisão foi bastante dolorosa, pois precisou ir a seu país resolver algumas coisas e se despedir. A despedida foi contada, com ênfase no sofrimento que lhe causou. No trecho a seguir, ela relatou esse momento:

Daí voltei pra Espanha, quatro meses depois, voltei, mas só para arrumar as coisas e voltar pra cá, né. Daí... a saída de lá foi... dos momentos mais tristes da minha vida [risos], mais tristes da minha vida; eu chorava... porque você sabe quando o seu coração te diz e você sabe que quer ficar lá, mas tudo o outro, a responsabilidade era demais, a ilusão da gente criar uma família né,

e estava em Jericoacoara que é um lugar super lindo né, que estava me abrindo portas para... é, muito positivas né, e... mas eu estava lá, abraçando minha mãe: mas eu não quero ir... nossa, eu chorei, chorei, chorei... (Entrevista realizada em outubro de 2023).

Percebe-se, pelas formas como essas duas mulheres vão enfrentando as adversidades quanto a viver no exterior, que nas duas situações apresentadas, temos o espaço como construção, em condição de estar fora de seu país. Suzy, após o nascimento de suas crianças, decide por viver no Brasil para que ela possa constituir uma família com o parceiro local.

Ainda no entendimento de ampliar as possibilidades das dimensões do afeto, sexo e turismo, podemos compreender, a partir de Octávio Sacramento (2016), no estudo sobre a transnacionalização da intimidade. Para ele, o conceito de “transnacionalização da intimidade” parte do princípio de lugares como ponto de encontros e conexões de distintas nacionalidades, onde essa interação entre pares possibilita uma multiplicidade de relacionamentos, extrapolando as fronteiras e espaços geográficos. O autor realizou sua pesquisa na praia de Ponta Negra, na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. Nessa abordagem, o autor criticou a visão dominante sobre os espaços turísticos que eram conhecidos no Brasil como locais de turismo sexual (Ponta Negra está entre esses locais). Para ele, esse senso comum, dado ao turismo sexual, polariza as relações afetivo-sexuais a meramente comerciais, ou seja: o homem turista com dinheiro e a mulher local pobre que vê no serviço sexual a sua chance. Nesse estudo, o autor reflete também sobre as possibilidades de conexões existentes nos destinos turísticos, quando há a procura de sexo casual, e as relações afetivo- sexuais que tomam formas distintas como namoro, matrimônio ou união estável.

Assim, Octávio Sacramento (2016, p. 258) propõe pensar as “incoerências e insuficiências conceituais e a difícil operacionalização da noção de turismo sexual como ferramenta analítica”. Para isso, desconstrói a imagem do turismo como espaço somente para realização de prazer e desejos, voltando-se também para o sentido da experiência exótica e distante da vida secular.

Em continuidade, o autor parafraseia o sociólogo Eric Cohen, ao explicar sobre a prática, comum entre soldados americanos e mulheres tailandesas, que mantinham relacionamentos provisórios, contudo, com trânsitos frequentes e a longo prazo, tornavam-se fixos por temporadas; também soldados americanos no nordeste

brasileiro, desenvolvendo o mesmo formato de relacionamentos. Ele afirma que começam por um caso esporádico, caracterizado como sexo comercial ou prostituição, e que movimentou migrações ocasionadas por esses encontros e relações afetivo-sexuais, contribuindo para afetividades em movimento. Além disso, para ele foram essas redes de relacionamentos e histórias de romances, em contexto de viagens, que fomentaram o imaginário da relação afetivo-sexual longe das fronteiras de origem. O autor relatou que, na América latina, em regiões de praias, a idealização da liberdade relacionada ao turismo de quatro S's – “sun, sand, sea and sex” (Sacramento, 2016, p. 261), fomentou a busca por destinos que proporcionassem esses atrativos.

Assim, podemos perceber que, nas situações que proporcionaram mudanças nas vidas de Suzy e de Julieta, as duas enfrentaram os dilemas das relações afetivo-sexuais mediante a relação com os lugares onde viveram as maternidades, os laços familiares, as relações de trabalho e de construção pessoal de suas vidas. Ou seja, os relacionamentos afetivo-sexuais, em contexto de transnacionalidade, tomam proporções emocionais consideráveis na relação com o viver entre lugares, ou estar em possibilidade de migrar de um país para o outro, pois as situações relatadas pelas interlocutoras mostraram a indecisão diante das mudanças que aconteciam.

Valentim também relatou situações nas quais os relacionamentos vivenciados aconteceram quando ele residiu um período na Espanha:

Sobre esse assunto né dos benefícios, eu tive uma mentalidade muitos anos atrás... Um sonho de: “Ah! um dia encontrar um europeu rico, maravilhoso que vai cuidar de mim, num sei o que. Vai me dar uma nacionalidade... Mas eu me desiludi bem rápido. E me permiti me iludir, porque me aconteceu. Na prática né? Porque por exemplo, quando eu fui pra Espanha... É... Eu falei “não. Eu... Já que eu vou ter que ficar aqui na Espanha vou abrir meu próprio negócio.” Virei empresário, fui bem-sucedido, ganhei muito dinheiro. Até que eu conheci o (?), que era espanhol. O (?) já tinha viajado mais de cinquenta países, falava não sei quantos idiomas, era milionário, tinha o próprio avião. Sabe? Era um dos maiores... Muco... É... Cirurgião muco-facial da Europa. O cara era foda. Me encantei. E me permiti me encantar por ele, né? Também a gente... Viagens caras, a gente só ia em restaurante caro né? Ele me fazendo promessas. Sem eu pedir. Sem eu correr atrás. Ele: “Não. Vamo fazer isso...” A gente tava se preparando pruma viagem pro Japão... Ele sumiu. Sumiu. Me bloqueou no whatsapp, sumiu. Daí ele... Ele me bloqueou no Facebook. Ele quase não usava Instagram, mas dois meses depois eu vi uma foto dele num resort, que a gente se hospedava sempre. Alguém tava tirando uma foto. Dele numa sacada. Daí eu: “Pronto. Ele me trocou por um modelo mais bonitão, mais novo e tal... Certeza. Cara rico, milionário e tal... Então assim... Eu falei: “Poxa! Como que eu permiti novamente me iludir por conta dessas coisas?” Então é por isso que hoje em dia eu já não me iludo

por homens. Por pessoas ou por promessas. Sabe? Eu não me iludo. Mais. E é por isso que eu valorizo acho que tanto a minha vida de solteiro. Eu me valorizo. Sabe? Primeiro lugar hoje em dia, né? (Entrevista realizada em outubro de 2023).

A situação que Valentim relata aborda como as mudanças, tanto na percepção do afeto que ele estava recebendo, quanto o sentimento de decepção que ele sentiu diante término do relacionamento, foram fatores consideráveis para que ele repensasse suas intenções afetivas, durante o tempo em que viveu no exterior. Assim, a visão de Valentim sobre relacionamentos com pessoas de outras nacionalidades é algo que ele descarta. Também afirmou perceber que as(os) brasileiras(os) permitem ser explorados pelas(os) estrangeiras(os). No trecho a seguir, ele esclareceu sua visão sobre esse assunto:

As pessoas olham o europeu que abre a boca e fala coisas bonitas, já... “Ahh!” (suspiro). Primeiro as pessoas já endeusam um europeu. Um americano. “Aí porque é lá de fora.” “É euro.” “É dólar.” Já fala assim. Então já... A pessoa já vai... É... Aberta. A pessoa já vai suscetível a ser explorada. A pessoa se permite. Né? E é por isso que acontece de muita mulher aqui, muito homem abaixar a cabeça, e muito europeu falar: “Não! Você vai vim, você vai... Vai abrir mão da sua vida aqui e você vai vier a minha vida lá fora (Entrevista realizada em outubro de 2023).

A partir do exposto, é necessário refletir sobre a viagem turística e o encontro com as diferenças. Para o pesquisador Malcon Crick (1989), a viagem turística, para o visitante a um lugar turístico, parte do entendimento de que todas as coisas e pessoas daquele espaço são para serem usufruídas, como também a construção dos espaços turísticos e as pessoas que estão inseridas nesses espaços também interagem no sentido de satisfazer os desejos da(o) visitante. O autor afirma que:

O mundo do turista é construído de muitas inversões - do trabalho ao lazer, da moralidade normal à promiscuidade, gastos ostentosos em vez de poupança, liberdade em vez de estrutura e indulgência em vez de responsabilidade. Para alguns [...], viajar é uma fuga dos laços sociais reais e da comunidade; é estar sem compromisso, estar em qualquer lugar e não em algum lugar (Crick, 1989, p. 332, tradução livre).

Pensando nas mudanças e sua relação com a temporalidade, em Jericoacoara, estabelecerei a comparação entre algumas percepções narradas pelas/os interlocutoras(es).

Valentim, ao refletir sobre seu cotidiano em Jericoacoara, informou se tratar de um lugar agradável, principalmente pelas pessoas que visitam e por pessoas que residem e são de outros países e estados. Para ele, Jericoacoara é um lugar cosmopolita porque pessoas do mundo inteiro passam pela localidade. Portanto, podemos observar como as interações sociais, para Valentim, são agradáveis também para seus relacionamentos sexuais provisórios. Ele afirmou:

Então assim, quando eu cheguei, eu cheguei só pra passar um mês mesmo. Curtir um pouco, praia, mas... eu fui pego de surpresa na hora que eu me vi conectado com a vila, porque era um lugar isolado. E eu percebi que era justamente o que eu precisava. Eu precisava de um tempo pra mim. Eu precisava de silêncio, eu precisava... de um tempo sem ter que me preocupar com o mundo lá fora né? Então pra mim Jericoacoara foi... de certa forma... é... Uma fuga desse mundo. Né? É... de tudo, de família também. de... é... Certas situações. E também foi um período pra mim descansar né? A gente veio de uma pandemia. Pandemia foi muito difícil. Tive covid duas vezes durante a pandemia. Fui parar no hospital e tudo. Então eu falei: "Poxa! Eu mereço. Eu mereço ter esse tempo assim pra não fazer muita coisa. Descansar, trabalhar o menos possível. Só relaxar, ficar na praia, me conectar com pessoas. O gostoso de Jeri é isso né? Porque você tem o mundo inteiro dentro de Jeri mas de uma forma muito leve né? Porque... As pessoas vêm pra Jeri mas são pessoas que têm uma vibe similar, são pessoas que têm, tão vindo pra descansar ou pra curtir né? Só que assim, uma leveza no sentido de segurança, de tá igual... Eu vejo que as pessoas que vem pra Jeri são pessoas mais desconstruídas né? É... São pessoas que têm uma mentalidade mais aberta. Então isso realmente me encantou (Entrevista realizada em outubro de 2023).

Entretanto, enquanto Valentim vê a localidade como um lugar de conexão, de pessoas agradáveis, para Leo e Esther, em suas trajetórias cotidianas, as percepções são distintas. Leo, por sua vez, cresceu em Jericoacoara, e para ele a vila é repetitiva na rotina; desde sua adolescência, teve vários empregos nos serviços turísticos e a percepção de tempo na localidade para Leo é sobre repetição, pois, para ele, as atividades consideradas atrativas para os turistas não causam nele nenhuma satisfação.

Por fim, Esther vê Jericoacoara como um lugar violento; para ela, no passado, a localidade era tranquila, contudo, em sua rotina atual, ela convive com o medo da violência, pois considera sua localidade, Nova Jeri, uma favela. Assim, temos três percepções distintas do mesmo espaço geográfico e podemos inferir que essas

diferenças estão relacionadas às interações que essas pessoas foram estabelecendo, ao longo do tempo, na localidade.

Para compreender como as relações entre as pessoas e os lugares turísticos moldam também os afetos e sentimentos nos relacionamentos afetivo-sexuais, penso, em diálogo com Marc Augé (2012), sobre o sentido de espaço construído por seus transeuntes, pois são as pessoas que dão significados ao espaço turístico. Para ele:

Cuanto más fuerte es la densidad humana, más intensa es la simbolización del espacio, aunque todo espacio está simbolizado hasta el punto de llegar al espacio de los otros, los extranjeros limítrofes, con los cuales tienen lugar procedimientos de intercambio o conflicto (Augé, 2012, p. 226).

Ou seja, é a partir dos encontros, em espaços construídos simbolicamente para facilitar as sensações de prazer, satisfação e desejos, onde tudo é permitido. Além de ser possível romper com uma vida, antes ritualizada por práticas seculares, e vivenciar situações imprevisíveis, é possível entender, também a partir do entendimento de Marc Augé, qual o efeito do encontro com a pessoa diferente, em suas práticas de vida do local visitado pela(o) turista estrangeira(o). Assim, ele afirma que “toda identidad se define con relación a una alteridad, que el yo y el otro están estrechamente relacionados, asociados en el tiempo y en el espacio” (Augé, 2012, p. 226).

Muitos dilemas são sentidos por essas pessoas, e dentre os mais marcantes, estão as formas de ver e interagir nos espaços de Jericoacoara. Leo, Valentim e Esther estão em momentos diferentes, e suas trajetórias permitem a leitura do lugar a partir de suas vivências, assim expressas nas emoções e sentimentos diversos.

4.2 Desencontros, emoções e sentimentos

Este tópico aborda como as pessoas locais e estrangeiras, com quem realizei entrevistas, construíram seus relatos sobre os seus relacionamentos nas interações sociais em fases conflituosas, também como essas fases geraram estratégias de superação desses momentos. Quando eu realizei as entrevistas, a técnica de escuta das pessoas foi ouvi-las sem interromper, assim, as perguntas foram

abertas e, quando, em algum momento, a pessoa me perguntava se necessitava resumir a sua fala, eu respondia que não era preciso e que ela poderia contar sobre o que ela sentisse vontade de falar sobre seu relacionamento.

Esther enfatizou, em alguns momentos da entrevista, os sentimentos de rejeição por parte das pessoas locais, por ela ser uma estrangeira sem muitos recursos financeiros. Ela expressou, em alguns momentos, o desejo de regressar à Itália. Esse desejo que, ao longo dos 13 anos vividos em Jericoacoara, foi crescendo e, no dia em que conversamos, ela relembrou situações vividas em sua rotina na vila de Jericoacoara, e essas situações foram fortalecendo a vontade de regressar ao seu país, a Itália. Passo a relatar como Esther, em nossa conversa, construiu a percepção de si e os sentimentos e emoções que vivenciou em suas diferentes fases de vida: primeiro, a decisão de deixar seu país para conhecer outros lugares; em seguida, as dificuldades nas atividades cotidianas e tarefas domésticas, dentro da situação familiar com o parceiro local, após o nascimento de seu filho; também a percepção de Esther nas relações de amizade, compadrio, vizinhança e trabalho, quando ela relatou sobre sua vivência, durante o tempo que reside no Brasil; por fim, como ela chegou ao desejo de regresso ao seu país de origem, além da possibilidade de viajar para quaisquer países da Europa, como objetivo futuro.

A decisão de viajar para o Brasil foi tomada pela vontade de viver as diferenças, e ela relembrou o cansaço da monotonia e o desejo de mudanças:

Tava num momento meu de definir a minha vida porque eu trabalhava muito, não que hoje eu não trabalhe, mas naquela época eu trabalhava muito mais né, eu pensava: pô, a vida não pode ser só isso né, não pode ser só muito trabalho, muito trabalho, precisa ter uma coisa a mais, já estou com mais de quarenta né, preciso ver se tem uma coisa a mais. Eu achava muito bonito essa coisa de ficar fora do resto do mundo [Jericoacoara], né, aquela época era mais ainda que hoje né, aí... fala; eu falei pra minha irmã: eu preciso! Eu preciso do mundo! eu preciso ver o que posso fazer, né. Em tudo isso entrou o (?) né, só que no começo eu não queria me casar, não era essa a minha intenção, eu queria absorver a minha vida sozinha né, sempre fui uma pessoa independente, só que depois, não sei, eu falei, tá tudo bem, ele muito insistente, eu falei: tá bom, vamos casar. Eu falei: mãe eu vou casar, não sei... é... dá certo; se não der certo, tudo bem, tentei né! (Entrevista realizada em outubro de 2023).

Esther relatou sentir a necessidade de viver uma vida de novas experiências, já que estava próximo de completar 40 anos de idade e buscava viver coisas diferentes da vida que mantinha, até então. Sobre Jericoacoara, ela relembrou que o lugar parecia ideal para viver com diversas pessoas, de diferentes costumes e

origens. Assim, ela chegou ao Brasil em companhia de uma amiga, também de origem italiana, e elas começaram a empreitada do trabalho e, paralelamente a isso, as diversões. Após um tempo trabalhando e vivendo em Fortaleza, ela e a amiga foram para Jericoacoara, a fim de começar uma pousada onde as duas seriam as gestoras do negócio.

O posterior relacionamento com o parceiro local gerou vários desdobramentos emocionais para Esther. A amiga italiana rompeu a amizade e parceria com ela. Isso ocorreu devido ao fato de o relacionamento com o parceiro local ter desagradado a amiga de Esther e, assim, ela retornou para a Itália. Num primeiro momento, a viagem da amiga, de regresso à Itália, era para resolver uma questão familiar pontual, contudo, após chegar ao país de origem, a amiga avisou, por telefone, que não retornaria para Jericoacoara. Em decorrência disso, Esther devolveu o imóvel alugado para o funcionamento do restaurante que elas mantinham em sociedade. Essa situação foi descrita com ênfase no sentimento de decepção e abandono que Esther sentiu. Para ela, a amiga decidiu partir por não estar concordando com seu relacionamento:

Ela depois de oito meses voltou para a Itália porque nasceu uma sobrinha dela né, e depois de vinte dias que tava lá ela ligou [dizendo] que não voltava mais! É... deixou eu, o meu marido na mão, né, é... também um pouco diferente porque não tinha pessoas em maio, junho; se já agora é assim, imagina! É... eu entreguei a pousada também, não era uma coisa que eu queria, pode ser que ia bem, não sei, mas naquele momento eu me senti muito decepcionada né, eu tive muitas discussões, eu e ela, e quando a gente voltou a se ver; ela voltou para cá de férias, é... parecia tudo bem, mas depois ela queria um dinheiro de volta; é, começou nossas brigas né, aí última vez que a gente conversou por e-mail foi em 2013 quando nasceu meu filho porque ela né, nem me falou parabéns, nada e ponto. Eu falei: oh, cada uma mantém sua vida, você pensa que eu fiz tudo por interesse, me casei por isso né. Eu falei: não, eu tava pronta para voltar, eventualmente voltar depois, eu já tinha tudo programado assim né, mas tudo bem. Ela acha que ficou... [pausa] ficou mal porque eu fiquei com o Júnior né, casei, ela não ficou feliz, porque ela morava com a gente. A ver, ela morava com a gente, a gente nunca deixou ela de lado, por fora né, mas... não sei, na cabeça dela não sei o que aconteceu (Entrevista realizada em outubro de 2013).

Para Esther, o relacionamento com o parceiro que, naquele momento, era um turista brasileiro também visitando Jericoacoara, foi algo que ela não planejou para sua mudança de rotina. O parceiro sugeriu a ela uma vida diferente, tanto ele quanto ela começariam uma vida em Jericoacoara. A divergência com a amiga foi algo que a decepcionou, ela relatou abandono por parte da amiga e essas lembranças podem demonstrar como os relacionamentos têm desdobramentos diversos e emocionais

que as pessoas envolvidas vivenciam, e pode-se compreender que as escolhas afetivas ultrapassam as relações de interesse econômico, pois para Esther, mesmo perdendo a parceria de seu estabelecimento e a amizade, ela declarou ser uma pessoa de conduta realista e escolheu permanecer em Jericoacoara para iniciar uma nova convivência com o então turista brasileiro.

Retomando a percepção de si, que Esther relatou, em sua declarada conduta realista, na relação afetivo-sexual com seu companheiro local, para ela, essa atitude foi bastante distinta do companheiro. Ela relatou que o parceiro tinha sonhos e desejos que, na visão dela, eram ilusórios, contudo, ela acreditava que não era assim que as coisas aconteceriam na vida deles, e o fato de o parceiro ter ideias diferentes era para ela um atrativo:

Uma pessoa sempre com um sorriso, muito feliz que não importava dinheiro e coisa, ele queria só ter uma vida bem tranquila né, longe da realidade de São Paulo, é... mas também as coisas muda né, por um tempo... foi assim [...] eu sou uma pessoa; ele fala que eu sou uma pessoa pessimista, mas não é que eu sou, eu sou muito realista, meus pés precisa ficar no chão; ele não, ele pensa: ah, poderia ser assim, assim, assim, e quando ele falava: ah o dinheiro, eu quero... não ficar dentro do sistema, o dinheiro não tem importância; eu falei: vocês se encontram dentro do sistema, porque você pensa em ter um filho; a gente precisa né, viver, a gente precisa de médico, a gente precisa de um dentista, você se tornou como todo mundo; quando eu falava, ele falava que não, a vida era diferente né, que poderia ser diferente; [ele fala] ah vamos plantar as coisas e a gente vai comer aquilo que você planta, né; uma ideia muito surreal né, fantástica! Mas incompatível com a realidade né, eu acho que foi isso, a simplicidade dele, essa coisa; a gente falava muito, muito; a gente passava horas falando, também com pouca compreensão né, mas a gente passava muito tempo falando, muito. É... eu acho que foi mais isso, mais isso. E também sempre muito companheiro porque eu tava sozinha, mas ele também tava sozinho (Entrevista realizada em outubro de 2023).

Os relatos de Esther, sobre sua visão de mundo que ela considera realista, enquanto seu parceiro seria idealista, são interessantes para pensar em diálogo com Catherine Lutz e Geoffrey M. White (1986), que abordam as emoções como historicamente associadas às formas de agir do gênero feminino, em contrapartida à racionalidade tomada como essência nas ações do gênero masculino. Contudo, os autores criticam essa visão dualista e afirmam que a emoção é um constructo social e cultural, podendo ser compreendida de diferentes maneiras em suas diversidades, nos grupos sociais. A ação de delegar ao gênero feminino as emoções é, primeiramente, uma ação cultural e social pautada nos papéis estruturais do gênero.

Entendo que as ações de Esther, e suas expressões diante das mudanças a partir da vivência no ambiente turístico, proporcionou a ela elementos para entender a discussão das agências do feminino e do masculino, no âmbito das expressões de sentimentos e emoções. Para esta reflexão, estou partindo da perspectiva histórico-social de gênero apresentada por Joan Scott (1995, p. 86), que afirma “uma conexão integral entre duas proposições: primeiro, o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, segundo o gênero, é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995). Ou seja, nas condutas expressas no relacionamento de Esther, pode-se inferir que as relações de poder entre ela e o companheiro são relacionadas ao espaço, Jericoacoara, na medida em que, estar vivendo num contexto geográfico, de distância de seus vínculos e meio social anterior, permite que as agências sejam fluidas.

Observamos, ainda, que, dentre as mudanças significativas, o advento da gravidez e as mudanças decorrentes do nascimento de seu filho foram momentos conflituosos. Ela relatou que engravidou de seu primeiro filho um ano após o início da relação afetiva com o parceiro brasileiro. A gestação foi acompanhada pela rede de ajuda de amigas(os) italianas(os) que viviam em Fortaleza. Devido às dificuldades estruturais de Jericoacoara, Esther optou por viajar todo mês para a cidade de Fortaleza, a fim de realizar ali o seu acompanhamento gestacional. O seu parto também foi programado e ela fez esse plano pensando nas possibilidades de acesso a um hospital que pudesse dar suporte ao parto, que eram precárias na vila. Ela já experienciara uma série de abortos e, portanto, tinha uma gravidez duplamente de risco: pela idade e pelo histórico de abortos.

O nascimento do filho foi, para Esther, segundo ela narra, uma fase difícil e de solidão. A falta de uma rede familiar para auxiliar nas tarefas diárias com a criança, e as questões de trabalho para a manutenção das necessidades básicas de sua família, foi bastante sofrido para ela. Sobre sua família e a do companheiro paulista, ela relatou que seus parentes eram idosos e não tinham condições de viajar para o Brasil para visitá-la. Já os parentes de seu parceiro, eram de São Paulo, ela foi algumas vezes para a localidade da família do cônjuge e sentiu-se acolhida por eles, apesar da vergonha relatada por ser apenas um ano mais nova que a mãe de seu parceiro.

No relato de Esther, a questão da idade é algo que a incomodou em muitos momentos da sua trajetória. Em Jericoacoara, ela relatou que as pessoas a olham

com um olhar de julgamento, pois ela aparenta ser mais velha. Ela sente esses julgamentos cotidianos tanto em relação ao companheiro, quanto em relação ao seu filho e, atualmente, enfatizou o desejo de regressar à localidade somente como turista. Podemos perceber esses incômodos no trecho a seguir:

Eu gostaria de voltar aqui como turista, outra vez Jeri, ver a região com outro olhar... [pausa], eu fui muito julgada aqui, muito! [Eu pergunto- Julgada? Porque?] Pela idade, porque tive um filho com essa idade, poderia ser avó né, essa... essa cabeça muito fechada dos... muito fechada. Essa discriminação contra os estrangeiros, muito grande; porque falam: pô mas você trabalha como todo mundo, você não tem a vontade de conhecer um pouco como é a vida lá fora? tem um mundo fora daqui tem um mundo; não, interesse nenhum. Isso também me deixa muito mal né, essa coisa de ter muito esse machismo muito forte, muito grande. Eu praticamente moro do lado dos nativos né, vejo sempre, aí que vejo muitas coisas né, aprendi muitas coisas (Entrevista realizada em outubro de 2023).

O sentimento de rejeição e decepção são, a todo momento, expressos pela interlocutora em relação ao seu cotidiano na vila de Jericoacoara. Em relação ao machismo que ela relata, trata-se das interações com os homens locais na vila, em diversos momentos. Ela conseguiu trabalho inicialmente como massagista e, posteriormente, como professora de Pilates e Yoga; o companheiro é eletricista e seus trabalhos são pontuais; ambos exercem essas atividades em Jericoacoara. Em seu trabalho com massagens, ela viveu situações em que turistas somente aceitavam realizar a massagem com a presença da(o) namorada(o) junto, dentro do local de massagem. Esther se admirou ao ver essas condutas na localidade. Outra expressão machista, segundo o entendimento dela, pode ser identificada pela proibição das mulheres locais de que os parceiros delas cumprimentassem Esther ou falassem com ela em situações de rotina, como, por exemplo, ao passarem por ela numa rua.

É necessário observar, também, como Esther sente a rejeição por ser estrangeira em Jericoacoara. Essa rejeição deve-se, segundo ela, ao fato de ela não ter recursos financeiros para além de sua sobrevivência básica. O fato é que, por ser uma mulher italiana, ela é considerada por outras pessoas locais e por trabalhadoras(es) como alguém que possui bens e riquezas, e não demonstra. Para ela, essa forma de tratamento é muito degradante para seu cotidiano, pois ela está sempre lidando com situações de extorsão, ou alguma pessoa local que exige dela valores como se fosse turista estrangeira. Esse é um dos fatores que motivam Esther a pensar em regressar a seu país.

Dos conflitos vividos por Esther, o preconceito racial também é algo com o que ela aprendeu a lidar. O parceiro é negro e ela o considera pardo, em suas palavras, “que ficou preto do sol”. Ela lida com expressões e atitudes preconceituosas em relação ao companheiro e também ao seu filho. Assim, os marcadores sociais da diferença (Hirano, 2019) são acionados em diferentes momentos no cotidiano de Esther. Ela, por ser uma mulher estrangeira, de origem italiana, quando estava na condição de turista na vila de Jericoacoara, estava simbolicamente amparada por essa condição; contudo, ao mudar sua classificação social, ao tornar-se moradora estrangeira com recursos financeiros mais restritos numa relação com um homem local negro, ela passou a lidar com códigos e condutas que, a todo instante, incomodam e trazem o sentimento de rejeição frente a essa realidade.

No intuito de realizar uma comparação entre situações, passarei a apresentar alguns acontecimentos conflituosos presentes nos relatos de Eva, uma mulher negra, residente em Jericoacoara e que está num relacionamento com um parceiro italiano. Compreender cronologicamente os acontecimentos relacionados à vida afetiva de Eva é de extrema importância. Ela relatou ter vivido três relacionamentos desde a adolescência, até o momento atual, respectivamente: relacionou-se com um homem da localidade na qual morava, um homem originário da cidade de Jijoca de Jericoacoara, e esteve por 10 anos nesse relacionamento, a partir do qual gerou dois filhos; o segundo relacionamento, com um homem italiano, durou 3 anos; e, por fim, o relacionamento com o atual parceiro italiano, com quem mantém união estável há 8 anos.

Eva, ao longo de sua fala, traz importantes informações sobre sua trajetória afetiva. Como o momento em que ela narrou a relação com o ex-parceiro local. Ela não havia concluído o ensino médio, pois engravidou quando ainda estudava. Assim, o trabalho com artesanato, o nascimento do filho e os conflitos com o primeiro relacionamento foram situações que geraram nela uma percepção de sofrimento, frente à vida que levava. O pai de seus filhos, frutos do primeiro relacionamento, foi preso devido ao envolvimento com drogas, e ela relatou que, nesse momento, tomou a decisão do término e de também buscar emprego em serviços turísticos para garantir o sustento familiar.

Outros acontecimentos informados por Eva dizem respeito ao relacionamento com o turista italiano, o anterior ao relacionamento atual. Quando se conheceram, Eva tinha 24 anos e o homem italiano 58 anos. Ele era policial em sua

cidade de origem, Trento, na Itália. Foi a partir desse relacionamento que ela relatou ter “melhorado de vida”, se referindo à viagem que fez para a Itália, e ao tempo que residiu naquele país. Dentre as coisas que vivenciou, contou sobre vários aprendizados obtidos sobre o seu modo de agir, de se vestir, de comer e de falar:

Eu fui superbem tratada, eu fui recebida como uma rainha, como; eu tive tudo que eu queria; foi uma experiência de vida que eu tive...sabe!? Eu queria que todo mundo tivesse a oportunidade de passar por isso, mas não tiveram. Elas [mãe e irmãs] tinham aquela ideia de que eu tava sendo violentada ou me prostituía, acho que era...era isso que elas tinha né, porque elas viam na televisão então era isso que tinha na cabeça delas, já sabiam, algumas pessoas já comentavam. E de fato aconteceu com algumas pessoas, então elas achavam que aconteceu com tudo né, mas foi o que te falei, eu atraí sempre pessoas boas na minha vida [...] foi a primeira coisa que eu pedi pra ele foi me ajudar a me vestir. Porque eu tinha uma outra visão do meu vestir lá fora né, aí eu queria me vestir bem e me apresentar bem e ele falou: olha eu vou pagar uma pessoa pra te auxiliar e eu estudei; essa pessoa, ela ainda ficou comigo ainda seis meses, tu acredita, me educando né, da forma correta, como me visto, como me sento, como pegar os talheres, como comer, como sentar, como se expor, tudo isso eu tive essa oportunidade graças a Deus e hoje eu passo pro meus filho isso, mas... foi isso mesmo. Aí não deu certo, eu vim embora e quando eu vim embora pra cá, eu tinha um dinheirinho, abri um negocinho pra mim e aí conheci o meu marido de hoje e tô até hoje com ele (Entrevista realizada em julho de 2022).

Eva relembrou que a família de origem foi contrária à sua decisão de viajar sozinha para a Itália, porém, ela manteve sua decisão mesmo enfrentando os julgamentos de suas parentes. Para ela, os benefícios da relação afetiva permitiram a ela aprender a “ser mais educada” e a fazer todas as atividades corriqueiras do dia a dia da maneira considerada correta, pela convivência com o parceiro italiano. Foi também nessa fase de sua vida que seus dois filhos (hoje adultos) começaram a participar de campeonatos de esportes aquáticos, e chegaram a competir em outros países. Durante o tempo de vivência no exterior, Eva relatou que, mesmo nos momentos de solidão, ela buscou trabalhar com a venda de sua produção artesanal de crochê. Por fim, decidiu terminar o relacionamento e voltar para o Brasil, para a sua comunidade, localidade conhecida por Chapadinha, próxima à vila de Jericoacoara. O término, segundo ela, foi motivado pela diferença de idade, pois para ela, essa diferença atrapalhava a relação.

As duas vivências no exterior, tanto de Eva quanto de Esther, são relacionadas às interpretações que elas deram aos acontecimentos em suas vidas. Essas interpretações passam pelas emoções/sentimentos despertados no momento da conversa comigo. Eva, de maneira estratégica, enfatiza sua escolha pela

experiência da viagem e suas boas impressões do período vivido no país estrangeiro, mesmo que essa escolha tenha gerado conflitos familiares. Em contraponto, Esther, uma estrangeira que veio ao Brasil no intuito de viver outras possibilidades, iniciou um relacionamento e passou a viver experiências ruins em relação ao seu convívio com os locais, e às dificuldades com a sobrevivência no relacionamento.

Marcel Mauss (1979, p. 147) considera que os sentimentos “não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais, marcados por manifestações não espontâneas e da mais perfeita obrigação”. Ou seja, as situações vivenciadas pelas duas interlocutoras, Eva e Esther, são expressas por elas a partir da associação dos acontecimentos ao contexto social no qual elas estão inseridas, situações de mobilidades, assim como as expressões de suas angústias, alegrias, sentimento de rejeição ou de acolhimento são consequências do fenômeno social “estar fora” de seu lugar de origem, e esse “estar fora” é motivado pelo vínculo afetivo-sexual.

Em continuidade com a apresentação das situações conflituosas, Suzy narrou o término de seu relacionamento com o parceiro local. Para explicar sua trajetória, ela contou que, antes de chegar à Jericoacoara, passou por muitos lugares, pois há alguns anos abandonou sua vida em Barcelona para viajar, no intuito de conhecer lugares diferentes.

Sobre sua vida em Barcelona, ela informou ser filha de pais imigrantes do sul da Espanha e que sua família é composta por cinco filhos: três irmãos e duas irmãs, sendo que uma das irmãs é sua gêmea. Nesse contexto de vida, ela era professora de dança tradicional da Catalunha, numa escola que ela disse ser equivalente a uma escola de danças folclóricas do país. Também, paralelamente a essa atividade, ela cursava uma faculdade de Serviço Social, pois gostava de trabalhos sociais.

Contudo, mesmo inserida em suas atividades seculares, ela passou a se organizar para realizar o desejo de viajar para outros países. Por esse motivo, relatou que teve um namoro com um homem de sua cidade, mas que não prosseguiu com a relação, pois a vontade dela era seguir viagem para “se conhecer melhor”, assim, optou por ser “mochileira” e saiu de Barcelona, na companhia de um homem francês, para viajar por vários países da América:

Daí a mesma faculdade me fez ver que eu estava precisando de me conhecer mais né, porque quem trabalha assim com pessoas tem que ter muito claro né, o que ter e da outra pessoa né, daí eu falei: ah eu vou viajar... aí me organizei tudo, deixei faculdade né, porque não tinha assim muita clareza do que queria fazer e deixei também de dançar e tudo e comecei a viajar, daí foi que eu acabei aqui.[eu pergunto: Você falou em um momento sobre você ser mochileira, você decidiu viajar assim? nessa condição?] Sim, eu decidi primeiro por uma questão econômica né, porque não tinha muito dinheiro né, se eu queria fazer uma viagem de muitos meses não poderia ser de luxo, eu não ia poder bancar, então tinha que ser de mochila, também para mim sempre foi mais interessante ir de mochila conhecer lugares onde eu podia conhecer mesmo como se vive em um lugar, né! As vezes o que trabalha, assim, em hotéis de luxo, aqui [Jericoacoara] que vejo né, gente, assim franceses que eu acho que eles não conhecem exatamente né, eles vem lá no hotel de luxo e comem comida de luxo, [risos] nem comem arroz e feijão sabe! comem sushi e não sei... né, e para mim sempre foi interessante conhecer a cultura local né, e para mim era algo que fazia sentido, chegar a um lugar e ter tudo igual que outro, né, é... não me interessava muito. Porque outras vezes, agora penso, nossa! eu moro em um lugar onde tem um tipo de acolhimento turístico que eu nunca curti né, é estranho porque né, eu talvez sei lá... iria para Mangue Seco [localidade próxima a vila de Jericoacoara] sabe, para eu entender, conhecer bem né, as pessoas de lá, como eles vivem, o que comem e conversar né! E daí de mochila eu achava que seria mais fácil né! (Entrevista realizada em outubro de 2023).

Quando ela chegou ao Brasil, como estava viajando pelos países da América, lembrou que chegou a Jericoacoara por meio de um pedido de carona a um caminhoneiro. Ela lembrou que, ao chegar na vila de Jericoacoara, buscou um espanhol amigo, dono de um restaurante, que logo concedeu a ela o emprego no estabelecimento. O parceiro francês passou pouco tempo na localidade, pois ele estava consumindo drogas em excesso e, assim, Suzy encerrou o relacionamento que estava levando com esse homem. No mesmo restaurante, quando estava trabalhando, conheceu o parceiro local (relatei anteriormente no tópico sobre os encontros). Ela lembrou que começou a desejar regressar à Espanha, contudo, engravidou da filha. Após esse momento, Suzy relatou que precisou reconstruir sua vida e sua percepção de lugar e pertencimento. Foi a partir da filha, e das novas vivências decorrentes da maternidade fora de seu lugar de origem, que ela foi buscando sentido e se acostumando com a saudade:

Daí a gente começou a conviver juntos, daí eu fiquei; ficamos um ano e meio oh... não sei, mais ou menos, um ano e meio morando juntos, aí eu fiquei na dúvida um pouco sobre o relacionamento, e... não sabia se queria voltar né, e... bom, falei: bom, vou lá, faço uma viagem, porque quando passa muito tempo sem ver a família, sente muita saudade né, daí as vezes você não sabe se é saudade... ou se você quer voltar realmente né, daí eu falei: não, pois eu vou viajar, viajo um pouco e daí depois eu vejo, só que três dias antes de eu viajar eu soube que estava grávida né, então falei: não, então com certeza a gestação eu vou passar lá né, porque aqui em Jeri não tinha UPA não tinha

nada né, aqui era; e era a primeira gestação né, daí eu morava em Barcelona que é um lugar né, que está cheio de... como Fortaleza, como um lugar grande né, uma cidade né, daí eu fiquei lá e tive a minha filha lá e... ele veio, não chegou no parto mas ele veio depois para conhecer ela, daí... quando ela tinha sete meses, daí a gente voltou, que era no mês de setembro, a gente veio aqui para passar; na verdade eu decidi de não ficar em Jeri. A maternidade... me... não sei, achei que seria melhor criar a minha filha num lugar onde eu conhecia tudo, é uma coisa muito louca né, como eu vou fazer com minha filha num lugar que eu não conheço sabe, quando eu... eu projeto uma infância, busco uma infância que eu tive entendeu, eu não estou na mesma rotina né, não sei, me deixou como...que ancorada lá, que queria estar com minha família, queria que ela convivesse com os primos né, mas quando eu cheguei aqui, eu também comecei; já havia estudado um pouco de massagem, me apareceu trabalho, me aproximei de novo ao pai da criança, a gente... né, e daí eu pensei: bom, porque não né, vamos ficar, vou tentar, porque também... não sei, tinha uma filha e o pai dela... né, estava aqui, eu queria tentar uma família, né!

Suzy falou sobre a gravidez como um momento conflituoso emocionalmente. Ela havia saído de viagem para viver outras possibilidades, para experimentar, contudo, se deparou com o dilema da decisão sobre onde deveria exercer sua maternidade. Esses dilemas emocionais são entendidos a partir do conceito de emoções, elaborado por Rosaldo (2019, p. 38), sentidos através do corpo:

Emoções são pensamentos de alguma forma "sentidos" em rubores, pulsos, "movimentos" de nossos fígados, mentes, corações, estômagos, pele. Eles são pensamentos incorporados, pensamentos filtrados pela apreensão de que "estou envolvido". O pensamento/afeto, portanto, evidencia a diferença entre a mera audição do choro de uma criança e a sensação de ouvir - como quando se percebe que o perigo está envolvido ou que a criança é sua.

Para Suzy, a maternidade mudaria tudo e ela agora precisaria definir como poderia ofertar a melhor infância para sua filha, decidindo por Jericoacoara e manter a filha próximo ao pai, o parceiro local. O segundo filho veio três anos depois, e foi nesse novo momento de gestação que as crises na relação com o parceiro local se intensificaram. Em seu relato, mencionou a solidão, pois o parceiro trabalhava durante a noite, e ela, durante o dia. Num primeiro momento, havia uma parceria nas tarefas domésticas, mas com a chegada do segundo filho, Suzy foi sentindo a sobrecarga das tarefas diárias, e também pesava a falta de um suporte familiar. Ela relatou que sua sogra, mãe de seu parceiro, residia na cidade de Cruz e não estava presente em suas dificuldades com as duas crianças pequenas.

A conduta do parceiro foi relatada por Suzy como uma conduta machista, pois, para ela, o homem brasileiro é infantilizado em muitos aspectos, tendo em vista que, em momentos básicos do dia a dia, que ela considerava serem necessidades de

crianças, o parceiro esperava que ela realizasse. Citou ainda uma situação na qual teve de arrumar a bolsa para viagem: ela se preocupava em arrumar a bolsa das suas crianças, mas, às vezes, tinha de lidar com o questionamento do cônjuge sobre o fato de ela não ter colocado as coisas dele na bolsa também. Para Suzy, isso ocorre devido ao machismo, por conta do qual o homem espera que a mulher o sirva de forma incondicional.

Essas questões da convivência cotidiana foram se acumulando e somadas aos episódios de sumiço do parceiro por dias, pois ele frequentava festas e passou a usar drogas com maior frequência. Suzy relatou que conhece os efeitos do uso de cocaína (o entorpecente utilizado pelo parceiro local), pois em suas experiências anteriores ao nascimento de seus dependentes, ela chegou a experimentá-la. Suzy relatou que os efeitos tendem para ações violentas e descontrole, e que a ressaca é uma ressaca psicológica.

Os constantes episódios nos quais o parceiro regressava sob efeito de entorpecentes fizeram com que Suzy decidisse encerrar a relação. Esse momento, na vida da interlocutora, é outro instante delicado afetivamente. A situação ápice para a decisão foi narrada em seu idioma natal (espanhol), devido ao constrangimento que lhe causava relembrar esse fato:

Hablo español, mejor que no va a entender [pessoas próximas a nós]. Bueno, pues esa noche llevo; él había trabajado, él en día de san juan, los vecinos habían hecho una hoguera en la calle y bueno yo estaba en casa con los niños y él llegó borracho, entonces agarró los niños porque él estaba como que perturbado, sabe no era solo borracho, era como no estaba bien sabes, no era él, no sé, allí agarró los niños e yo noté que estaba incomodando: ah vamos allí abajo, vamos a... e yo no quis bajar, porque ya sabía cómo él estaba, entonces no, preferí no bajar y me quedé con él bebe, con el niño más pequeño y el bajó con la niña, ahí bueno, se quedó allí y allí cuando subió, no, subió solo mi hija porque no se quería quedar con él, ai o papai está chato, una cosa asi, né, y... entonces subió, puso los niños a dormir y yo también me fui a dormir, después cuando llegó, allí nosotros ya no estábamos como juntos, ya había dicho que quería un tiempo, que necesitaba pensarlo, que podríamos continuar con la convivencia y todo pero que no, que no momento yo no quería y entonces... ele subió y en la cama me intentó, no, si intentó estar en la cama conmigo y yo le dice que no quería, dijo: ah eu vou te comer y me asustó mucho y los niños estaban dormidos en la cama de matrimonio y él se estiró en la cama y se intentó a masturbar, mirándome pero de lado de los niños, nunca le sé explicar ter habido tanta, tantos, sabes lo que me encontré tan desagradable, en todo yo dice: que haces! Intenté no gritar para que no despertar los niños y el: tú eres mi mujer y bueno yo le dice que no era de él, que no soy de nadie, y que no sé lo que estaba pasando que no parecía él y que me estaba dando miedo y que no; que para mí había acabado todo allí continuó insistiendo y estábamos en una conversación y bueno no pasó de allí, tampoco, pero bueno, me dejó incomodada, me dio mucho miedo, y... sentí como una agresión para sus hijos y eso en mismo

espacio en ellos estaban y me dejó muy triste, muy triste (Entrevista realizada em outubro de 2023).

O que aconteceu foi uma situação de violência doméstica, pois o homem, ao chegar na residência sob efeito de drogas, tentou forçar a relação sexual, e como Suzy se recusou, ele cometeu uma importunação sexual enquanto falava que ele era o macho da família e teria o que quisesse. A situação descrita causou mal-estar e traumas em Suzy, pois essa cena aconteceu num espaço da casa em que a cama onde sua filha e seu filho dormiam, estava posicionada ao lado.

Essa situação foi, para Suzy, o ápice da violência e falta de consideração ao seu ambiente familiar que, para ela, era algo construído a custo de saudade e isolamento de sua família materna. Após isso, decidiu encerrar o relacionamento afetivo-sexual com o pai de seus dependentes. Entretanto, o ex-parceiro passou a aparecer próximo a sua residência, ainda sob efeito de drogas e álcool, e em situação degradante, causando sofrimento a ela e aos seus filhos. Esses episódios trouxeram sofrimento psíquico a Suzy e ela buscou ajuda de diversas formas, pois com as duas crianças, ela não queria retornar para a Espanha de forma repentina e piorar a percepção que a filha e o filho tinham da família.

As primeiras ações, em busca de ajuda para a situação familiar que estava enfrentando, foi o que ela chamou de rede de mães solo. Por meio do trabalho de massagista, ela começou amizades com outras mulheres brasileiras que também sustentavam suas dependentes sozinhas. Assim, Suzy mudou-se para uma casa em Nova Jeri, onde suas amigas se revezavam no cuidado com as crianças para que todas pudessem trabalhar. Foi também por meio dessa rede de ajuda que ela procurou um fórum, da cidade de Jijoca, para formalizar as visitas do ex-parceiro ao seu filho e sua filha.

Muitas estratégias de aproximação do ex-parceiro, no cuidado das crianças, foram adotadas por Suzy, mas ela relatou que todas foram frustradas e que o sofrimento causado nos filhos a fazia sentir culpa. Ela buscou ajuda psicológica para lidar com as dores provenientes dessa situação familiar e, assim, conseguiu estar melhor com a vida de mãe solo. Por fim, ela disse ter sonhos de regressar para a Espanha, pois quer estar próxima ao seu pai e mãe, além de ter o desejo de suas crianças terem maior contato com sua família.

Um fato interessante citado por ela é que, antes de viver no Brasil, não tinha contato e amizades com brasileiras, contudo, após viver esses anos em Jericoacoara,

ela estabeleceu vínculos importantes com as brasileiras e também com outras pessoas estrangeiras que vivem na localidade, em situações semelhantes a dela. Lembrou que, durante o tempo em que necessitou viajar para ajudar o seu pai que estava doente, ela precisou cozinhar feijão e arroz para sua filha, pois a menina estava com dificuldades de comer comidas comuns à vida em Barcelona. Assim, quando estava alimentando sua filha com feijão e arroz, enquanto aguardava notícias de seu pai, uma enfermeira brasileira reconheceu os alimentos como característicos do Brasil. E, nesse momento, Suzy fez mais uma amizade, por meio desse reconhecimento.

A partir dos conflitos emocionais relatados por Suzy, entendi que o relacionamento afetivo-sexual entre ela e o ex-parceiro local foi desagradável para ela e frustrante, devido os problemas relacionados aos conflitos de interesses de ambos, pois ela buscava que, com a notícia da gravidez, pudesse constituir uma família e em sua percepção, com base em sua convivência familiar na Espanha, era totalmente divergente das condutas do ex-parceiro. Ela esperava que houvesse um retorno afetivo em relação aos dependentes, contudo, o ex-parceiro local distanciou-se das responsabilidades familiares com a filha e o filho, gerando sofrimento a Suzy.

Outra situação foi a vivenciada por Nil. O trecho a seguir faz parte do diário de campo que eu produzi, após a nossa conversa informal, realizada em outubro de 2023. Por esse motivo, não há trechos da fala dele na íntegra. Fiz o esforço de reunir o máximo de informações que pude anotar e, assim, manter o relato mais próximo que eu consegui da conversa que tivemos. É evidente que há lacunas e, devido às circunstâncias do momento da conversa, algumas informações ficaram fragmentadas, contudo, considere importante este relato para compor as possibilidades de relacionamentos afetivo-sexuais e seus desdobramentos emocionais.

A narrativa de Nil trata de situação semelhante sobre relacionamentos com filhos de dupla nacionalidade, neste caso, a filha de um brasileiro, nascida na Suíça. Sua decisão de voltar ao Brasil foi tomada de forma repentina. Nil planejou férias no Brasil e veio sozinho, sem a parceira e a filha. Ele disse ter se preparado financeiramente, guardando uma boa quantia para o retorno ao Brasil. Assim, em 2016, retornou para o país, vindo para Jericoacoara. Ao chegar, conta que comunicou à parceira que não pretendia voltar, disse que ela ficou chateada com o abandono e cortou relações com ele.

Quando aconteceu a separação dessa relação estável com a parceira estrangeira, Nil tentou um acordo; primeiro, para ele, o ideal era a filha vir todos os anos ao Brasil para que Nil pudesse estar com ela. Esse acordo foi rejeitado pela mãe e ex-companheira. Depois, passou a realizar videochamadas com a filha, mas com o tempo, ele desistiu dessa ação. As tentativas que ele pensava em relação ao contato eram negadas pela ex-companheira. Ele tentou conseguir passagem para viajar ao país, mas relatou que, em Jericoacoara, ele ficou sem recurso financeiro e, mesmo contactando a mulher estrangeira, não conseguia retorno. Assim, no momento da nossa conversa, lembrou que fazia 8 anos que ele não tinha contato com a filha. No entanto, relatou que gostaria de ter contato com a filha e que, às vezes, pensava em ir ao setor da Polícia Federal para ver tentar conseguir retomar o contato, mas ele acredita que não conseguiria trazê-la para o Brasil porque ela é registrada somente na Suíça. Essa era uma condição de registro civil no país da parceira, e, segundo ele, em acordo com as regras daquele país, a criança não tem o seu sobrenome.

Nil expôs que mantém uma rede de amigos que estão morando na Europa, lembrou que um de seus amigos reside na Itália e o outro numa localidade na Suíça, assim, tentou que o amigo que reside na Suíça procurasse sua filha para tentar contato direto, tendo em vista que a ex-companheira não estava enviando notícias e também havia bloqueado as redes sociais para que Nil não as acessasse. O amigo lhe retornou à informação de que a ex-companheira havia mudado de endereço e que não deixou nenhuma informação sobre seu endereço atual. Em relação a sua vida atual, em Jericoacoara, Nil mantém, no momento, dois empregos: durante o dia, ele trabalha numa pousada, na função de jardineiro; e durante a noite, como garçom numa loja de conveniência onde vende e prepara bebidas alcoólicas. O plano dele é comprar um quadriciclo para que ele consiga, em sociedade com seu primo, realizar passeios na vila, e, assim, conseguir uma terceira renda. Ele relatou que, ao realizar dez pacotes de passeios por mês, pode ganhar em torno de cinco mil reais mensais, além dos outros trabalhos. Esse interesse em ter mais uma fonte de renda é, segundo ele, para comprar imóveis nos arredores de Jericoacoara e conseguir voltar a ter uma condição financeira melhor ou igual à vida que ele vivenciou na Suíça.

É importante considerar que Nil condicionou a responsabilidade de pai somente se a filha e a ex-companheira decidissem morar no Brasil; não retornaria a Suíça em nenhuma hipótese, pois gosta da vida no Brasil. Entretanto, relatou que, ao rever as fotos com sua filha, sempre tem vontade de chorar, pois sente saudades de

estar com ela. Em relação à ex-companheira estrangeira, ele não esboçou nenhum arrependimento por ter decidido vir para o Brasil, mesmo sem a vontade da parceira. Ele resume a relação à frase “não deu certo”, e não entra em detalhes sobre os motivos do término. Em suas recordações, ele enfatiza apenas que a vida na Suíça era ruim e que ele sentia bastante falta de seu país.

Pelo exposto, pode-se compreender como as relações de poder influenciam nas atribuições e agências dos gêneros masculino e feminino, em relação ao vínculo familiar. Nil relata que, após retornar para Jericoacoara, motivado por seus interesses pessoais e devido ao fato de ter dificuldades em falar por videochamada, ele, então, desistiu de manter contato com a filha e, por consequência, de suas atribuições paternas.

Em situação contrária, Suzy narra a decepção de ter escolhido residir em Jericoacoara para que sua filha e seu filho tenham a presença paterna; e mesmo permanecendo na localidade, ela vivencia, no cotidiano, o abandono do ex-parceiro nas atribuições em relação aos cuidados com seus filhos. A ausência de vínculo paterno é culturalmente aceita por esses dois homens locais. Suzy constata a prática do abandono paterno, ao ouvir de sua rede de ajuda (as mães solo na localidade) que se trata de uma atitude comum entre homens brasileiros. Eu não tive como ouvir a ex-parceira de Nil para entender como ela lidou com o abandono. Também quero enfatizar que Suzy personifica a estrangeira que muda de país na tentativa de satisfazer o desejo de estar próximo do pai de seus filhos. Essas duas situações podem ser compreendidas, a partir das agências masculinas e femininas em suas distinções e papéis, em diálogo com Joan Scott (1995), quando afirma sobre os papéis de gênero poderem ser pensados historicamente, pelas divisões entre ações masculinas universais e ações femininas específicas. Assim, o cuidado com as(os) filhas(os) é indispensável e delegado à mulher, enquanto a presença masculina nas atribuições paternas é historicamente entendida como opcional.

Por fim, as relações de poder presentes nos discursos apresentados anteriormente, e também nas demais situações antes relatadas, nas quais as mulheres em sua quase totalidade estão envolvidas em relações de servidão aos desejos do parceiro, de dedicação exclusiva aos serviços domésticos e ao cuidado materno de filhos que surgiram ao longo da relação, ações que fazem parte do cotidiano nos relacionamentos dessas mulheres, tanto locais quanto estrangeiras, devem ser entendidas a partir da abordagem sobre as relações de gênero e de poder

nelas envolvidas, assim como na construção de significados dessas interações, também presentes nos relacionamentos afetivo-sexuais transnacionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou abordar os vínculos emocionais e os conflitos presentes nas relações afetivo-sexuais de pessoas locais e estrangeiras(os) que, em suas trajetórias e mobilidades, se encontram na localidade de Jericoacoara. Em conexão com esse espaço e outros lugares dentro e fora do Brasil, elas traçaram situações diversas vividas em seus relacionamentos e relatadas para mim, nos dias em que estive realizando a pesquisa de campo, durante dois anos.

Deve-se considerar que o meu percurso inicial nessa jornada acadêmica passou por muitas transformações ocorridas ao longo do meu processo como pesquisadora, assim como as relações que eu fui estabelecendo durante a pesquisa com as(os) interlocutoras(es). Quando eu submeti o projeto de pesquisa, a intenção era compreender em que medida aconteciam os mercados do sexo em suas diferentes abordagens: prostituição, serviços sexuais pagos ou também a relação entre nativas e estrangeiros para fins de benefícios econômicos e vantagens materiais como retribuição desses serviços. Esse interesse inicial era motivado pela extensa literatura de pesquisas sociais e antropológicas, tanto internacional como nacional (Lagunas, 2010; Crick, 1989; Lagunas, 2010; Medeiros, 2011; Gabrielli, 2012; Medeiros, 2011; Ribeiro, 2013; Rittner, 2014) que realizavam abordagens sobre relacionamentos afetivo-sexuais nas situações de visitantes e visitadas(os) em diferentes lugares turísticos no mundo e no litoral do Brasil.

Entretanto, durante a realização da pesquisa de campo, as estratégias e maneiras de alcançar esse universo dos serviços sexuais na vila de Jericoacoara foram seguindo outros rumos; nas conversas, nas observações em campo, assim como nas entrevistas, as pessoas em Jericoacoara mostravam que suas conexões com as demais eram repletas de emoções/sentimentos que permitiam a elas suas decisões, escolhas e também as mobilidades existentes nessas interações sociais.

As questões de gênero e sexualidades presentes nesta pesquisa estão intrínsecas à dimensão emocional das pessoas, pois a partir dos relatos, essas pessoas expressaram como sentiam os acontecimentos ao longo da trajetória de suas vidas e as relações afetivo-sexuais dentro e fora dos limites de Jericoacoara. São pessoas “multifacetadas e complexas” (Tedesco, 2014) em suas trajetórias, onde a mobilidade está presente. Acredito que a facilidade de acesso a encontros e possibilidades de relacionamentos afetivo-sexuais no âmbito virtual, além de

manutenção do relacionamento por meio do avanço das tecnologias de acessibilidade, mesmo que essa outra pessoa esteja a uma distância geográfica considerável, sejam fatores que facilitam tais relacionamentos, considerando o fato de que as pessoas sempre migraram para diversos lugares no mundo, e que as tecnologias atuais, facilitadoras da comunicação virtual, ampliem as possibilidades de aventurar-se a viver relações transnacionais.

Penso, também, que o contexto atual, onde conexões virtuais estão presentes, permite-nos ser pessoas complexas em romper com os tradicionais relacionamentos em ambientes físicos (por ambientes físicos quero dizer a rotina de espaço onde transitamos, seja os ambientes de trabalho, encontros com amigos de amigos em momentos de lazer, ou mesmo espaços familiares e educacionais) e aventurarmo-nos em relações afetivo-sexuais para além dos limites geográficos de origem. Dessa forma, essa pesquisa buscou compreender a transnacionalização da intimidade (Sacramento, 2016) com foco nas emoções e conflitos presentes nas narrativas das(os) interlocutoras(es).

Dentre os estudos antropológicos que abordaram a dimensão emocional nas pesquisas de relacionamentos afetivo-sexuais em contextos de migrações (Piscitelli, 2010, 2011, 2013), foram os sentidos atribuídos pelas pessoas aos seus relacionamentos que trouxeram outras possibilidades de entendimento, para além do caráter meramente econômico. Ou seja, era possível entender como as categorias raça, nacionalidade, classe, gênero, sexualidades e idade, em relações afetivo-sexuais, eram marcadores sociais da diferença que acionavam diferentes pesos e medidas nos envolvimento afetivos relatados nas pesquisas. Dessa maneira, eu trilhei minha compreensão dos dados de campo por essas literaturas de cunho antropológico que apresentavam tais possibilidades (Kempadoo, 2005; Pelúcio, 2005; Trindade, 2009; Tedesco, 2014; Sacramento, 2016; Tota; Lima; Vêras, 2018).

Contudo, o que presenciamos ao longo dos relatos foi que as emoções estavam a todo instante sendo narradas pelas interlocutoras(es), diante do processo de contar sobre os acontecimentos. Em alguns momentos, enquanto eu estava ouvindo as pessoas no momento de transcrição das entrevistas e também em diversos momentos quando eu estava com elas(eles), era comum, entre os fatos narrados sobre como se deu o encontro, como aconteceram as comunicações, como surgiram os convites de viagens, ou mesmo a decisão da viagem para outro país por

desejo próprio, eram espaços onde também havia reflexão sobre como essas pessoas se sentiram ao tomar aquelas decisões.

Nesse sentido, eu também me afetava (Fravet-Saada, 2005) em diversos momentos das entrevistas, refletia sobre minha parente que decidiu ir morar na Itália com um homem que conheceu na Avenida Beira Mar, em Fortaleza, enquanto trabalhava com artesanato, no final dos anos 1990. Em minha mente, comecei a pensar sobre essas lacunas que ficaram na minha vida pessoal, pois nunca havia perguntado à minha parente como ela se sentiu ao decidir por fazer essa viagem, ou mesmo como ela vivenciou as situações no tempo em que estava no exterior.

Assim, busquei aportes teórico-metodológicos para lidar com essas lacunas, ou seja, as emoções e sentimentos expressos por meio de pensamentos incorporados (Lutz; White, 1986; Rosaldo, 2019) nos relatos sobre as vivências de relacionamentos afetivo-sexuais. Nas primeiras entrevistas, eu ainda não havia despertado para esse sentido, e isto se deu nas últimas entrevistas que foram carregadas de aspectos que estavam nas entrelinhas do processo afetivo das(os) interlocutoras(es), nas distintas situações narradas: a solidão na maternidade; a tristeza nas amizades; a alegria de estar vivendo algo inédito; o sentimento de rejeição por estar deslocada de sua origem; a decepção frente aos termos de relacionamentos; a raiva por diversos tipos de abuso e preconceitos vividos; enfim, todas as situações que eu pude abordar, tendo em vista a limitação de tempo para essa produção da dissertação.

Por fim, quero retomar o diálogo metodológico sobre o campo, por meio da nossa subjetividade (Grossi, 1992), que está a todo momento em jogo nesse processo. Eu estava ali, em campo, enfrentando o processo de doença terminal de minha mãe. No final de 2022, ela faleceu e, assim, durante o ano de 2023, eu estive lidando com essa perda. Talvez essa dor emocional pessoal tenha permitido também, e, em certa medida, levado o meu olhar antropológico para dentro das interações no campo de pesquisa, afinal, a pesquisa realizada e a produção do texto passam pela carga simbólica e semiótica, e a pesquisadora é o canal para que a interpretação aconteça.

Posso inferir, nesse momento, que não é possível interpretar sentimentos/emoções a partir da individualidade; contudo, é possível compreender em que medida as emoções/sentimentos estão presentes nas relações afetivo-sexuais construídas nos espaços turísticos como uma tríade - relacionamento, espaço

e significados atribuídos -, entendendo que as interações sociais que ocorrem no ambiente turístico estão influenciadas por esse ambiente numa dimensão simbólica e processual (Mauss, 1974). As emoções expressas pelas(os) interlocutoras(es) mostram que Jericoacoara é o elo entre elas(es), suas afetividades e as experiências vividas, entre o encontro de diferenças culturais, e que também interferiram nas minhas maneiras de sentir.

A contribuição dessa pesquisa para os estudos de sexualidades vividas em ambientes turísticos acontece na medida em que o debate e as categorias relacionadas são ampliados em relação ao entendimento desse fenômeno social. Entendo que as narrativas presentes nessa dissertação mostram as estratégias de sobrevivência em meio a mudanças estruturais, culturais e sociais que as pessoas vivenciavam e, assim, a dimensão simbólica e emocional são acionadas nesse processo de reinventar-se. Eu também tive meu processo de reinventar-me como pesquisadora e acredito que, assim, contribui para o campo da antropologia das sexualidades e das emoções, afinal, essas categorias são inerentes à expressão humana.

REFERÊNCIAS

- AEROPORTO de Jericoacoara no Ceará é inaugurado com voo comercial vindo de Congonhas. **G1**. Fortaleza, 26 jun. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/ceara/noticia/aeroporto-de- jericoacoara-no-ceara-e-inaugurado-com-voos-comercial-vindo-de-congonhas.ghtml>. Acesso em: 24 maio 2024.
- ALVES, Ana Carolina. Jericoacoara passa a cobrar Taxa de Turismo Sustentável. **Correio Braziliense**. Brasília, 7 out. 2017. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/turismo/2017/10/07/interna_turismo_632475/jericoacoara-passa-a-cobrar-taxa-de-turismo-sustentavel.shtml. Acesso em: 6 abr. 2024.
- ANTONIOLI, Fernanda Leão Autilio. **Viagens no feminino: gênero, turismo e transnacionalidade**. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- AQUINO, Jania Perla Diógenes de. Turistas estrangeiros e mulheres locais: “mercado do sexo” e romance nas noites da Praia de Iracema em Fortaleza. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 208-234, 2015.
- ARAGÃO, Raimundo Freitas; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Elaboração da imagem turística do Ceará: entre publicidade turística e propaganda política. **Geosul**, Florianópolis, v. 21, n. 42, p. 45-62, 2006.
- ARAÚJO, Luana Moreira de; ESCOUTO, Thomas Augusto de Aragón; VIEIRA, Vinicius Boneli; FERREIRA, Hanuzia Pereira; PERINOTTO, André Riani Costa. Influência da roteirização em cenários turísticos brasileiros: Rota das Emoções-Parnaíba/Piauí (2005-2018). **Tourism and Hospitality International Journal**, Ramada, v. 15, n. 1, p. 40-58, set. 2020.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papyrus Editora, 2012.
- AUGÉ, Marc. **El tiempo em ruinas**. Barcelona: Gedisa S/A Editora, 2017.
- BISPO, Cláudia; GOMES, Jéssica. Turismo de Sol e Praia traz experiências 3D e foco em preservação ambiental. **Ministério do Turismo**. Brasília, 16 dez. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/turismo-de-sol-e-praia-traz-experiencias-3d-e-foco-em-preservacao-ambiental>. Acesso em: 27 jan. 2024.
- CAMPOS, Isabelle. Governo do Ceará e União assinam acordo de gestão compartilhada do Parque Nacional de Jericoacoara. **Governo do Estado do Ceará**. Fortaleza, 21 dez. 2023. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2023/12/21/governo- do-ceara-e-uniao-assinam-acordo-de-gestao-compartilhada-do-parque-nacional-de-gericoacoara/>. Acesso em: 15 maio 2024.

CLERC-RENAUD, Agnès. **L'ici-bas et l'au-delà dans un village du nord Ceará (Brésil):** ébauche d'un système cosmogonique et changement social. 2002. Tese (Doutorado em Ethnologie et anthropologie sociale) - École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 2002.

CLERC-RENAUD, Agnès. Praticar a etnografia “descobrimo o Brasil” nos anos noventa: ensaio de memória reflexiva. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 50, n 1., p. 235-252, mar./jun. 2019.

CONHEÇA as 10 melhores praias do Ceará. **TAP Air**. Portugal, 22 jan. 2022. Disponível em: <https://www.flytap.com/pt-br/destinos/sugestoes/conheca-as-10-melhores-praias-do-ceara>. Acesso em: 6 abr. 2024.

CRICK, Malcolm. Representations of International Tourism in the Social Sciences: Sun, Sex, Sights, Savings, and Servility. **Annual Review of Anthropology**, California, v. 18, n. 1, p. 307-344, 1989.

DAMATTA, Roberto. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 7-29, 2000.

DUNA de Jericoacoara que diminuiu de tamanho é ponto de encontro de turistas para aplaudir o pôr do sol. **G1**. Fortaleza, 31 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2023/03/31/duna-de-gericoacoara-que-diminuiu-de-tamanho-e-ponto-de-encontro-de-turistas-para-aplaudir-o-por-do-sol.ghtml>. Acesso em: 5 jun. 2024.

FAVRET-SAADA, Jeanne; SIQUEIRA, Paula. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005.

FONTELES, José Osmar. **Jericoacoara: turismo e sociedade**. Sobral: Edições UVA, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Tecnologías del yo**. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.

FREIRE, Rebeca Matos. **Além do “paraíso”**: estudo sobre a configuração da cadeia produtiva do turismo em Jericoacoara, Ceará. 2015. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

FUSSMAN, Cal. Beauty and the beach. **The Washington Post**. Washington, 14 mar. 1987. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/magazine/1987/03/15/beauty-and-the-beach/bdff84da-f4e9-48c9-baaf-8aba64a96905/>. Acesso em: 16 abr. 2024.

GABRIELLI, Cassiana. **O paraíso terreal não é cá, é lá**: o turismo sexual em Salvador/BA. 2011. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Gênero, Mulher e Feminismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

GALVÃO, Alessandro Gagnor. **Jericoacoara sonhada**. São Paulo: Annablume, 1995.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GEORGEN, J. **Área de Proteção Ambiental Jericoacoara**. Fortaleza: PRINTER/CE, UECE/NUGA, SUDEC/DRN, PRMA/DF, PMA/CE, CEDCT/CE, GTZ, Fortaleza, 1985.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia, política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 445-476, 2003.

GROSSI, Miriam Pillar. **Trabalho de campo e subjetividade**. Florianópolis: UFSC, 1992.

HANNERZ, Ulf. **Conexiones transnacionales: cultura, gente, lugares**. Madrid: Ediciones. Cátedra, 1998.

HIRANO, Luis Felipe Kojima. Marcadores sociais das diferenças: rastreando a construção de um conceito em relação à abordagem interseccional e a associação de categorias. *In*: HIRANO, Luis Felipe Kojima; ACUNÃ, Maurício; MACHADO, Bernardo Fonseca. (org.). **Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções**. Goiânia: Imprensa Universitária, 2019. p. 27-54.

JERICOACOARA. Projeto de lei complementar nº 052, de 23 de novembro de 2020. Disponível em: https://www.cmjijocadejericoacoara.ce.gov.br/requerimentos/588/PROEXE_052_2020_0000001.pdf. Acesso em: 6 abr. 2024.

JERICOACOARA. Projeto de Lei Complementar nº 082, de 12 de dezembro de 2023. Disponível em: https://www.cmjijocadejericoacoara.ce.gov.br/requerimentos/1087/PROEXE_082_2023_0000001.pdf. Acesso em: 15 maio 2024.

JERICOACOARA. Lei complementar nº 198, de 27 de dezembro de 2023. Altera o Artigo 180 da lei complementar nº 107/2015. Disponível em: https://www.jijocadejericoacoara.ce.gov.br/arquivos/1583/LEI%20MUNICIPAL_198_2023_0000001.pdf. Acesso em: 15 maio 2024.

JIOCA de Jericoacoara. **IBGE**. Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/jioca-de-jericoacoara/historico>. Acesso em: 28 jan. 2024.

JÚNIOR, Marcelino. Valor do metro quadrado em Jeri é comparado ao da Europa. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 13 jan. 2018. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/valor-do-metro-quadrado-em-jeri-e-comparado-ao-da-europa-1.1878638>. Acesso em: 16 abr. 2024.

KEMPADOO, Kamala. Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 25, p. 55-78, jul./dez. 2005.

LAGUNAS, David. El poder del dinero y el poder del sexo. Antropología del turismo sexual. **Perfiles Latinoamericanos**, Guatemala, n. 36, p. 71-98, 2010.

LIMA, Ingrid Carneiro de. **Os ventos da maritimidade no litoral do Ceará**: reflexos das práticas marítimas modernas no parque nacional de Jericoacoara-Ceará. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

LIMA, Luiz Cruz; SILVA, Ângela Maria Falcão da. **O local globalizado pelo turismo**: Jeri e Canoa no final do século XX. Fortaleza, Ed UECE, 2004.

LITTLE, Paul Elliot. Ecologia política como etnografia: um guia teórico e metodológico. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 12, p. 85-103, 2006.

LOPEZ SANTILLÁN, Àngeles; MARÍN GUARDADO, Gustavo. Turismo, capitalismo y producción de lo exótico. Una perspectiva crítica para el estudio de la mercantilización del espacio y la cultura. **Relaciones**, Zamora, v. 23, n. 123, p. 219-258, 2010.

LUTZ, Catherine; WHITE, Geoffrey M. The anthropology of emotions. **Annual review of anthropology**, v. 15, n. 1, p. 405-436, 1986.

MALINOWSKI, Bronisław. **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1976.

MARTINS, André. Turismo internacional: conheça as principais portas de entrada de estrangeiros no Brasil. **Ministério do Turismo**. Brasília, 11 jan. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/turismo-internacional-conheca-as-principais-portas-de-entrada-de-estrangeiros-no-brasil>. Acesso em: 28. jan. 2024.

MARTINS, André. Verão 2024 terá mais ofertas de voos. **Ministério do Turismo**. Brasília, 2 jan. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/verao-2024-tera-mais-oferta-de-voos>. Acesso em: 27 jan. 2024.

MARTINS, Helenita Maria Teixeira Marques. **Turismo e práticas artesanais**: efeitos da expansão turística. 2019. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

MARTINS, Helenita Maria Teixeira Marques, Lucas da Silva. Fazendo antropologia no extremo-oeste cearense: um estudo etnográfico da expansão turística na vila de Jericoacoara. REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 33., 2022, on-line. **Anais** [...]. On-line: ABA, 2022.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naif, 2003.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória de sentimentos. *In*: OLIVEIRA, Roberto Cardoso. (org.). **Marcel Mauss**: antropologia. São Paulo: Ática, 1979. p. 147-153.

MEDEIROS, Maria das Graças Lucena de. Trajetórias, Formas de Conjugalidade e Relações Sociais de Gênero entre Casais Binacionais. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 56-64, jan./ jul. 2011.

MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade. **Parque Nacional de Jericoacoara**: Trilhas para a sustentabilidade. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

MESQUITA, João Lara. Parque Nacional de Jericoacoara, desperdício que ICMBio não vê. **Mar Sem Fim**. s/l, 29 jul. 2015. Disponível em: <https://marsemfim.com.br/parque-nacional-de-jericoacoara/>. Acesso em: 20 out. 2019.

MOLINA, Fabio Silveira. **Turismo e produção do espaço**: o caso da praia de Jericoacoara, CE. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MOORE, Henrietta L. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 14, p. 13–44, 2015.

MOUTINHO, Laura. **Razão, " cor" e desejo**: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais" inter-raciais" no Brasil e na África do Sul. São Paulo: Unesp, 2004.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 25, p. 217-248, 2005.

PIMENTEL, Samuel. Jeri terá duas cobranças para entrar, W-Fi gratuito e souvenirs; veja o projeto. **Jornal O povo**. Fortaleza, 27 jan. 2024. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/economia/2024/01/27/jeri-tera-duas-cobrancas-para-entrar-wi-fi-gratuito-e-souvenirs-veja-projeto.html>. Acesso em: 15 maio 2024.

PISCITELLI, Adriana. “Gringas ricas”: Viagens sexuais de mulheres europeias no Nordeste do Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 79-115, 2010.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero, sexo, amor e dinheiro**: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas: UNICAMP, 2011.

PISCITELLI, Adriana. **Trânsitos**: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

REDE hoteleira em Jericoacoara tem ocupação máxima para feriadão. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 4 set. 2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/rede-hoteleira-em-jericoacoara-tem-ocupacao-maxima-para-feriado-1.3131879>. Acesso em: 14 set. 2022.

RIBEIRO, Fernanda Maria Vieira. **Táticas do sexo, estratégias de vida e subjetividades**: mulheres e agência no mercado do sexo e no circuito do turismo internacional em Fortaleza/Ceará. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

RITTNER, Maria Eduarda Noura Céu Rodrigues. **O matrimônio transpondo fronteiras**: a formação de famílias interculturais em um contexto de turismo afetivo-conjugal e de migração afetivo-conjugal. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

RODRIGUES, Lea Carvalho. Antropologia e políticas públicas de incentivo ao turismo: paradigmas e proposições teórico-metodológicas para esse diálogo. *In*: RODRIGUES, Lea; MORENO, Isidoro; RUBEN, Guillermo; PALENZUELA, Pablo (org.). **Trabalho, políticas públicas e estratégias empresariais**. Fortaleza: MAPP/Expressão Gráfica e Editora, 2010.

RODRIGUES, Lea Carvalho. Diretrizes da Política Nacional de Turismo e subsídios para sua avaliação. **Gestão Pública**: práticas e desafios Recife, v. 2, n. 1, p. 62-78, 2011.

RODRIGUES, Lea Carvalho. Turismo como estratégia de desenvolvimento na América Latina: dilemas e perspectivas de um modelo excludente. *In*: CARVALHO, Alba (org.). **Brasil e América Latina**: percursos e dilemas de uma integração. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

RODRIGUES, Lea Carvalho. Turismo em espaços urbanos: processos de turistificação no Nordeste brasileiro e no Caribe Mexicano. **RITUR**: Revista Iberoamericana de Turismo, Penedo, v. 5, n. 1, p. 81-104, abr. 2015.

RODRIGUES, Lea Carvalho; SANTOS, Potyguara Alencar dos. Populações tradicionais, turismo e conflitos territoriais: estudo etnográfico em Tatajuba, Ceará. **Cadernos do LEME**, Campina Grande, v. 4, n. 1, p. 67-93, jan./jun. 2012.

ROSALDO, Michele Zimbalist. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. **RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 18, n. 54, dez. 2019.

SACRAMENTO, Octávio. Turismo e transnacionalização da intimidade nos trópicos globais. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 256-273, 2016.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SCHWADE, Elisete; GROSSI, Miriam Pillar. Trabalho de campo e subjetividade: recuperando itinerários de diálogos. *In*: GROSSI, Miriam Pillar; SCHWADE, Elisete; MELLO, Anahí; SALA, Arianna. (org.). *In*: **Trabalho de campo, ética e subjetividade**. Tubarão: Copiart, 2018. p. 9-18.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SIMÕES, Soraya Silveira; SILVA, Hélio Raimundo Santos; MORAES, Aparecida Fonseca (ed.). **Prostituição e outras formas de amor**. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2014.

TRINDADE, Tiago Cantalice da Silva. **Dando um banho de carinho!**: os caçagrings e as interações afetivo-sexuais em contextos de viagem turística (PIPA - RN). 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

TOTA, Martinho; LIMA, Greilson José de; VÉRAS, Cassandra. "Meninas danadas": exploração sexual, prostituição e agência feminina em contexto indígena. **Vivência**: Revista de Antropologia, Natal, v. 1, n. 51, p. 26-49, 2018.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

VARGAS, Paloma. Consórcio que vai controlar parque de Jeri administra Cataratas de Iguaçu, Noronha e aquário do Rio. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 31 jan. 2024. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/consorcio-que-vai-controlar-parque-de-geri-administra-cataratas-de-iguacu-noronha-e-aquario-do-rio-1.3473092>. Acesso em: 15 maio 2024.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 113-148, 2002.

GLOSSÁRIO

Córregos: são localidades próximas à vila de Jericoacoara e estão aos arredores da Lagoa do Paraíso. Essas localidades têm acesso ao Parque nacional e também ao centro de Jijoca.

Estrangeira(o): no dicionário Priberam significa pessoa que tem nacionalidade diferente do país onde está localizada no momento. Na localidade Jericoacoara, são pessoas que têm origem de nascimento de outros países, mas também é um termo para marcar distinção social em relação ao acesso a lugares e espaços costumeiramente utilizados pelas pessoas que nasceram em Jijoca de Jericoacoara ou cidades próximas.

Gringa(o): termo êmico, utilizado pelas pessoas locais, trabalhadoras(es) e moradoras(es) para se referir às pessoas, em grande maioria, de nacionalidade europeia e norte-americana. Uma dúvida comum é pensar se uma pessoa africana, asiática ou de outras origens de nacionalidades podem ser consideradas gringas(os). Em Jericoacoara, eu identifiquei que gringas(os) são termos que são acionados diante de características físicas específicas, ou seja, pessoa caucasiana, pele branca, olhos claros, cabelos loiros ou ruivos, e com sotaque ou não falante de português brasileiro. Dessa forma, é possível que pessoas europeias e norte americanas não sejam consideradas gringas, ou mesmo pessoas de outras nacionalidades sejam consideradas por esse termo. A identificação acontece por características físicas e expressões pré-definidas.

Jeri: termo utilizado por pessoas locais em diferentes circunstâncias, no cotidiano, na localidade é costume apelidar.

Lagoa do Paraíso: também conhecida por Lagoa Grande, está geograficamente localizada no município de Jijoca de Jericoacoara, o nome Lagoa do Paraíso foi dado pelos turistas devido à tonalidade da água azul em momentos de reflexos solares.

Nativa(o): é designação local para pessoas que, devido ao tempo de permanência na localidade, aprendem os códigos e sabem as regras do cotidiano próprias aos convívios direcionados para as(os) moradoras(es) e trabalhadoras(es) em Jericoacoara.

Pessoa local: é um termo utilizado nessa dissertação para representar pessoas que são de origem brasileira e que residem e/ou trabalham em atividades turísticas em Jericoacoara. A pessoa local pode acionar o termo nativa(o) em diferentes momentos em seu cotidiano.

Quase nativa(o): utilizado para pessoas que estão autorizadas pelo tempo de residência na vila a se auto considerar nativas(os), independente da origem de nascimento. Essa expressão marca um pertencimento ao lugar; contudo, com ressalvas, que geralmente são marcadas pela convivência (idioma, sotaques, hábitos) e onde a expressão é acionada diante da autoafirmação de nativa(o). As pessoas estrangeiras podem estar nessa condição.

APÊNDICE A - INFORMAÇÕES GERAIS DAS(OS) ENTREVISTADAS(OS)

Tabela 1 - Informações gerais das(os) entrevistadas(os)

Nome do (a) entrevistado (a)	Perfil geral						Deslocamentos	
	Idade	Identidade de gênero	orientação sexual	estado civil	escolaridade	religião	Local moradia atual	moradias anteriores
Esther	54 anos	cisgênero	Heteros sexual	casada	profissionalizante/ enfermagem	cristã/ católica	Jeri	Itália
Eva	43 anos	cisgênero	Heteros sexual	união estável	ensino médio incompleto	não declarou	Jeri	Chapadinha - CE/Itália
Jade	32 anos	cisgênero	Heteros sexual	união provisória	não informou	não declarou	Jeri	Itália/Itapipoca
Julieta	39 anos	cisgênero	Heteros sexual	casada	concluiu o ensino médio	cristã/ católica	Jeri	São Paulo/ Pará/Itália
Leo	37 anos	cisgênero	Heteros sexual	solteiro	ensino superior	católico	Jeri	Jericocoara
Susy	42 anos	cisgênero	Heteros sexual	separada	superior incompleto	não possui	Jeri	Barcelona/Rio de Janeiro
Valentim	32 anos	cisgênero	Homos sexual	solteiro	ensino superior	não possui	Jeri	Irlanda/Epanha/ Mato Grosso do Sul
Nil	36 anos	cisgênero	Heteros sexual	solteiro	ensino médio incompleto	não informou	Jericocoara	Suíça/Camocim

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

APÊNDICE B - CRONOLOGIA DOS ACONTECIMENTOS EM JERICOACOARA

Tabela 2 – Cronologia dos acontecimentos em Jericoacoara

CRONOLOGIA DOS ACONTECIMENTOS EM JERICOACOARA		
1970	Chegada dos primeiros turistas	
1980	Emancipação de Jijoca de Jericoacoara instituída como cidade	Notícia internacional sobre Jericoacoara como paraíso.
1990	Aumento gradual de hotéis, pousadas e comércios	Infraestrutura de estradas para acesso de Fortaleza a Jijoca de Jericoacoara PRODETUR NE
2007	Criação do parque nacional de Jericoacoara.	
2017	Inauguração do aeroporto na cidade de Cruz.	Implantação da taxa de turismo sustentável- TTS
2017	Início da minha atuação como pesquisadora em Jericoacoara	
2018	Decretos municipais regularizando o comércio informal	
2020	Pandemia de COVID- 19	
2021	Reabertura gradual da vila com predominância do turismo nacional	
2022	Reabertura total e retorno de turistas internacionais	
2023	Processo de concessão do Parque Nacional	
2024	Aumento de construções de hotéis com 3 andares autorizados pela secretaria de meio ambiente para realização de festas privadas	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).